

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA**

**PRÁTICA DA CAPOEIRA
COMO ESPAÇO DE FORMAÇÃO**

Marco Antonio Santos da Silva

**Maceió
2006**

MARCO ANTONIO SANTOS DA SILVA

**PRÁTICA DA CAPOEIRA
COMO ESPAÇO DE FORMAÇÃO**

Dissertação de mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Educação Brasileira.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio da Costa Borba

**Maceió
2006**

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecária Responsável: Helena Cristina Pimentel do Vale

S586p Silva, Marco Antonio Santos da.
A prática da capoeira como espaço de formação / Marco Antonio Santos da Silva. – Maceió, 2006.
141 f. il.

Orientador: Sérgio da Costa Borba.
Dissertação (mestrado em Educação Brasileira) – Universidade Federal de Alagoas. Centro de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira. Maceió, 2006.

Bibliografia: f. 119-126.
Anexos: f. 125-141.

1. Capoeira. 2. Espaço de formação. 3. Negros – Brasil. 4. Cultura afro-brasileira.
I. Título.

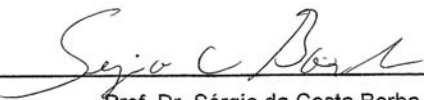
CDU: 796.8

MARCO ANTONIO SANTOS DA SILVA

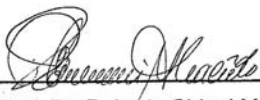
A PRÁTICA DA CAPOEIRA COMO ESPAÇO DE FORMAÇÃO

Dissertação de mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Educação Brasileira, orientada pelo Prof. Dr. Sérgio da Costa Borba.


BANCA EXAMINADORA



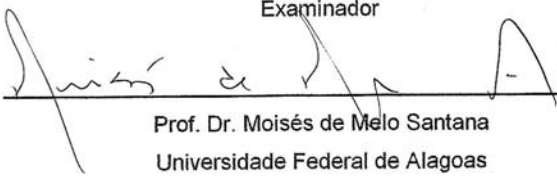
Prof. Dr. Sérgio da Costa Borba
Universidade Federal de Alagoas
orientador



Prof. Dr. Roberto Sidnei Macedo
Universidade Federal da Bahia
Examinador



Prof. Dr. Hélio José Bastos Carneiro de Campos
Universidade Federal da Bahia
Examinador



Prof. Dr. Moisés de Melo Santana
Universidade Federal de Alagoas
Co-orientador

Maceió, 10 novembro de 2006

DEDICATÓRIA

Aos meus pais:

Alírio Ribeiro da Silva

Marlene Santos da Silva

AGRADECIMENTOS

Ao professor Sérgio da Costa Borba, meu orientador, que acreditando no processo de formação que se desenvolve na prática da capoeira, disponibilizou seu tempo e conhecimento para tornar esta dissertação uma realidade;

Ao professor Moisés de Melo Santana, pelo incentivo nesta minha jornada;

Ao Mestre Nô (Norival Moreira de Oliveira), por me dar a oportunidade de conhecer profundamente os fundamentos desta arte genuinamente brasileira, e me acompanhar no meu processo de formação;

Ao Mestre Cláudio Severino dos Santos, por me contar sua história para compor minha pesquisa;

Ao Mestre Hélio Xaréu, amigo que, entendo, só a capoeira poderia me dar;

À Márcia Suzana, guardiã das minhas andanças no mestrado;

Aos alunos das Associações de Capoeira Angola Palmares e Quilombos Pôr do Sol de Palmares, pela participação, dando-me condição de suprir as necessidades de minha pesquisa.

À Jacelma Bernardo de Abreu, pela devida correção gramatical deste trabalho de pesquisa.

RESUMO

Uma manifestação cultural afro-brasileira pode, na sua prática, representar um espaço de formação numa sociedade? Esta pesquisa pretende mostrar como a capoeira, enquanto espaço de formação, propicia aos seus praticantes a oportunidade de interagir na sociedade a partir dos fundamentos próprios desta arte (ritos, práticas, argumentos filosóficos e história) - baseados na luta pela liberdade e igualdade - de forma maliciosa e lúdica, ora sendo o instrumento motivador da paz, ora do despertar da luta. Para atender aos fins desta pesquisa, o autor realizou o estudo com duas Associações de Capoeira, com espaços educativos em Alagoas e na cidade de Salvador. Com intuito de melhor situar a capoeira no contexto educacional e cultural, foi feito um breve levantamento histórico da vida do negro no Brasil como ser social, identificado e analisado à prática da capoeira e, finalmente, traçado um paralelo entre a prática pedagógica da capoeira e a inserção social por ela permitida. A metodologia utilizada foi de natureza qualitativa, e caracterizada por uma pesquisa etnográfica, com procedimentos metodológicos baseados em entrevistas, observações participantes dos trabalhos desenvolvidos pelo Mestre Nô (Associação Brasileira e Cultural de Capoeira Angola Palmares) e Mestre Cláudio (Associação de Capoeira Quilombos Pôr do Sol de Palmares) e na própria experiência de 18 anos do autor, praticando e ensinando a capoeira. O autor também entrevistou alunos das Associações pesquisadas, colheu depoimentos de professores, fez levantamento e pesquisa bibliográfica a partir do estudo de obras referenciadas na capoeira e educação. Este estudo está dividido nas seguintes partes: a história do negro no Brasil; a capoeira e sua história; e a capoeira como espaço de formação. O resultado desta pesquisa mostra que a capoeira, com seus fundamentos, metodologias de ensino e características pedagógicas próprias, insere o seu praticante, no contexto social atual, através tanto do reconhecimento histórico da sociedade em que vive, quanto da formação ideológica na busca incessante de igualdade e liberdade de expressão, ambos encontrados dentro da própria roda de capoeira.

Palavras-chave: Negro, Capoeira, Espaço de formação.

ABSTRACT

Can an afro-brazilian cultural manifestation in its practice represent a space of formation in a society ? This survey tries to show how capoeira, as a space of formation gives the appendices the opportunity to interact in the society, from the own basis of this art (rituals,practices, philosophical arguments and history) based in the fight for freedom and equality, in a malicious and playful way, sometimes being the peace causer instrument , sometimes being the fight rousing. In view of the circumstances of this survey the author accomplished the study with two capoeira associations with educative spaces in Alagoas and in the city of Salvador. With the purpose of a better positioning in the educational and cultural context, a brief survey on the life of the negro in Brazil as a social being was done, identified and analyzed the practice of capoeira and finally being outlined a parallel between the pedagogic practice in capoeira and the social introduction allowed by it. The used methodology was of quantitative type and characterized by a ethnographic survey with methodologic procedures based in the interviews and participant observations of the work developed by Mestre Nô, from the Capoeira Angola Palmares Brazilian and Cultural Association, Mestre Cláudio from the Capoeira Quilombos Pôr do Sol de Palmares Association and the author's own experience of 18 years of practicing and teaching capoeira. He also interviewed students from the inquired associations, got testimonies from the teachers, made a survey, and bibliographical survey with the study of the referred works in capoeira and education. This study is divided in the following parts : The history of the negro in Brazil, Capoeira and its history and Capoeira as a Space of Formation. The result of this survey shows that capoeira with its basis, teaching methodologies and its own pedagogical characteristics, introduces its appendice in the current social context through the historical recognition of the society in which he lives, of the ideological formation searching constantly forequality and freedom found within the circle of capoeira.

Key-words : Negros, Capoeira, Space of Formation.

LISTA DE ABREVIATURAS

ABCCAP – Associação Brasileira e Cultural de Capoeira Angola Palmares – Sede em Salvador/BA.

CESMAC – Centro de Estudo Superior de Maceió

FEDF – Fundação Educacional do Distrito Federal.

ONG's – Organização Não Governamental

FASE - Federação para Assistência Social e Educacional de São Paulo),

IBGE – Instituto Brasileira de Geografia e Estatística

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPITULO 1 - O NEGRO NO BRASIL	40
1.1 A chegada do negro no Brasil	40
1.2 A formação dos quilombos – Uma nação negra	43
1.3 A libertação dos escravos – Processo necessário ou estratégico?	48
1.4 A situação do negro após a pseudolibertação – A luta que ainda não acabou	51
1.5 Educação e relações sociais – Um breve histórico	54
CAPITULO 2 - A CAPOEIRA E SUA HISTÓRIA	60
2.1 A prática da capoeira – Alternativa para a liberdade	60
2.2 Mestre Pastinha e Mestre Bimba – A Formação na visão destes Mestres	64
2.3 Fundamentos e filosofias na prática da capoeira – Um espaço de conhecimento	70
CAPITULO 3 - A CAPOEIRA COMO ESPAÇO DE FORMAÇÃO	72
3.1 A capoeira e sua participação no processo de formação	72
3.2. Os instrumentos e musicalidade na prática formativa da capoeira	74
3.2.1 A instrumentação na Capoeira Angola	75
3.2.2 A música na Capoeira Angola	76
3.2.3 A capoeira e a vida - Filosofando com a capoeira	77
3.3. A capoeira como influenciadora de outras práticas de trabalho – Capoeira e Somaterapia	78
3.4 As contribuições da prática da capoeira nos trabalhos sociais do Mestre Nô e Mestre Cláudio - Análise das entrevistas	80
3.5 A formação da pessoa na prática da capoeira – Noções de limites e cidadania; Reconhecimento de uma identidade; Reconhecimento da sua cultura; Ética; disciplina	87
CONCLUSÃO	94

REFERÊNCIAS	96
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	101
ANEXOS	104

INTRODUÇÃO

Ô da licença, que agora eu vou contar a história de uma luta, a história da escravidão. Os negros Bantos eram pegos em Angola, pra cá eram traficados, forçados a trabalhar; e na senzala, negro ficava a ferro, muitos morreram no tronco de tanto apanhar. Dor. Só existia dor, na malícia do chicote e no batuque do tambor... Uma luta, então, nascia. A esperança chegou. Mas um dia, o senhor se assustou: negro tava apanhando e logo se levantou, e começou a gingar, e começou a gingar. Negro, o que tu está fazendo negro? Senhor do engenho, agora vou lhe matar, com o aú e cabeçada; agora vou lhe matar, com a minha capoeira; agora vou me libertar... (DOCUMENTO, 1998, CD).

Entendendo caminhos

Início esta minha dissertação pontuando alguns dos resultados educativos que a prática da capoeira proporciona ao seu praticante, o qual, envolvido com esta prática, adquire uma formação baseada em aspectos educacionais, propício ao convívio em sociedade. Esta formação dá-se a partir de várias situações envolvendo o multiculturalismo, termo que, segundo Fleuri (2003, p. 17) “tem sido utilizado como categoria descritiva, analítica, sociológica ou histórica, para indicar uma realidade de convivência entre diferentes grupos culturais num mesmo contexto social”. Sendo assim, trago para discussão um jeito de educar e formar não-formal – entendendo a educação formal a que hoje temos nas nossas escolas - desenvolvido por necessidade de adaptação a condições adversas. Por esta razão, dentro deste processo, muito do imaginário popular coletivo está presente, ora validando, na prática, seus resultados, ora mostrando que personagens, enredos, crenças são necessários para formar condutas, extrair entendimento de situações variadas, aguçar curiosidade, revelar sobre nossa identidade e estimular a criatividade em nossa vida (a exemplo do nosso Saci Pererê, Mula-sem-cabeça, Lobisomem, Caipora, Cuca, Boitatá, entre outros. Personagens e estórias que tanto embalam nossa infância). Sei da minha responsabilidade para com a Academia no que diz respeito a atender as expectativas na apresentação de um texto claro, com problema bem identificado, objetivos bem definidos, metodologia coerente, etc, mas, alerta aos leitores que, embora a minha intenção também seja a de atender a estes pontos, discutirei situações aprendidas nas Associações de capoeira com os mestres desta arte, que com pouco conhecimento das letras, transformam e educam pessoas através do ensino da arte/cultura,

portanto, entendo que neste trabalho atenderei a variadas expectativas e, como não poderia deixar de ser, verei, em alguns momentos, ficar a desejar ora para o corpo da academia, ora para a grande legião de mestres e professores de capoeira, os quais desejo que este trabalho seja mais um dos motivadores de pesquisa nesta área.¹

Ainda dentro das questões que envolvem meu trabalho, deixo claro que não há julgamento de ações, nem tampouco elucidações a respeito deste ou daquele método: apenas procurei focalizar, durante todo o processo de pesquisa, a capoeira enquanto experiência educativa, na qual todo o aprendizado acontece de forma coletiva, que ora se faz afins com diversos autores educadores, ora desconsidera o real, existindo somente no imaginário coletivo destes praticantes. “Porque na verdade a capoeira é arte de se fazer o que ninguém espera na hora que tá contando... Quando procuram homem é melhor a gente ser bananeira, mas quando procuram bananeira é melhor virar gente de novo” (CARVALHO, 2002, p. 107) Tais elementos, que se apresentam de forma aparentemente fantasiosa, em alguns casos darão os suportes necessários a algumas das ações que serão desenvolvidas por estes educadores da arte popular.

Aqui, busquei um entendimento sobre como acontece os saberes na prática da capoeira, através das categorias: memória, oralidade, ritualidade e temporalidade, com foco em duas experiências de grupos de capoeira distintos e em minha própria experiência como Contra-Mestre de capoeira da ABCCAP², visando ter uma compreensão do processo de formação envolvendo os sujeitos e trabalhos pesquisados, e com isto, compreender melhor as questões sobre as abordagens pedagógicas, seu processo de participação, caráter dialógico envolvidos e as possibilidades de inserção dentro das questões curriculares das escolas de forma breve e provocante - para não fugir da minha intenção inicial - e constatar formas educativas numa perspectiva multireferencial.

Desta forma, apresento um trabalho sobre capoeira e educação sem a intenção de problematizar, em suas especificidades, discussões sobre sua inserção no universo escolar ou sua interação com disciplinas afins, mas provocar um pensar sobre este assunto.

É a partir deste ponto que começo a explicitar a definição de meu trabalho. Iniciei esta pesquisa a partir da crença adquirida nas minhas experiências na prática da arte da capoeiragem e na participação em diversas entidades, como a Federação Alagoana de

¹ Em convite ao Mestre Gildo Afinete – aluno do Mestre Pastinha – para participar de um debate sobre a capoeira com membros de uma universidade, ele ressaltou que não gostava de intelectual, pois os mesmos só entendiam de livros, e pouco sabiam de capoeira, dificultando assim, ao seu ver, as discussões sobre a arte.

² ABCCAP – Associação Brasileira e Cultural de Capoeira Angola Palmares – Sede em Salvador/BA.

Capoeira, Associação de Capoeira Angola Palmares, e como professor de capoeira nas escolas Albert Einstein, Futuro, Anglo, Ângulo e Centro Social da Jatiúca.

A prática da capoeira sugere diversas formas e argumentos de relações sócio-culturais baseados na cultura negra, fonte inesgotável de criação, adaptação e resistência. Apresento esta pesquisa a partir de dois trabalhos de Mestres de capoeira que representam resultados importantes nos contextos abordados. Desta forma situado, vejo o meu trabalho como um retrato do que é possível conseguir com a prática da capoeira quanto às questões de desenvolvimento pessoal, profissional e participativo, prática esta, ao meu entender, formadora de pessoas.

A prática da capoeira e meu processo de formação como cidadão e educador

Iniciei a prática da capoeira aos 17 anos. Porém, bem antes disto eu já acompanhava o desenrolar desta arte nas Festas de Largo e mercados de Salvador. Ainda nesta época, a capoeira era predominantemente de consumo turístico e acadêmico³: a existência de shows e academias em bairros de periferias era a maneira de divulgar esta arte que, ainda sofrendo as influências de ações realizadas por Getúlio Vargas, quando da liberação desta prática, tinha a questão do corpo como forma de se apresentar.⁴ Foi assim que conheci – sem apresentação – muitos mestres de capoeira famosos no Estado da Bahia que, tempos depois, seriam reconhecidos no Brasil e em muitos países dos continentes americano e europeu. Alguns, já no final de sua vida, donos de uma sabedoria popular ímpar, deixavam-nos e, muitas vezes, levavam consigo todo o conhecimento adquirido nas suas vivências.⁵ Apesar da minha insistência, junto a minha família, para praticar capoeira, sempre me negaram este direito por, segundo meus pais, “ser coisa de negro⁶ e de maloqueiro⁷”. Por conta disso, inscrevi-me,

³Academias de capoeira, onde se aprendia muito mais o contexto marcial da arte.

⁴ A finalidade de legalização da capoeira foi a de permitir a constituição de um campo de apoio à política de uniformização social que o estado novo implementaria (1937-1945) –CAPOEIRA, Nestor. p. 60.

⁵ Por ser todo este conhecimento transmitido de forma oral para seus alunos, os saberes destes mestres na sua essência morriam com ele. Sem registro, não há como consultar.

⁶ A palavra negro para minha mãe demonstrava a forma como o racismo manifestava-se na nossa família, resultado direto da nossa relação social. Para ela, “a imagem do negro ainda estava associada a atividades de pouco ou nenhum prestígio social” (VASCONCELOS; SILVA JUNIOR, 2005), o que ainda se sustentava no ideal de branqueamento, conceito antropológico que afirma existir em nossa sociedade uma tendência a tomarmos a cultura e as características brancas como padrão de excelência.

⁷ O termo maloqueiro reforçava a visão de desocupado, vadio, que buscar sempre desordem, representada pela figura do capoeirista ao ver dos meus pais.

incentivado por meus pais, em aulas de Karatê, Judô e Taekwondo⁸, em uma tentativa de desviar a minha atenção da capoeira, o que pouco adiantou.

Contando eu dezoito anos, minha mãe mudou-se para o bairro da Boca do Rio, bairro no qual morava o Mestre Nô (Norival Moreira de Oliveira), mestre de capoeira conhecido e respeitado nas rodas de ruas pela sua técnica, coragem e habilidade, além de ser profundo conhecedor dos fundamentos desta arte. Nesta oportunidade, meus pais conheceram a família de Mestre Nô (na época, constituída por duas meninas, Gina e Sana, e um menino, Nozinho, que já desde crianças praticavam a capoeira ainda como forma de brincadeira), e então ficaram amigos, convivendo como bons vizinhos aos moldes de Salvador (Ainda nesta época, em Salvador, normalmente toda vizinhança era uma família: conversavam, ajudavam-se, brigavam e faziam as pazes, comemoravam, tomavam cervejas juntos e sempre sabiam que podiam contar um com o outro).

Neste mesmo período, fui convidado por um colega, Jorge Miguel, para participar de um evento de capoeira no Parque Júlio César, onde pela primeira vez, pude assistir a um batizado de capoeira.⁹ Ali comecei a enxergar a capoeira como uma arte de muita relevância para o coletivo: o educar coletivo.¹⁰ Comecei a perceber como era importante a participação de todos para o brilho final daquele momento. Todos tocavam, cantavam, jogavam. Havia certa dose de desafio, um defender dos menos avisados do que é possível se encontrar em uma roda de capoeira. Algo místico que não se explica, mas se sente.

Após este dia, comecei a imaginar como faria para treinar capoeira, e para minha surpresa e felicidade, o Mestre Nô, por motivos diversos, mudou o seu local de ensino para o Clube Português da Bahia, entidade de lazer da classe média alta de Salvador. Daí, foi só juntar a consideração dada pela vizinhança ao Mestre Nô com um local que representava a sociedade da qual eu fazia parte naquele momento, e lá estava eu participando de um novo e diferenciador contexto de formação social. Foi assim que, inscrevendo-me na primeira turma de capoeira do Clube Português, iniciei o que se tornou para mim a maior experiência da minha vida, a melhor “escola” que frequentei, e acesso a um espaço de formação sem igual. Vale à pena ressaltar que todas estas dificuldades encontradas para treinar capoeira refletem, de forma clara, a discriminação da cultura afro-brasileira por parte da sociedade, que naquele momento, era formalmente representada por meus pais e suas atitudes.

⁸ Lutas de origem orientais e muito aceitas por demonstrar disciplina e autocontrole nas ações desprendidas.

⁹ Momento em que o aluno passa a ser reconhecido pela comunidade capoeirística como um praticante da arte, e outros recebem títulos pelo resultado do aprendizado durante determinado período. Este evento tem uma intenção muito parecida com o ritual católico de batismo, com atos diferentes.

¹⁰ “Ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho, os homens se educam em comunhão” (FREIRE, 1992, p.28).

Nesta primeira turma havia alunos de curso superior, cursando o segundo grau, e outros sequer alfabetizados. Pessoas de classes sociais variadas, de pensar diferente e de realidades distintas. As aulas eram ministradas a todos com a mesma metodologia, embora cada um as entendida e reproduzida de uma maneira pessoal. Da ginga,¹¹ por exemplo, era ensinada a base, esta que aos poucos, ia tomando forma, a forma do aluno, ou seja, a sua maneira de ver a vida refletida no gingar do corpo, dentro de suas limitações, fossem elas físicas ou emocionais. Neste momento, o corpo “falava”. Para Fernández (apud SOARES 2006) “o corpo está relacionado à vida, a uma dimensão maior do que o organismo. ‘Organismo é um sistema de auto-regulação inscrito, enquanto o corpo é um mediador, um sintetizador de comportamentos eficazes para a apropriação do sujeito. O corpo acumula experiências, automatiza movimentos’.” Para Weil; Tompakow (1986, p.), “O corpo é um centro de informações. É uma linguagem para nós mesmos, linguagem essa que não mente. Nosso corpo “fala” através de nossos gestos e movimentos”.

Neste universo de saber coletivo, chamava-me a atenção a identificação destes alunos com a arte da capoeira, com o prazer de representar a cultura afro, a sede de aprender a tocar os instrumentos, os toques e o envolvimento com a música, e tudo isto ia sendo transmitido para mim que, cada vez mais, via-me instigado a estar naquele local, naquele momento. Ser capoeirista deixava de ser somente uma situação, tornava-se uma decisão filosófica, social e política minha e dos meus colegas de aula.

Dentro desta ótica, a primeira lição que aprendi foi sobre minha história: de onde eu vim, de quem eu era descendente, o que significava ser negro. O contato com pessoas de diferentes raças¹² mostrou-me a diversidade cultural em que eu estava envolvido e que ainda não tinha conhecimento. O contato com os instrumentos de origem, ou adaptados aos cultos afro-brasileiros (atabaque, reco-reco, agogô, berimbau), fez-me enxergar com outros olhos a minha cor e questionar a minha educação.

Com a prática da capoeira, com o conhecimento da sua história (que desmascara a falsa liberdade que o negro vivia naquele momento), fui despertado tanto para o importante significado da cultura negra baiana, sua religiosidade, suas manifestações, sua culinária como, na sociedade, para o que significou esta mistura de raças ocorrida no Brasil, desde os tempos de colônia até os tempos atuais. Foi lá que aprendi a me defender, não só fisicamente, mas com a inteligência, bom senso e malandragem, muitas vezes também chamada de malícia,

¹¹ Ginga – Movimento básico e particular da capoeira. É a partir dela que partem todos os outros movimentos, movimentação que distingue a capoeira de outras lutas.

¹² Neste espaço, o Mestre Nô recebia também muitos estrangeiros que queriam aprender capoeira ou tinham curiosidade em conhecer a arte.

mandinga¹³. Aprendi também a diferença - nesta sociedade dispare - entre o que pode ser considerado certo ou errado dentro das relações desiguais em que vivemos e, principalmente, se precisamos ser assim e/ou quando ser assim. Certa feita, em uma roda de capoeira, um aluno nosso, não querendo apanhar de um mestre da nossa associação, aplicou-lhe um golpe traumático que o fez cair no chão de dor. De imediato, o mestre parou a roda e reclamou com o aluno, e o mesmo falou: - “Foi o senhor que me ensinou isto, Mestre”, no que o mestre, prontamente, completou: - “Sim, e ensinei também quando e com quem usar, e você errou nestes dois itens”. Este episódio fez-me entender que as pessoas, todas elas, têm direitos e deveres, e que “uma andorinha só não faz verão”¹⁴. Finalmente, compreendi como as escolhas e decisões pessoais podem ajudar ou prejudicar o andamento social de uma comunidade. Aprender a conviver com a diferença faz parte do praticar capoeira. Nas aulas e nas relações pessoais estamos sempre diante das diferentes classe sociais, experiências, idades, gênero, raça, formação intelectual, situação financeira e outros sem números de diferenças.

A presença do Mestre Nô sempre foi importante neste processo. Conhecedor profundo da capoeira, ele sempre estava alertando para possíveis dificuldades na vida, apoiando nossos estudos, formação intelectual e trabalho. “Se não der para vir ao treino por causa de trabalho ou responsabilidade com estudo, não se preocupe, a capoeira também é isto, e você tem muita vida pela frente, só não deixe de treinar”, dizia ele a mim e a outros muitos alunos que faziam cursos superiores ou trabalhavam para sustentar a família. O conhecimento que Mestre Nô possui sobre capoeira, ultrapassa as questões de luta e arte que norteavam a prática daquela época. A estas, soma-se um quê de filosófico¹⁵, social¹⁶, às vezes político¹⁷, mas sempre de uma forma faceira, envolvente e fundamentada. Era essa a capoeira a mim apresentada naquele momento. Criado em regime muito inflexível em termos de educação doméstica, senti também a violência que agora era apresentada a mim no envoltório do estalar do martelo, no tombo da rasteira, no desequilibrar da banda, na velocidade da meia-lua de

¹³ “Oração”, para o Mestre João Pequeno; “Conhecimento do invisível”, para o Mestre Nô; “É alma do jogo”, para Mestre Camisa; “É uma ginga particular”, para Mestre Augusto; “ É uma forma de jogar, é uma forma lúdica de viver”, para Mestre Xaréu.

¹⁴ Ditado popular sempre pronunciado pelo Mestre Nô quando nos chamava atenção quanto a participação no andamento da roda de capoeira, alertando que se todos não participassem, o resultado seria menor.

¹⁵ As perguntas do porquê fazer, por que era assim, o fato de tudo ter um sentido, dava ao aluno a oportunidade de pensar e questionar seus atos.

¹⁶ Nas turmas do clube português, Mestre Nô, sempre que possível, levava alguns alunos da periferia e dizia: “Trago eles aqui para poderem participar um pouco de algo que eles não teriam a oportunidade se não fosse a capoeira”. Mencionando o local de treino, um clube recreativo.

¹⁷ Muitas vezes seu posicionamento deixava-nos clara a intenção política em suas falas: “Devemos estar sempre unidos. O capoeira precisa ser forte, pois o mundo lá fora não dá trégua pra ninguém. Se quisermos ter alguma coisa, temos que ir lá buscar”.

compasso¹⁸, e com eles, o buscar das alternativas pertinentes, no intuito de ganhar aquele ou este jogo.

Certa vez, jogando com o professor Lázaro, fui atingido por um golpe que me jogou fora da roda. Ainda meio desequilibrado, voltei para a roda, e quando me agachei no pé do berimbau para reiniciar o jogo, ouvi do Mestre Nô: “Pensei que você não ia voltar para o jogo. Aqui eu admito tudo, menos medo do desafio. Não que você tenha que ganhar todas, mas é preciso sempre saber lidar com isto”.

Minha vida na capoeira foi sendo acompanhada pelos estudos e, mais tarde, pelo trabalho, nos quais eu sempre usava toda a graça da capoeira para conseguir meus espaços, amigos e crescimento como pessoa. As dificuldades na vida iam aparecendo, e como na roda de capoeira, a todo instante eram vivenciadas com o intuito de entender para ser entendido. “Cada canto uma reza, cada salto uma oração. O que faz levar vantagem é a malícia do negão...” (Música de domínio popular).

Em 1989, por motivo de trabalho, mudei-me para Maceió-AL. Deixava de treinar capoeira na Bahia com Mestre Nô, mas não de praticá-la. Comecei a estudar a capoeira e suas diversas manifestações. Começava a jogar, assim, um jogo mais perigoso, de idéias e conhecimento da verdade, que muitas vezes a sociedade não quer ver. E foi assim que a capoeira ensinou-me a “falar” - nas rodas comecei a cantar, e daí minhas palavras tomaram rumo, um caminho que tive mais do que certeza que não teria volta. Em 1995, ajudei a fundar a Associação Cultural de Capoeira Aluandê. Com isso, a capoeira de Maceió começava a ter um caráter mais oficial¹⁹. A intenção era adquirir mais espaço na sociedade através da legalização da entidade.

Aprofundava-me e me envolvia cada vez mais com a capoeira. Na intenção de melhorar meus conhecimentos em relação aos movimentos realizados na capoeira, fiz o curso de Educação Física pela Escola de Educação Física de Alagoas. Com o propósito de melhor compreender as questões filosóficas, promovi cursos, congressos, encontros, Fórum Cultural e palestras com Mestres de renome na Bahia e Brasil, como Mestre Mário Bom Cabrito, Mestre Mala, Mestre Augusto, Mestre Geni, Mestre Nô e Fred Abreu. A capoeira também me levou a compreender melhor a questão do Educar, e assim, fiz o curso de Pedagogia pelo CESMAC – Centro de Estudo Superior de Maceió - e me inseri, assim, no mundo formal da Educação Brasileira.

¹⁸ Golpes de capoeira lançados na roda em momentos diversificados e inesperados durante o momento do jogo.

¹⁹ Fomos a primeira Associação a ter uma diretoria, documentação, estatuto e regimento, conforme as solicitações legais de cartório.

A partir destes conhecimentos, comecei a fazer um paralelo entre o que tinha aprendido nestes processos de formação acadêmica e o que tinha aprendido na prática da capoeira e, notei que nas aulas de capoeira, muito do que eu vi na faculdade, de certa forma, eu já sabia, pois estava ali, na roda, nas sutilezas da arte ministradas e acompanhadas pelo Mestre Nô, mesmo à distância (pois fiquei um tempo em outra cidade). Ratificando para mim a importância do acompanhamento pedagógico além do espaço físico da escola, o mestre sempre manteve contato e visitas, e com seus ensinamentos, orientava-me na vida, ao passo que me deixava a par de tudo que acontecia com a capoeira. Como sempre digo, “a pedagogia da presença deve ser constantemente seguida pela pedagogia do exemplo”.

Neste mesmo período, com um público bastante variado, a capoeira foi se infiltrando na sociedade baiana, e deixando de ser o que para muitos era coisa de malandro, passou a para ser considerada símbolo da cultura da Bahia, a qual, na época, estava se projetando para o mundo, sendo a capoeira o seu maior representante. A capoeira da ABCAP não foi diferente. Formou professores em capoeira e os “exportou” para a Europa, Oriente Médio e EUA, ratificando um compromisso, ainda que oculto, de uma formação que oportuniza um viver social até mesmo em outros países.

Comecei a ensinar a capoeira em escolas²⁰ e Centros Sociais no ano de 1998, aplicando os seus fundamentos com o desejo de formar cidadãos e ajudar a escola na sua tarefa de educar, passando para meus alunos os conceitos que, através da cultura afro-brasileira, transformaram-me, tornando-me mais flexível, confiante, seguro e com uma visão crítica e ideológica do meu espaço social, ciente de minha identidade racial, resultado da mistura de raças que formam o nosso povo, destacando-se a raça negra.

Neste mesmo ano, a capoeira já se encontrava em diversos projetos de escolas e universidades do Brasil, fomentando um espaço para a manifestação da cultura brasileira. Segundo Falcão (1997, p.11-12), “A escolarização da capoeira surge como um esforço de valorização das manifestações da cultura popular brasileira a partir das instituições escolares... Vem acompanhada, a princípio, de fortes traços e características que a identificam como tal”. Apesar desta investida dada pela capoeira no Brasil, nada de oficial temos ainda no contexto escolar nos estabelecimentos em Alagoas.

Alguns livros e trabalhos acadêmicos trataram da inserção da capoeira na escola, como por exemplo, *Capoeira na Escola e Capoeira na Universidade*, do Mestre Xaréú²¹, A

²⁰ Colégio Anglo, Futuro e Albert Einstein – alunos do ensino médio e fundamental.

²¹ Capoeira na Escola e Capoeira na Universidade.

escolarização da capoeira, do Mestre Falcão²² e *Projetos apresentados a FEDF – Fundação Educacional do Distrito Federal*, de Mestre Zulu²³, entre outros, com foco nos ganhos que o ensino da prática da capoeira pode trazer para a educação.

A presença da capoeira nas instituições de ensino, enquanto conteúdo programático pode contribuir para a construção de uma proposta pedagógica transformadora uma vez que em sua trajetória histórica encontramos elementos completos que se ritualizam na prática, contestando muitos valores hegemônicos presentes na sociedade brasileira atual (FALCÃO, 1997, p. 11-12).

Particpei todo este tempo como aluno e, mais tarde, também como membro da Associação de Capoeira Angola Palmares²⁴, entidade fundada pelo Mestre Nô, a qual tinha a intenção inicial de formar capoeiristas (que muitas vezes viviam de suas apresentações para ganhar a vida em casas de shows baianas e que, em alguns casos, ampliavam depois seu leque de atuação em diversos estados do Brasil e países do exterior), porém, algum tempo depois, esta passou a participar de processos educativos e de inclusão social em escolas, centros sociais, ONG's, clubes e ruas de bairros da periferia de Salvador e outras cidades do Brasil.

Quando comecei a ensinar capoeira nas escolas de classe média alta, tive algumas surpresas por parte do corpo docente, que teimava em aceitar a capoeira apenas como uma prática desportiva lúdica, uma brincadeira, desprezando sempre os argumentos ideológicos e denunciadores dos mecanismos de opressão que ela representava através da sua história. A aprovação de projetos apresentados à direção das escolas era feita de forma abstrata, pois não levavam em conta uma análise junto ao corpo docente, tampouco a aplicação de recursos, fossem humanos ou financeiros. O que se percebia, inclusive, é que se fazia presente a então preservação da cultura dominante (“dos brancos”) e exclusão da cultura do negro, algo que eu só percebera algum tempo depois.

Paralelo a estes trabalhos nas escolas particulares, outros capoeiristas da cidade de Maceió buscavam espaços físicos em instituições públicas do Estado e Município de forma voluntária, sem nenhum vínculo com a direção ou corpo docente das escolas²⁵. Mesmo sem esta relação, a capoeira ia aos poucos participando da vida dos alunos e comunidades que estas escolas envolviam.

Nestes espaços, alguns professores, ou até mesmo alunos sem preparo algum, passavam a arte pura e simples, sem nenhuma fundamentação ou metodologia, reforçando, para o corpo docente da escola, a visão limitada de ser a capoeira apenas um conjunto de

²² A escolarização da capoeira – 1996.

²³ Projetos apresentados a FEDF – Fundação Educacional do Distrito Federal.

²⁴ O autor hoje é secretário geral da ABCCAP no Brasil e exterior.

²⁵ O espaço mencionado tratava-se, na maioria das vezes, de espaço físico para as aulas de capoeira. Nada tinham a ver com a intenção de relacionar os espaços formais e informais.

movimentos. Ainda assim, como em toda a sua história, a capoeira foi alcançando um espaço a mais para participar do contexto social, e ser reconhecida como um elemento importante de formação na sociedade brasileira. Dos trabalhos realizados por capoeiristas nas escolas, o trabalho que chamou minha atenção foi o realizado pelo Mestre Cláudio, que acabou servindo como uma das bases para esta dissertação.

Importante relatar que, apesar de ter formação superior e trabalhar em uma das grandes petroquímicas brasileiras, muitas vezes eu sofria certa rejeição e discriminação por ser professor de capoeira. Tiradinhas tipo como “capoeira é coisa de maloqueiro”, “Deixa disso, rapaz. Vai fazer karatê ou Judô, que é coisa séria”. Certo dia, meu supervisor disse a mim: “Já pensou, rapaz, se o pessoal da administração passa pela rua e vê você de cabeça para baixo dando pernada nos outros? O que vão pensar da empresa?”. Episódios como estes retratam a discriminação social sofrida pela prática da capoeira, e por que não dizer, pelas manifestações culturais afro-brasileiras. Decerto, alguns colegas até davam determinado valor ao fato de ter um amigo capoeirista, mas, ainda assim, diziam: “eu é que não boto meus filhos na capoeira. Só tem vagabundo”. Apesar de me considerarem uma exceção no meio capoeirístico, tal afirmação vem demonstrar, além de um total desconhecimento da nossa cultura, uma completa impregnação do momento anterior da capoeira, no qual esta era freqüentemente vista nas arruaças e brigas de discriminados socialmente, ou ligada a furtos e agressões, levando sua prática a ser proibida até por Lei²⁶, o que trataremos adiante com mais detalhe. Embora a cultura afro-brasileira tenha-se mostrado crescente²⁷ em seus aspectos mais profundos, a sociedade brasileira continuou impregnada de antigos conceitos e pré-conceitos; nada mudou, ou pouco mudou.

Entendo que a capoeira levou-me pelos caminhos que hoje trilho, conhecendo-me, entendendo-me em cada situação de vida, convivendo e entendendo as pessoas de diferentes classes sociais, de diversos valores a serem aceitos e idéias ainda por serem alcançadas.²⁸ Percebo, ainda assim, a capoeira como uma forma ímpar de formação/educação, de preparo para as dificuldades da vida, nesta roda de capoeira - roda da vida²⁹ - em que todos estão participando, ainda que não tenham consciência disto.

²⁶ Código penal brasileiro nos artigos 402 e 404.

²⁷ Apesar da crescente evolução e apresentação da cultura afro-brasileira no Brasil, principalmente na Bahia, através dos blocos afros, centros religiosos e capoeira, resgatando costumes e disseminando a arte, isto não serviu para quebrar o preconceito e a discriminação do negro.

²⁸ “A capoeira é uma filosofia de vida, ela ensina a gente a viver, é preciso tempo para entender ela”. Mestre Nô em informação verbal, 2006.

²⁹ A roda da capoeira apresenta-se como um grande palco de simulações, intenções, verdades e mentiras. Algumas situações são extremamente sérias; outras, o oposto. O lado lúdico confunde-se com situações quase sem saída. Olhando toda esta representação, podemos facilmente comparar estas situações com o nosso dia-a-

Minha experiência e pesquisa levaram-me também à conclusão de que a capoeira não é cura para todos os males, afinal, ela é sinônimo de revolta, e com tal, também pode levar o praticante a interpretações e caminhos diferentes dos mencionados no parágrafo anterior. A capoeira pode ser, e deve ser, parte importante de outros processos estruturantes, tais como os da família, escola, grupos sociais e outros, participando e contribuindo na construção de uma sociedade melhor formada em seus valores, crenças e ideais. Desta forma, tanto ela poderá ajudar, como poderá ser ajudada.

As Associações: Fontes de pesquisa

A Associação Brasileira e Cultural de Capoeira Angola Palmares (ABCCAP) foi fundada em 1981 pelo atual presidente Mestre Nô (Norival Moreira de Oliveira), desenvolvendo trabalhos sociais em diversos estados do Brasil e países do exterior, mostrando a evolução em conceitos e aproveitamento do processo de formação que se desencadeiam por meio de sua prática.

Esta associação teve seu início na periferia de Salvador. Trocou de nome algumas vezes e cresceu nas suas intenções e projetos relativos ao ensinar da capoeira. A Associação, ainda no começo de sua formação, por volta dos anos 70, denominava-se grupo de capoeira. Os praticantes desta entidade (que existia de fato, mas não de direito)³⁰ disputavam com outros grupos espaços na sociedade, de forma ainda a dar trabalho às autoridades locais, por causa de confusões e disputas. Isso era comum principalmente em rodas de rua, em que o aprendizado era voltado praticamente para um único fim: defesa pessoal. Entretanto, no íntimo, já existia o buscar da disciplina, do diálogo e do posicionamento social, pois estes assuntos, por natureza, são a base dos fundamentos da Capoeira Angola.³¹

Acompanhando as transformações culturais por que passava a cultura baiana e, levando em conta a visão de futuro do Mestre Nô³², a direção da Associação teve condições de ajustar o seu foco e, atualmente com cerca de 1000 praticantes, tem a formação do ser humano, nos fundamentos da Capoeira Angola, como o mais importante princípio de sua

dia, e aprender como lidar com determinadas situações da nossa vida. Os ritmos, toques e cantos dão base a estas ações. Viver é sempre estar jogando capoeira. Jogar capoeira é sempre estar vivendo.

³⁰ Não havia documentação legalizada da sua existência.

³¹ Denominação dada à prática da capoeira que não sofreu as adaptações feitas por Mestre Bimba.

³² O desenvolvimento do capitalismo, também nesta mesma época, iria trazer a indústria da cultura e, conseqüentemente, iria impor modelos e padrões de consumo. Assegurar o original, a essência da capoeira, era uma excelente estratégia de resistência e de se assegurar neste novo “mercado”.

existência. Sempre acompanhando a evolução, porém, sem perder a sua tradição e essência, porque, na opinião do Mestre Nô,

[...] o capoeirista hoje em dia é um estudioso também. Antes eram uns analfabetos. Hoje, são estudiosos, são formados que descobriu o livro. Muito bom mesmo, quer dizer, o capoeirista vai tomando o habito de ler, vai se familiarizando na literatura, vai se desenvolvendo [...].

Ensinar capoeira para os mestres e professores da Palmares, é criar uma estreita relação da roda e prática da capoeira com a vida do praticante (*Capoeira na roda e na vida* – tema do último Fórum desta Associação). Como a realidade do praticante está inserida nos treinos, no aprendizado, no histórico, no místico, no instrumental e no musical das aulas de capoeira, este diálogo pedagógico estimulou-me a curiosidade para entender como acontece a aquisição destas experiências educacionais.

No decorrer deste tempo de existência, a ABCCAP ensinou capoeira a milhares de pessoas de todos os sexos e idades, em escolas, centros comunitários, universidades, academias de ginástica, clubes sociais, ONG's, entidades para pessoas com necessidades especiais e praças públicas. No exterior, foi a primeira associação a formar um Mestre Americano com todo fundamento da Capoeira Angola.

Deste contingente, muitos foram meninos de rua ou meninos que andavam na rua, mas que hoje têm uma profissão e até mesmo viajam para o exterior divulgando a nossa arte.

Realizar a pesquisa com estas Associações e, principalmente, com o mestre Nô, indicou-me e solidificou meus argumentos, haja vista a quantidade de pessoas que já passaram pelas aulas do mestre e professores da Palmares. Qual a metodologia usada? Como se relacionam os princípios sociais e os fundamentos da Capoeira Angola? Como a Capoeira ajudou na formação do próprio mestre Nô? As respostas a estas perguntas, certamente, servirão de prova e argumento para este meu trabalho de pesquisa.

A Associação de Capoeira Quilombos Pôr do Sol de Palmares foi criada em 1993 pelo também atual presidente Mestre Cláudio Severo (Severino Cláudio Leite), com intuito de divulgar a prática de capoeira no estado de Alagoas. De cunho esportivo e cultural, participando de maneira efetiva na formação dos capoeiristas, criar para estes uma opção de trabalho remunerado é uma das principais propostas do Mestre Cláudio. A massificação da prática da capoeira no estado objetivava projetos de implantação desta arte nas escolas da rede pública e privada: “Meu sonho é ver uma roda em cada esquina aqui em Maceió, assim como o futebol”.³³

³³ Mestre Cláudio em entrevista com o autor.

Neste tempo de trabalho, mestre Cláudio ministrou suas aulas fundamentando-as, principalmente, em projetos ligados à infância e juventude, recuperação e condução para uma vida mais saudável. Também iniciou a implantação da capoeira nas escolas privadas e foi, talvez, o primeiro a ministrar aulas de capoeira nas classes média-alta da cidade de Maceió, contribuindo, assim, para uma melhor aceitação da arte por parte da sociedade civil, bem como para uma abertura maior de espaços e apoios.

A formação acadêmica de Mestre Cláudio³⁴, deu a ele a possibilidade de um maior conhecimento sobre a arte e sobre como empregá-la com foco na formação de pessoas. Por estas razões, a pesquisa com esta Associação foi de suma importância para o meu trabalho.

Assim como a Associação Palmares, o trabalho realizado pela Pôr do Sol também busca a formação através dos elementos essenciais da capoeira, seus fundamentos, seus rituais e sua ligação com a cultura afro-brasileira. Os resultados objetivados são pessoas mais equilibradas, conhecedoras dos benefícios trazidos pela capoeira, socialização da cultura afro-brasileira e integração de classes sociais em que assuntos como discriminação, racismo e identidade cultural são discutidos nas práticas em aulas.

Nas duas associações um ponto forte a se observar é o de como acontece o trabalho de socialização, sobretudo quanto à questão de diferença sócio-racial. Seguindo o próprio processo histórico da capoeira diz-nos, verbalmente, Mestre Nô:

Na roda, na hora do jogo, não importa quem está abaixado no pé do berimbau: pode ser doutor, malandro, estudante e até polícia, o que vale é o conhecimento sobre a arte, a malícia. A conversa vai acontecer, e quem tiver mais argumentos, leva a melhor.³⁵

Nesta situação, pode-se perceber um modo sem igual de tratar as diferenças, de forma dialógica, com padrões e conceitos diferenciados do cotidiano, usando uma matriz – a capoeira – no intuito de se criar um vínculo capaz de desconsiderar conceitos sociais e criar momentos de envolvimento e troca de conhecimentos. A capoeira, como espaço social artístico, torna-se um local que, segundo Bourdieu (1998, p. 257), “a discriminação racial é menos forte”. Acredito que no Brasil ainda exista um grande pré-conceito racial, e que este impacta diretamente nos negros, devido ao processo de escravidão e pós-escravidão sofridos no Brasil Colônia e Império, pois, mesmo com o negro alcançando a igualdade jurídica com a abolição, mantinha-se não só a desigualdade econômica e social entre brancos e negros, mas a antiga ideologia que definia bem a diferença entre os dois, e reservava ao negro uma posição de submissão. Deste período até os tempos atuais, o preconceito racial continuou a ser

³⁴ Formado em Educação Física no Rio de Janeiro.

³⁵ Mestre Nô em informações verbais, 2006.

exteriorizado de maneira discreta e branda, ou seja, o preconceito de cor existe em várias regiões do Brasil, e penetra, em maior ou menor grau, todas as classes sociais sem, contudo, associar-se com manifestações ostensivas. O trabalho de socialização então feito através da prática da capoeira, ensaia uma nova visão social, uma educação voltada para a igualdade dos direitos e deveres, com oportunidades para todos, e respeito às diferenças da cultura e identidade. Embora esta não seja uma verdade única, por ser assistemática e voluntária, os caminhos seguidos pelos praticantes da capoeira podem se desviar desta verdade. Nesta pesquisa, tratarei deste caminho de vivenciar e praticar a capoeira como formadora de pessoas dignas e de valor, independente de qualquer variante social.

A história da capoeira está intrinsecamente ligada à vida do negro no Brasil. Posso até dizer que, se não houvesse o processo de escravidão no Brasil, não haveria capoeira. Considerando o que nos diz Rego (1968, p. 35), “tudo leva a crer que a Capoeira é uma invenção dos africanos no Brasil, desenvolvida por seus descendentes”, o que a torna uma criação afro-brasileira, argumento que considerarei nesta pesquisa, embora comentarei as outras formas de ser entendido o processo da capoeira, que também é descrita por Carneiro (1992), que supõe que “a Capoeira teria vindo de Angola...”. Costa citado por Moura, 1993, p. 15) “... acredita que sua forma primitiva chegou no Brasil com os Bantos originários da África Ocidental”

Portanto, quando resolvi identificar a prática da capoeira como espaço de formação, percebi que o momento de reflexão sobre a realidade do negro na sociedade brasileira levava os praticantes a se posicionarem e se verem como agentes modificadores desta situação. De fato, o aceitar da capoeira pela sociedade brasileira trouxe direta e indiretamente ganhos para os capoeiristas, que aproveitam o momento de aceitação para dar aulas, escrever livros, vender matérias relacionadas à arte, gravar CD’s, contar suas histórias e escrever sua versão da sociedade brasileira, que muitas vezes é mascarada por intervenção da classe dominante. De forma maliciosa os capoeiristas não vêm isto somente com bons olhos e, atentos ao “jogo”, esperam para ver aonde vai dar o continuar deste “teatro” montado na roda da vida.

A capoeira foi uma das expressões mais incisivas e explícitas do negro contra a escravidão. Diferente, mas não mais importante do que a religião³⁶, a culinária³⁷, os

³⁶ A mistura com o Catolicismo foi uma questão de sobrevivência. Para os colonizadores portugueses, as danças e os rituais africanos eram pura feitiçaria e deviam ser reprimidos. A saída, para os escravos, era rezar para um santo e acender a vela para um orixá. Foi assim que os santos católicos pegaram carona com deuses africanos e passaram a ser associados a ele.

³⁷ Os africanos estabelecem uma relação íntima entre a culinária e a religião. Para continuar cultuando seus orixás, as negras cozinheiras introduziram na culinária da casa grande as receitas das oferendas usadas em rituais religiosos. Algumas comidas de santo no Candomblé são: *abará, acaçá, caruru, aluá, axoxô, entre outros.*

costumes, as indumentárias³⁸ e outros. A capoeira foi para as ruas e matas, mostrando-se em fugas das senzalas, para depois fazer-se ouvir em confrontos com capitães do mato, nas cidades, com policiais e cavalarias ou, não poucas vezes, contra os de mesma origem, porém, com ideais diferentes. Esta característica de luta da capoeira, ladeada por seus fundamentos e pela forma metodológica de ser ensinada, junto aos seus argumentos místicos, apresenta uma grande possibilidade de trazer para as esferas da educação uma concepção menos elitizada da cultura compreendida como “um conjunto de conhecimentos formulados pela ciência e pelas artes consideradas socialmente como superiores” (ARAÚJO, 2005, p. 6), tratando a realidade a partir de um conhecimento adquirido.

Nas minhas observações feitas na prática da capoeira e junto às associações pesquisadas, foi possível perceber que no ensino das músicas de capoeiras, encontramos uma verdadeira fonte de informação sobre a história do negro no Brasil, no seu período colonial e republicano, sobre como a cultura do negro e as manifestações afro-brasileiras desenvolveram-se e alcançaram o nível de abrangência que hoje tem na sociedade. O ritual que envolve o momento de entrada até a saída do jogo de capoeira, o próprio desenrolar do jogo, com seus ensaios, negaça, chamadas, toques e envolvimento com instrumentos, os depoimentos dos mestres e alunos nas nossas entrevistas e as literaturas abordadas durante os momentos de pesquisa em busca de autores e informações na área da educação, cultura e a relação social destas com a arte da capoeira, trouxeram-me a confirmação de que eu deveria focar os meus estudos na busca de explicitar este processo de formação desenvolvido nas aulas de capoeira, independente da idade, e que se mostra no prazer de todo praticante e ex-praticante ao dizer que já treinou capoeira. Nas palavras verbais do professor Russo³⁹, “Quando a gente faz uma apresentação de capoeira, a gente se sente importante. É muito bom saber que dão valor a gente, por estar representando uma arte nossa, a nossa cultura”.

O encontro da prática da capoeira com teorias pedagógicas

O ato de ensinar capoeira fez-me procurar as justificativas pedagógicas para este espaço de formação. Conheci a cultura como manifestação do povo, de seus hábitos e costumes. Na Bahia, a cultura negra tinha a música como a representação maior desta raça, mas as questões religiosas e sua culinária também se fizeram presentes na minha vida. Após a

³⁸ Na Bahia, com suas roupas vistosas, turbantes (torços), panos da costa, batas (blusa branca comprida e solta), saias rodadas, pulseiras e colares na cor do seu orixá, as negras de ganho criaram um tipo. O traje que costumamos chamar de baiano reflete a influência africana no Brasil.

³⁹ Professor Russo é formado pela Associação de Capoeira Angola Palmares desde 2001.

minha formação como instrutor de capoeira pela ABCCAP, comecei a buscar locais de ensino e subsídios para apresentar a capoeira de forma pedagógica nestas instituições. Sabia do poder transformador desta prática, mas precisava “vendê-la” bem, ainda mais por saber da indiferença dada pela sociedade alagoana à capoeira, às coisas do negro, reflexo social dos tempos coloniais e de políticas de exclusão oriundas da discriminação e racismo ainda vividos de forma mascarada nesta sociedade.

E foi nesta caminhada que, nos cursos de Educação Física e Pedagogia, tive a oportunidade de tecer a minha teia de idéias e argumentos para mostrar como a capoeira poderia ajudar na formação de crianças e adolescentes, os quais vivenciariam novas experiências e se aprofundariam no conhecimento do histórico de suas gerações. Quais as opções que teriam depois de participar destes conhecimentos? Não se tratava apenas de transmitir cultura, e sim, mostrar uma nova realidade a partir desta cultura, tratar de autonomia, mas com responsabilidade histórica; falar dos saberes populares, mas com consciência e respeito por aquilo de que tratam

do modo de ser e estar no mundo, de pessoas simples, humildes, na maiorias das vezes marginalizadas, analfabetas ou quase, em boa parte pessoas expropriadas de seus direitos fundamentais, mas que trazem consigo a força do seu passado, como um elixir que permite que a ritualidade, a simbologia e a alegria da vida cotidiana sejam suas característica mais marcantes (ABIB, 2004, p. 21).

O ensino da capoeira, por muito tempo, deu-se através da oralidade e memória. Mestres passavam seus conhecimentos para os seus alunos através das estórias e aulas teóricas, que se transformavam em práticas no momento do jogo. O aluno aprendia com o tempo, e este não era cobrado ser longo ou curto. As interpretações ficavam por conta do momento. Hoje se entende que alguns conselhos dos mestres antigos tinham duplo significado, mas para alguns alunos bastava o conselho: “Durma sempre de barriga para cima, com um olho fechado e o outro aberto, contando as telhas. A gente nunca sabe onde está a farsidade” (CAFUNÉ, 2005)⁴⁰. Conselho este para entender que na vida há sempre surpresas e é melhor estar sempre preparado. Hoje, com os avanços tecnológicos da escrita, os grupos vêm incorporando diversas formas de aprendizado, que envolvem filmes, sistemática de treinamento, seqüências, entre outros artefatos utilizados na prática da capoeira, que atendem também ao apelo capitalista dominante na sociedade. Hoje, a cobrança por resultados em uma sociedade positivista leva alunos e professores a usar de todos os meios para ampliar a velocidade de aprendizagem e, nesses casos, treinos de duas a três horas por dia,

⁴⁰ Ensino de Mestre Cafuné, a partir da língua falada. Já que é a modalidade de língua que os indivíduos aprendem naturalmente desde a infância e que está em constante transformação.

sistematização dos movimentos, aulas interativas, mecanização do saber vão diferenciando professores, grupos e associações. Nas aulas das quais participei, foram observados estes tipos de ensino e, apesar de não ser nosso foco neste trabalho, há indícios de que esta transformação, levada pelas relações atuais, deturpam um pouco o processo de formação trazido pela capoeira. Fica difícil, com estes métodos, de existir o tempo necessário para o ser aluno, o ser professor e o ser mestre, dentro de um amadurecimento decorrente de experiências diversas. Considerando alguns pontos do processamento da informação e estratégias de aprendizagem, diz Pfromm Netto (1987, p. 82): “Os seres humanos assimilam e transformam as informações que recebem do meio ambiente. O processamento da informação no ser humano é um processo dinâmico e complexo”, e completa BORUCHOVITCH, 1999) “A maneira pela qual a informação é codificada e integrada na memória, bem como a extensão e profundidade da integração, afetam a facilidade com que a informação pode ser recuperada, posteriormente”. É dentro destas premissas que entendo ser de vital importância que se respeite o tempo do aluno para que o fundamento, a essência, o compreender da capoeira seja possível.

Por ser professor e praticante de capoeira, meu distanciar nos fenômenos de estudo para a posterior análise - por mim apresentadas no decorrer desta minha pesquisa - certamente deixou-me constantemente com uma “arma” apontada em minha direção, haja vista que, em alguns momentos, tensões foram criadas entre o autor deste trabalho de pesquisa e o contra-mestre⁴¹ de capoeira Marco Baiano, aluno do Mestre Nô. Mas, de fato, eu gostaria de, neste momento, destacar a influência do Mestre nesta relação educando e educador a partir das próprias palavras do Mestre Nô em entrevista, na qual falávamos sobre a importância do professor na prática da capoeira:

... O professor passa a ser o livro do aluno. O professor passa a ser o espelho e o aluno o reflexo. Então, ele vai observando muitas coisas positivas, mas também vai observando muita coisa negativa. Então, precisa separar uma coisa da outra, e dizer não às que são ensinadas negativamente (MESTRE NÔ, 2006).

A linha que pretendo apreender para demonstrar o processo de formação dado pela prática da capoeira envolve o saber coletivo, e está baseada nos estudos de Paulo Freire que, ampliando as palavras do Mestre Nô, diz ser o processo de formação algo mútuo entre aluno e professor, que não acontece de forma unilateral:

É preciso pelo contrário, desde os começos dos processos, vá ficando claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado... Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender (FREIRE, 2000, p.25).

⁴¹ Título concebido a quem está a um grau de se tornar mestre. Aquele que substitui o mestre na sua ausência.

Essa afirmação mostra-nos que a aprendizagem do aluno também é assegurada quando, em alguns momentos, há mudança de situação onde, a exemplo, o praticante torna-se participante ativo deste processo. Um exemplo pessoal prático disto é que, normalmente, em locais onde estou presente, e o Mestre é solicitado a palestrar, ele sempre me convida a contribuir, apresentando-me como alguém que também tem condições de colaborar com informações sobre a capoeira, devido tanto ao meu amplo conhecimento da mesma, quanto à minha formação acadêmica, reconhecida no âmbito da minha Associação. Dessa maneira, o aluno aprende ao mesmo tempo em que também ensina. De qualquer forma, não posso deixar de identificar a pedagogia da presença e a pedagogia do exemplo como meios de se conseguir resultados positivos no processo de aprendizagem.

O fato de a capoeira apresentar-se sempre acompanhada dos toques dos berimbaus e, algumas vezes, de outros instrumentos, leva-a a ter característica de dança e, dentro deste conceito, é possível observar a relação com sua origem africana, que representa um dos elementos mais fortes na tradição destes povos. Através da dança, os negros africanos expressam todos os conhecimentos naturais da organização da sua comunidade, sejam eles nas colheitas, na fecundidade, no nascimento, na saúde, na vida e até na morte. Ao mostrar seu corpo no gingar da dança da capoeira, o negro encontra seu espaço, espaço do seu corpo, que sofreu a discriminação por sua forma e cor. “O negro educou-se ouvindo dizer que seu corpo era feio e grosseiro, que não podia dançar balé clássico por ter o seu quadril largo e os pés chatos, além da sua cor ser incompatível para representar príncipes e princesas” (OLIVEIRA, 1992). A linguagem do corpo prevalece e se liberta em expressões que, muitas vezes, transcendem o real⁴².

O ritual que acompanha todas as ações de uma roda de capoeira interessou-me por, em um dos seus aspectos, mostrar a influência da classe dominante, até mesmo nas manifestações religiosas desta (o batizado de capoeira, momento em que o capoeirista é considerado parte da comunidade, imita o batizado cristão, com padrinhos e madrinhas, seguido de festa por alcance do primeiro estágio de crescimento dentro da aprendizagem da capoeira). O aluno, ao conhecer os aspectos culturais religiosos afro-brasileiros, desperta para o sincretismo em que está envolvida a raça brasileira. O conhecimento da parte profana da religiosidade baiana, por exemplo, exercita a compreensão e convivência com as diferenças. Sendo a referência maior desta arte a cultura negra, devido à própria origem da capoeira, percebe-se neste processo de

⁴² Certa feita ao terminar um jogo, fui perguntar ao Mestre Conde como ele conseguira fazer tal movimentação no momento do jogo, e o mesmo me respondeu: Eu não sei, pra mim eu nem estava aqui.

aprendizagem um encontro e descoberta de identidade e início de diálogo sobre as questões sociais atuais, pois além da prática tem-se, sobretudo, a questão histórica.

O Homem é, antes de tudo, um agente da História. Ele necessita da conscientização de sua origem, tomando contato com seu passado e dos demais membros do grupo em que vive. Esta forma de identidade fortifica a aceitação de si próprio e é fundamental para o desenvolvimento da auto-estima, estruturando as características egóicas e promovendo a aprendizagem (TRAVASSOS, 2002).

É dentro deste trabalho de grupo que podemos perceber que o processo de pertencimento e, portanto, a aceitação do indivíduo no grupo faz toda a diferença; ele se sente como agente da História e da sua própria vida.

Ainda a caminho das muitas respostas às minhas questões, busquei compreender, dentro e fora das aulas, se todas essas situações percebidas por mim aconteciam dentro de uma realidade concreta com os alunos destas Associações. Será que para os alunos que participam destas práticas, os conceitos e fundamentos da capoeira ajudam em sua formação? Mudam ou aprimoram sua maneira de ver o mundo? De se entender socialmente? De se conhecer como fator modificador social? De lhes dar segurança e liberdade? O que a prática da capoeira realmente significa para eles? E é neste ponto que minha pesquisa começa a ficar mais completa, pois tive a oportunidade de entender e problematizar como os aspectos pedagógicos da prática da capoeira nestas associações podem contribuir para a formação do ser social.

Relacionando cultura e educação no espaço de formação da capoeira

Quando reflito sobre as questões relacionadas à vida do negro no Brasil, sua cultura e os processos educativos, algo sempre me inquieta: apesar de sermos uma sociedade tão multicultural, não entendo de fato o valor deste legado deixado pela própria formação do nosso povo. Normalmente observo que os aspectos culturais, inclusive a capoeira, eram vistos como shows e arte, e muito pouco era ressaltado de seu caráter educativo e formativo. Se a cultura educa, porque não trazer à tona as relações com as questões pedagógicas, sociais, de identidade e, no tocante à capoeira, de movimento social revolucionário? A verdade é que tratamos de liberdade, mas não sabemos como isto acontece.

Foi inicialmente apoiado na *Pedagogia Sócio-progressista* de Paulo Freire, nos seus livros “*Pedagogia da Autonomia*”, “*Pedagogia do Oprimido*” e nos seus *pressupostos*; nas publicações de Nestor Capoeira - “*Capoeira: Pequeno manual do jogador*”, “*Galo já cantou*” e “*Capoeira: Os Fundamentos da Malícia*”; de Waldeloir Rego, em seu livro “*Capoeira*

Angola: Ensaio Sócio-Etnográfico”; César Babiére, autor do livro “*Um jeito de ser brasileiro*”; Reginaldo da Silveira Costa, em sua obra “*Capoeira: O caminho do berimbau*”, como também os *ensaios* de Kabengele Munanga (professor da USP) referentes à situação do negro e sua cultura no Brasil e no mundo que iniciei o tecer da minha teia, tendo como fio a prática da capoeira como formação.

O porquê destes autores no meu trabalho de pesquisa

Paulo Reglus Neves Freire nasceu no dia 19 de setembro de 1921, em Recife, Pernambuco, onde logo cedo pôde experimentar as dificuldades das classes populares. Trabalhou no SESI (Serviço Social da Indústria) e no serviço de extensão cultural da Universidade de Recife. Foi professor de escola e criador de idéias e métodos. Sua filosofia foi expressa, primeiramente, quando defendeu sua tese no concurso da Universidade do Recife e, logo mais tarde, como professor de Filosofia e História (na mesma Universidade), como também nas suas experiências na área de alfabetização.

Seu destaque se dá pela coragem de pôr em prática um autêntico trabalho de educação, que identifica a alfabetização como um processo de conscientização, proporcionando a capacitação do oprimido tanto para a aquisição dos instrumentos de leitura e escrita, quanto para a sua libertação. É exatamente neste ponto que trato e relaciono a capoeira. A partir de todo seu processo de aprendizado, o aluno só terá condição de presenciar práticas libertadoras, de assunção e de reconhecimento da identidade cultural quando ele “Assume-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar” (FREIRE, 2005, p. 46). A presença do senso de humor e a indignação contra todo tipo de injustiça eram características marcantes em Freire. Reconhecido internacionalmente pela sua práxis educativa, a ele foi outorgado o título de doutor *Honoris Causa* por 27 Universidades, além de outros títulos por entidades nacionais e internacionais. E foi exatamente a capoeira um dos argumentos encontrados pelo negro para a sua libertação, onde através desta, fez o resgate da sua cultura, resistência e luta. “A resistência é um fato histórico real, seja a nível de defesa física, seja ao nível simbólico” e ainda segundo Freire, “A educação libertadora tem como objetivo a ação e reflexão consciente e criadora das classes oprimidas sobre seu próprio processo de liberação” (“Glossário dos conceitos de Paulo Freire e outros, apostilado, 1999, p. 18). A partir dos pressupostos de Paulo Freire, fundamentarei meu estudo, que visa mostrar a capoeira dentro deste contexto formador de cidadãos.

Nestor Capoeira foi aluno do lendário Mestre Leopoldina na década de 1960. Após algum tempo, entrou no Grupo Senzala do Rio de Janeiro onde se formou mestre. 30 anos mais tarde, iniciou um trabalho individual, com sua própria metodologia.

Nestor é um dos primeiros capoeiristas a divulgar a arte da capoeira no mundo, iniciando na Europa - onde viveu - e ensinando capoeira, por 06 anos, na *London School of Contemporary Dance* (Inglaterra) e *Institut For Idraet* (Dinamarca). Seus livros tem tradução na França, Estados Unidos, Dinamarca e Alemanha. Escreveu também o primeiro romance de capoeira, “*A balada do Noivo-da-Vida*” e “*Veneno-da-Madrugada*”.

Gravou um disco e fita cassete com músicas e toques de berimbau, que lançou com seu segundo livro. Participou de especiais na TV Educativa e foi herói no filme longa metragem “*Cordão de Ouro*”, em 1978.

Formado em Engenharia, além de Mestre de Capoeira, é também Mestre em Comunicação e Cultura pela UFRJ. Em seus trabalhos, Nestor prima em buscar a relação da capoeira com a história do negro no Brasil. Rico em detalhes quanto aos seus fundamentos, seus livros dão-nos a idéia do quanto é grande e rica esta arte genuinamente brasileira.

No livro “*Galo já cantou*”, destaca as questões religiosas e espirituais da capoeira; no “*Pequeno Manual do Jogador de Capoeira*”, Mestre Nestor busca aprofundar mais seus estudos a partir de experiências vividas com a capoeira e outros mestres da velha guarda. Examina mais a fundo a questão do negro no período colonial, e trabalha com referências de pesquisas de outros autores, como Almeida, Decânio Filho, Moura e Santos, dando um toque mais científico aos seus textos.

No livro “*Fundamentos da Malícia*”, Mestre Nestor integrou fases da história da capoeira a eventos da história do Brasil, tendo como apêndice um método por ele criado. Outro fato importante neste livro, é que seu lançamento vem no momento em que a capoeira é ensinada no exterior, principalmente nos EUA, e há uma forte movimentação de nossos “amigos” americanos em defender a capoeira como exclusivamente africana.

Waldeloir Rego, baiano, etnólogo, estudioso das religiões afro-brasileiras, tem o sincretismo baiano como fonte constante de suas pesquisas. Waldeloir surpreendeu a todos com a obra “*Capoeira Angola - Ensaio Sócio-Etnográfico*” devido a sua imensa pesquisa e contato com outros autores e obras referentes ao negro no Brasil, em especial por retratar a capoeira exatamente como acontecera e fora presenciada. Nesta obra, destaque à riqueza de detalhes do autor e referências a documentos escritos na época colonial brasileira, dando-nos certeza da veracidade dos fatos que, comentados, levam-nos à verdadeira história do negro e da capoeira, eixos muito importantes para o meu trabalho, uma vez que, quanto mais perto eu

estiver da realidade, mais fácil será para eu demonstrar a estreita relação entre a capoeira e o espaço de formação que ela permite.

Nesta sua obra, ele trata da capoeira em suas raízes, em suas origens, desde a vinda dos escravos. Versa sobre o termo “capoeira”, sobre a indumentária, o jogo, os toques e os golpes. Estuda os instrumentos, o canto, as cantigas, os capoeiristas famosos e seus comportamentos perante a sociedade, as academias, a sua ascensão social e cultural, bem como suas mudanças sócio-etnográficas.

César Barbieri, autor do livro “*Um jeito de ser brasileiro*”, mostra-nos a cumplicidade e intimidade da capoeira com a educação. Em sua obra, ele traz informações importantes, onde relata o tratamento dado ao capoeirista, e como isto era visto na sociedade. Trata-se de um livro voltado para a arte da capoeira, no sentido de formar, através da educação, os seus praticantes. A capoeira é vista de forma completa e una, onde todas as suas relações estão de certa forma ligadas ao comportamento humano.

“Entendo aqui, de forma abrangente cultura: a forma como o homem se relaciona com o meio, elaborando o encontro do objetivo e o subjetivo” (BARBIERE, 1993, p. 36).

Observo também neste livro, as constantes comparações efetuadas por César, no sentido de deixar clara a diversidade que a capoeira alcança, quando esta se incorpora no processo de formação do homem em sua sociedade.

“De um lado a capoeira é: violenta; mata; considera as novidades, e do outro lado a capoeira é pacífica; cura; segue costume” (BARBIERE, 1993, p. 36).

César, em seu trabalho, analisa os jargões dos velhos mestres, as músicas de capoeira, e as relaciona com o jeito de ser e acontecer na roda de capoeira e na roda da vida, fazendo-nos assim, entender seus princípios e fundamentos que deram, segundo minha compreensão, subsídio para inserção do negro na sociedade brasileira.

Reginaldo da Silveira da Costa, em sua obra “*Capoeira – O caminho do berimbau*”, traz-nos uma gama de análise sobre o tema capoeira e a influência direta nas atitudes do capoeirista. Nesta, podemos ver a relação entre o material e o imaterial, formando, oportunizando e corrigido rumos do fazer social. Sim, porque ser capoeira é antes de tudo ser humano e fazer parte da sociedade. Importante também é o destaque que ele dá à dimensão espiritual da capoeira.

“Quem estuda os assuntos esotéricos e conhece a capoeira, sabe que, além de não ter preconceito algum ela é laica” (COSTA, 2000, p. 105).

Os aspectos emocionais também são traçados neste livro, que nos direciona a outros fatores que explicam o comportamento do negro e, porque não dizer, do capoeirista nos dias atuais.

Com **Kabengele Munanga**, professor da USP, africano erradicado no Brasil, as questões sociais vão muito além do racismo, de toda uma história de luta, preconceito, defasagem financeira, entre outros. A importância dos ensaios do Professor Kabengele para o meu trabalho, está nas análises de fatos atuais que me fizeram refletir sobre uma infinidade de situações que levam a capoeira ainda nos tempos de hoje a uma posição de destaque no que diz respeito à resistência cultural e movimento de ruptura e reconhecimento da identidade negra.

Na atual situação que se encontra o mundo, não parece possível a capoeira avançar no processo libertário que ela defende, pois as forças dominadoras são muito maiores que ela. Cabe, porém, a resistência, a certeza de que se este não é o momento de avançar, é o momento de não dar um passo para trás. A capoeira é muito boa nisso (MUNANGA, 2003).

Educação, cultura e espaços de formação: a tríade formadora

No conceito de Libaneo,(1985, p. 97) “Educar (do latim, *educare*) é conduzir de um estado a outro, é modificar numa certa direção o que é suscetível de educação”. O ato pedagógico então pode ser definido como uma atividade sistemática de interação entre seres sociais, tanto no nível do intrapessoal, como no nível da influência do meio, interação esta que se configura numa ação exercida sobre sujeitos, ou grupos de sujeitos, visando provocar neles mudanças tão eficazes, que os tornem elementos ativos multiplicadores de tal ação. Presume-se, aí, a interligação do ato pedagógico de três componentes: um agente (alguém, um grupo, um meio social...), uma mensagem transmitida (conteúdos, métodos, automatismo, habilidades, etc.) e um educando (aluno, grupos de alunos, uma geração). Como instância mediadora, a ação pedagógica torna possível a relação de reciprocidade entre o indivíduo e a sociedade. Conclui-se, então, que a educação não pode ser compreendida fora do contexto histórico social concreto, sendo a prática social o ponto de partida e o ponto de chegada da ação pedagógica.

É a partir da consciência de sua própria experiência e da experiência da humanidade, que o homem tem condições de se formar como um ser moral e político. A educação não pode ser considerada apenas um veículo transmissor, ela abre espaço para uma avaliação crítica da cultura, instrumentalizando o homem como um ser capaz de agir sobre o mundo, e ao mesmo tempo, compreender a ação exercida. Segundo Aranha (1989, p. 52) “A escola não é

transmissora de um saber acabado e definitivo, não devendo separar teoria e prática da educação e vida e se ideal não separa cultura, trabalho e educação”. Baseando-se nessa afirmação, concordo com o fato de que não podemos deixar somente para a escola o processo de formação dos alunos. É fácil identificar, fora das escolas, espaços de formação que ajudam a reduzir os resultados negativos causados pelos altos índices de fracasso e repetência escolar, que evidenciam a seleção perversa que nega a uma parcela da nossa população a possibilidade de completar sua formação, empurrando-a para o trabalho precoce, para as ruas e para o empobrecimento crônico. Afetados em sua auto-confiança, esses alunos desacreditam de sua competência para aprender, desistem da escola e enterram a esperança de sonhar com um futuro digno.

Estas informações pedem, com urgência, que alternativas sejam disponibilizadas para complementar, iniciar e, em muitos casos, assumir este papel de formação que hoje formalmente é destinado à escola. Desde 1987, um forte movimento de participação cívica apóia processos de redução da pobreza e da exclusão social através de criações de outras oportunidades de educação por meio da arte, cultura, religiosidade, esporte, entre outros. Estes espaços de formação serão considerados por mim alinhados à definição de Borba (2000) “Os espaços de formação deveriam ser liberadores - muitos os são - espaços possibilitadores de uma apreensão desreificada da vida”. E assim, acontece nos momentos de encontro destes praticantes na roda de capoeira, sendo criado um momento de troca de experiência, de aprendizagem libertadora, através do conhecimento de determinada realidade, da sua realidade naquele momento, como ser social, diferente ou não dos outros que estão a sua volta.

Cândido (apud ABIB, 2004, p. 135) já dizia que “Nenhuma arte é casual ou rudimentar: é expressão plena de um desejo de beleza”. Tratar aqui a capoeira como arte de libertação, significa expressar o desejo do negro por condições mais justas e mais humanas, representado por danças, jogos, músicas e sons. São nestes ideais de ascensão que vejo a possibilidade de identificar alguns aspectos pedagógicos e, tendo a educação, pensada como ação cultural, como uma forma de trazer este diálogo e buscar as interações pertinentes às questões de identidade cultural, diferenças sociais e resgate histórico - e com a importância que atualmente o assunto vem sendo tratado – torna-se uma grande oportunidade discutir estes valores pedagógicos através da prática da capoeira como um processo de cooperação, descoberta e reconhecimento histórico de identidade que, a partir daí, dar-nos-á a oportunidade de estreitar a relação “ser social” e “identidade cultural” como caminhos para a formação do homem em sociedade.

No sentido de termos a cultura como tudo aquilo que o homem produz para construir sua existência, quer seja em forma de vida material e espiritual, quer seja pensamento ou ação, e ainda, entendendo a educação pensada como ação cultural, e responsável por formar sujeitos para viverem suas interações culturais, descubro, nestas experiências para a realização desta pesquisa, o papel da educação e da cultura dentro do sentido que nos posiciona Aranha (1989, p. 43):

O grande desafio está na popularização da cultura, ou seja, nas oportunidades iguais para que todos tenham acesso não só ao consumo (ativo, nunca passivo) da cultura, mas também a sua produção. Para tanto, é necessário o esforço conjunto da sociedade, que não restringem apenas o espaço da escola (embora este seja importante). Nestes espaços, as atividades culturais devem ser realizadas não para as pessoas, mas com elas.

Nas rodas de capoeira, nas aulas, nos diálogos ocorridos, nas interpretações filosóficas das ocorrências⁴³ é identificada uma grande relação destes com o dia-a-dia do capoeirista, fomentando propostas educativas relativas ao viver social, dentro de ambientes distintos, desenvolvidos também com recursos diversos, seja ele o corpo, a fala, o instrumento, o som ou seus fundamentos. E é neste momento de confronto com sua realidade cultural, com a história do seu povo, do cair e levantar, da necessidade de obter alternativas dentro dos diversos jogos que se encontram, que o praticante da capoeira entende-se de forma a trazer consigo um momento de crescimento pessoal e humano, conscientizando-se da necessidade de transformar, de forma crítica e cooperativa, a sua realidade e, conseqüentemente, a realidade da sociedade em que se está inserido.

A cultura negra e fatores da identidade nacional

Os aspectos da cultura brasileira e da identidade nacional são tratados por Ortiz (1985, p. 8), como relacionadas a algo exterior – não se analisa estes aspectos com bases na formação sócio-cultural do povo, tendo padrões relacionados a outros modelos. De acordo com o autor, isto se processa em uma sociedade na qual - após os anos sessenta - o capitalismo veio implementar novas formas de desenvolvimento, levando a implantação de novos tipos de organização e cultura. Decerto, a capoeira não ficou alheia a este processo, e também sofreu modificações, reafirmando seu espaço formador dentro de tendências

⁴³ Na chamada para o passo a dois, ou Chamada de Angola, o valor subjetivo desta apresenta-se fortemente claro para o praticante de capoeira, porém, deixa a grande parte dos presentes sem entender o motivo do ocorrido.

diferenciadas, porém, mantendo sua essência, seus fundamentos e filosofia⁴⁴. Ainda com Ortiz (1985, p. 8), “[...] não existe uma identidade autêntica, mas uma pluralidade de identidades, construídas por diferentes grupos sociais em diferentes momentos históricos”. Da mesma forma, as questões culturais do negro passaram, e ainda passam, por processos diferenciados em cada momento da história da sociedade, esta que sempre vem ditar os rumos da cultura, abrindo novas perspectivas de reconhecimento e espaço.

Quando falo em espaço de formação através da cultura usando aspectos do negro escravizado aqui no Brasil como referência, não posso deixar de comentar o impacto disto no cenário atual. Haja vista que no decorrer da história - mesmo após a abolição assinada pela Princesa Isabel - o negro nunca fora reconhecido como cidadão, deparamos-nos, nos momentos atuais, com o antagonismo da ideologia da democracia racial.

O Brasil é reconhecidamente um país multicultural, plurirracial, e se orgulha desta pluralidade de raças, credo e cores. Porém, a realidade do negro e de sua cultura vistas nas relações sociais é de discriminação. Todo seu legado é desconsiderado pelas elites, o que deixa um alerta de que ainda há muito para ser conquistado, e que só após isto, pode-se ter reconhecida a verdadeira função do papel e da história do negro no Brasil. O que deve ser feito é voltar a atenção para os reais argumentos na busca desta igualdade que, embora todos teimem em dizer que a mesma existe, suas ações contradizem a sua existência. A prática da capoeira e a formação por ela permitida, tencionam estas questões a partir do primeiro momento em que o aluno resolve fazer parte do aprendizado desta arte da raça negra, que o leva a se deparar com uma realidade ainda não vivenciada, a do saber e do conviver.⁴⁵

Nas divisões dos capítulos desta produção, resolvi tratar de pressupostos que acredito serem necessários para prover o leitor do entendimento deste espaço de formação, com conceitos inteiramente ligados à vida em comunidade. Falo sobre o negro e sua vida no Brasil. Recorro aos Quilombos, onde, com certeza, a resistência, a organização e a luta foram as grandes responsáveis pela criação de uma nova identidade negra no país⁴⁶, visto o quão foram negados seus direitos como seres humanos e quão rapidamente aprenderam a dar a volta por cima, ainda que de forma lúdica, mas com um objetivo sério⁴⁷ e uma necessidade real. O negro e sua história são um exemplo de coragem, organização, adaptação e vitória. São um

⁴⁴ Nas décadas de 70 e 80, os capoeiristas iniciavam sua jornada para o exterior como agente divulgador da cultura brasileira e de sua identidade.

⁴⁵ “Quando se participa de uma “roda de rua”, podemos encontrar toda e qualquer situação. Há, neste espaço específico, uma energia muito forte, que ensina e se aprende, depende de quem seja o mestre da roda”. Visão espiritual da roda de capoeira – Mestre Nô – 2000.

⁴⁶ O negro deixava de ser escravo para ser fugitivo. De certa forma, livre e nos quilombos em sua “casa”.

⁴⁷ Capoeira é uma brincadeira, mas uma brincadeira séria. Mestre Nô – Entrevista verbal.

povo que, retirado de suas terras de forma covarde, não teve outra opção senão a luta e a superação (Ainda neste capítulo, reservo algumas páginas para explanar, de forma sucinta, o processo educacional no Brasil relacionado às questões de classes e raças, no intuito de facilitar o entendimento a respeito do negro e o seu acesso à educação).

Falo da capoeira, sua história, suas crenças e descrenças; de como surgiu, como se modificou, a quem atendeu em períodos diversos. Falo de seus maiores ídolos e representantes. Deste modo, tento maximizar a possibilidade de novas reflexões e deixo claro que não é intenção desta produção avaliar este ou aquele estilo de jogo, pois acredito que apesar dos vários estilos existentes, os conceitos básicos são os mesmos, pois a capoeira sempre será sinônimo de luta em qualquer estilo que ela venha a ser apresentada.

Enfim, falo do espaço de formação proporcionado pela capoeira, de como ele se desenvolve e de como as pessoas participantes enxergam este processo (nas visões de mestres, professores e alunos), baseando-me na análise crítica das entrevistas realizadas com estes, em meus estudos bibliográficos, e em minha experiência como aluno e contramestre de capoeira.

Considerações metodológicas

Quando iniciei a minha pesquisa (bibliográfica e de campo), ainda não sabia ao certo que metodologia seria mais adequada para alcançar meus objetivos e resultados. Porém, a minha prática na capoeira indicava-me uma abordagem metodológica, baseada na observação participante. Como busquei encontrar resultados e evidências mais concretas sobre as questões que levavam a capoeira a ser um espaço de formação - uma opção dentro dos espaços de formação hoje encontrados, onde mostro como isto acontecia, via estilo pedagógico das aulas, dos fundamentos e das relações entre alunos - optei por usar dos recursos da pesquisa etnográfica, concordando com Macedo (2004, p. 85), que afirma:

Preocupada com as “múltiplas realidades”. Portanto, com a natural diversidade das construções humanas, a etnopesquisa rejeita o pensamento nomotético cultivado na compulsão explicativa. Enquanto uma visão não-formal de pesquisa, pretende alcançar fina e densamente a multiplicidade das culturas naquilo que elas têm de autenticamente ideográfico sem, entretanto, perder a natureza relacional da vida em sociedade.”

A verdade é que, como a capoeira traz consigo uma oportunidade de tratar de temas como identidade, subjetividades, cultura afro-brasileira, significados, educação e o imaginário popular, não seriam suficientes as entrevistas e outros dados sem considerar as questões epistemológicas contidas nestes levantamentos.

Caracterizada também pela observação participante que, segundo Bruyn (1966, p. 13), “vai além da coleta de dados, pois representa a interação entre a teoria e métodos, o reconhecimento do caráter do ser humano, seu comportamento e sua vida em grupo” foi feita coleta de dados de forma qualitativa, usada nesta pesquisa como um instrumento de modificação do meio pesquisado e como um processo de interação entre a teoria e métodos usados por mim. O uso desta metodologia, neste caso, ajudou-me na formulação das categorias subjetivas da teoria sociológica, como a “justiça”, “liberdade”, “confiança”, “comunidade” e “propósito”, dispostas em diferentes situações no decorrer da prática da capoeira. Estas coletas de informações foram conseguidas através de entrevistas e estudos bibliográficos (a literatura disponível hoje retrata a capoeira na visão de seus praticantes, que viveram e vivem ainda o processo de formação proporcionado pela capoeira).

Em busca de um aprofundamento da realidade vivida e comprovada desta formação, a qual a capoeira se autoriza, “É necessário entender, então, a autorização como fato de o autor, daquele que cria, daquele que consegue se situar, ele próprio, como estando na origem, na fonte, de seu próprio vir a ser”⁴⁸, foi a partir dos trabalhos desenvolvidos pelo Mestre Nô, da Associação Brasileira e Cultural de Capoeira Angola Palmares, e Mestre Cláudio, da Associação Pôr do Sol dos Palmares, que direcionei minha pesquisa. As entrevistas com capoeiristas e mestres, deram-me condições de fazer ligações entre os fatos históricos e a realidade apreendida sobre a capoeira e seu processo de formação.

Os métodos qualitativos foram priorizados nesta pesquisa porque esta buscou tratar das especificidades de um fenômeno em termos de suas origens e de sua razão de ser, mesmo porque, na busca de uma compreensão profunda de certos fenômenos sociais, tem-se os métodos qualitativos apoiados nos pressupostos de maior relevância dos aspectos subjetivos da ação social. A aplicação deste método revelou-me os principais pontos importantes que me levaram aos resultados os quais hoje relato nesta minha dissertação.

Como observador participante, compartilhei da vida ativa e dos sentimentos das pessoas numa relação face a face. Neste caso, a minha participação como contra-mestre de capoeira da Associação Brasileira e Cultural de Capoeira Angola Palmares, como professor de capoeira do SESC – Serviço Social do Comércio, propiciou-me tanto o prazer de me formar, quanto o prazer de formar e, neste contexto, tive em determinado tempo, desprendimento e envolvimento pessoal, levando em consideração também a cultura e a vida das pessoas sob “observação”.

⁴⁸ Jacques Ardoino, Jacques in revista “Pratiques de Formation, education et Psychanalyse”.

A entrevista, que também foi utilizada nesta pesquisa, aconteceu como um processo de interação, ora de forma espontânea, ora de forma planejada, seguindo um padrão de perguntas e uma estratégia relativa aos assuntos de interesse comum, envolvendo duas ou mais pessoas em diversas fases, que com toda certeza, serviu de fonte bastante rica para os objetivos da pesquisa, uma vez que nas falas dos alunos e mestres, universos escolhidos para compor esta produção, encontrei partes do quebra-cabeça montado neste trabalho, com objetivo de conseguir as informações a partir do outro, usando um roteiro com lista ou tópicos, de acordo com a problemática central defendida por mim.

Foram produzidas ao todo 13 entrevistas, sendo 02 (dois) com os mestres responsáveis pelas Associações, e 11 (onze) com alunos em diversos tempos de práticas, que variavam de 01 a 15 anos de participação neste processo de formação. As faixas etárias destes variaram de 14 a 28 anos. Quanto aos mestres Nô e Cláudio, estes já se encontram, respectivamente, com 57 e 30 anos de prática de capoeira.

As entrevistas com os alunos foram feitas nos próprios locais de prática da capoeira destes e, com os mestres, em suas residências. Nesses momentos, utilizei equipamentos de apoio como gravador, filmadora e papéis (nestes, anotei os detalhes que me eram revelados em momentos de emoção e dúvidas, provocados por determinadas perguntas⁴⁹).

O destino do material colhido foi o de somar e enriquecer esta dissertação, e se encontra distribuído em diversas partes deste texto. Ainda que este se refira a fatos históricos que, em primeiro plano, possam se apresentar distantes das realidades presenciadas, uma análise mais criteriosa fará surgir uma verdadeira confirmação destes de que as questões multiculturais podem ser discutidas em tempos diferentes, em situações diversas, mostrando um mesmo caráter dialógico.

No intuito de um melhor aproveitamento deste rico material, analisei e ponderei várias situações, relacionando-as com as fundamentações teóricas que havia consultado e que me serviram de guia em busca dos resultados encontrados, e aqui representados.

Com toda certeza, durante todo este período de estudos, entrevistas e práticas na capoeira, minhas idéias iniciais sobre o que eu queria com este trabalho iam mudando com o passar do tempo. Consta no meu jornal de pesquisa uma fala interessante do Prof. Luis Paulo⁵⁰, em sala de aula: “Se o seu projeto não ajuda em nada a educação, se após concluído não poderá ser aproveitado por escola ou universidade, então é melhor mudar seu objeto de

⁴⁹ Perguntando ao mestre Nô sobre a função social da capoeira, o mesmo, muito emocionado e com olhos cheios de lágrimas, falou do resgate que ele, no papel de mestre de capoeira, fez com seu filho adotivo Valdir, que hoje mora na Inglaterra e vive ensinando capoeira.

⁵⁰ O professor Luis Paulo estava na situação de Coordenador do mestrado em Educação no ano de 2004 – UFAL.

pesquisa”. Hoje, convenci-me de que minha pesquisa serve de base para muitas outras pesquisas e experiências. Tenho a convicção que este espaço de formação legítimo, produzido pela prática da capoeira, pode e deve ser visto pela sociedade e pelo espaço formal de educação - a escola - como mais uma oportunidade de ajuda ao processo de formação do povo brasileiro. As ações pertinentes, sistemáticas e legais ao aproveitamento deste espaço de formar, deverão ser estudadas, analisadas e posicionadas diante da nossa realidade, para que possamos caminhar na direção de uma mudança transformadora em termos sociais, com um respeito maior e melhor aquisição e interação cultural.

CAPÍTULO 1 - O NEGRO NO BRASIL

1.1 A chegada do negro no Brasil.

Ô corta cana, corta cana, corta cana – corta cana no canavial; Ô corta cana, corta cana, corta cana – corta cana no canavial; Eu já fui rei, já fui príncipe e rainha. Já tive toda uma família, liberdade e um lar... (FANHÓ, 1998, CD).

A escravidão iniciou-se com a colonização. Perpassou por todo este período e foi oficialmente extinta apenas em 1888, no final do Império. A economia colonial precisou ter baixo custo interno para garantir bons preços e boa rentabilidade no mercado externo. Por este motivo, os colonos procuraram baratear sua produção por meio do extrativismo predatório, da agricultura extensiva e da mão-de-obra escrava. Os primeiros a serem escravizados no Brasil foram os indígenas, cujo trabalho compulsório foi usado em diferentes regiões, até o século XVIII. O aprisionamento deles foi uma atividade interna, e o ganho obtido com sua venda permanecia na colônia, sem lucro para Portugal. Os índios cativos eram eficientes na extração do pau-brasil, mas não na atividade agrícola. Para o serviço nas plantações e nos engenhos de açúcar, os escravos africanos foram a solução encontrada, e foram trazidos para o Brasil a partir de 1530 (registra-se que o primeiro navio negreiro trouxe para o Brasil, em seus lotes de escravos, homens, mulheres, reis, rainhas, pais, mães, filhos, escravos... seqüestrados, capturados, arrancados de suas raízes, na traição e desigualdade de luta). Os negros chegados no Brasil para trabalhar como escravos eram submetidos a um procedimento específico, procedimento este que garantia a proteção dos seus senhores, evitando revoltas ou qualquer outro tipo de reação diante da sua situação de escravo. Eles eram divididos e misturados em lotes com outros negros de diferentes países e idiomas do continente africano, principalmente de Guiné, Costa do Marfim, Mali, Congo, Angola, Moçambique e Benin, perdendo assim, parte de sua identidade cultural e social, pela impossibilidade de comunicação e entendimento das ações tomadas separadamente pelos seus irmãos de raça. Devido aos seus idiomas diferentes e suas diferentes culturas, vividas em sociedades diversas no continente africano, os negros não conseguiam formar uma unidade na qual houvesse uma esperança de liberdade, seja através da fuga, de um confronto ou de uma nova formação sócio-cultural, diante da realidade que lhes estavam sendo imposta.

O comércio de escravos negros entre a África e o Brasil foi dominado por portugueses, espanhóis, ingleses e holandeses, e ocorreu durante o período colonial, de 1530 a 1850. Nesse intervalo, chegaram ao país cerca de 4 milhões de cativos trazidos do continente africano.

Aqui, eles eram vendidos em escala crescente por mercadores portugueses. Esse comércio tornou-se um negócio lucrativo para os traficantes, e vantajosos para os proprietários. O alto preço do escravo africano era amortizado pelo tempo de cinco a dez anos de trabalho forçado. Por isso, do século XVII ao XIX, os negros cativos formavam a grande massa trabalhadora da agricultura, da mineração e de outras atividades econômicas. A partir de meados do século XVIII, com o crescimento da população e da economia urbana, os escravos passaram a ser utilizados em outras funções nas cidades, sendo empregados ou alugados por seus senhores para produzir, vender ou prestar serviços a terceiros. Eram os escravos de ganho, transformados em pedreiros, sapateiros, alfaiates, carpinteiros, marceneiros, barqueiros, barbeiros, quitandeiras, vendedores ambulantes, ajudantes de lojas e armazéns, cozinheiras, damas de companhia, amas-de-leite, carregadores e cavaliços.

Dados históricos mostram-nos que os negros, no decorrer da história da colonização brasileira, morriam nos navios, nas senzalas, nos engenhos, nas prisões, nas ruas doentes de moléstia contagiosa, em guerras (1864 a 1870, na guerra do Paraguai), o que levou a uma redução de sua população para mais de cinquenta por cento. Com a intenção de garantir sua sobrevivência, o negro fugiu, escondeu-se, lutou, resistiu, usando seu corpo como arma⁵¹ e o Quilombo como seu esconderijo⁵². Estava assim formada a base da mudança histórica que levaria, com o tempo, ao primeiro passo da libertação do negro.

A expansão da cultura cafeeira, a partir de 1830, aumentou a necessidade da mão-de-obra escrava. Ao mesmo tempo, cresceram as pressões contra o tráfico negreiro - principalmente na Inglaterra - motivados menos por razões humanitárias e mais pela preocupação com a concorrência, já que nas colônias inglesas da Guiana e do Caribe o comércio de escravos fora proibido. Em 1831, cumprindo acordos firmados com a Inglaterra, o governo regencial declarou o tráfico ilegal no território brasileiro. Mas a entrada de negros africanos no país continuou a acontecer em grande escala. Diante disso, o Parlamento Britânico aprovou, em 1845, a *Bill Aberdeen*, lei que dá à Marinha de Guerra Inglesa o direito de perseguir e aprisionar tumbeiros - os navios negreiros - em qualquer ponto do Atlântico, tornando o tráfico muito mais arriscado e menos lucrativo.

Muitos políticos do Império, liberais e conservadores, declararam-se contra o tráfico, porém, de um modo geral, aceitaram a continuidade do regime escravista, o qual

⁵¹ As fugas constantes dos negros fizeram com que diversas expedições fossem formadas para encontrá-los. Não raro aconteciam os confrontos onde, a luta corporal foi muito evidenciada.

⁵² No arquivo histórico ultramarino de Lisboa, consta: "Há opinião que do tempo em que houve negros cativos nestas capitânias (refere-se as Capitânias Hereditárias) começavam a ter habitadores os Palmares.(Quilombo dos Palmares) - FREITAS, Decio. Republica dos Palmares. Maceió:EDUFAL, 2004.

consideraram necessário para o funcionamento da economia (apesar das suas relações internacionais ainda não conseguirem ver os bastidores desta grande manobra, que era mudar profundamente o sentido da economia nacional, que era alimentar o capitalismo de uma maneira mais selvagem e, por muitas vezes, desumana). Em 1850, o governo de dom Pedro II extinguiu definitivamente o comércio de escravos, com a lei do ministro da Justiça Eusébio de Queirós. Foi um grande passo para a abolição da escravatura, que aconteceu quase quatro décadas depois.

Em 13 de maio 1888, foi aprovada a Lei Áurea que “libertou” todos os escravos no Brasil e, com o devido apoio do governo, o negro deixou de ser escravo, para ser marginalizado no futuro da república brasileira.

A luta continuava, e os negros misturando-se aos brancos, índios e estrangeiros revelavam⁵³, para a sociedade brasileira, a produção de uma imensa obra cultural e artística⁵⁴, como a capoeira, as religiões, as músicas, as danças, a poesia, a literatura, entre outras manifestações, que Chauí (1996, p. 43) denominou de “*Cultura Popular*”: “prática local e temporalmente determinada, com atividade dispersa no interior da cultura dominante, como mescla de conformismo e resistência”.

Além dos negros, foram também responsáveis por estes primeiros momentos da nossa Colonização e República os índios e outros imigrantes, na sua maioria europeus. Os imigrantes foram trazidos para cá por causas diversas, como guerras, castigos, e até mesmo promessas, alimentando a coroa com a exploração da nossa terra; os índios, já se faziam donos da terra. A mistura de raça no Brasil rendeu-nos também o descrédito em relação a um povo que podia participar do contexto internacional de desenvolvimento, e aos olhos dos povos europeus e norte americanos, o povo do nosso país seria eternamente um povo mestiço, que formava a colônia produtora. Toda esta idéia levou-nos a uma situação ideológica de branqueamento, onde se acreditava ser possível esquecer os costumes, religiões e crenças, com intenção de formar um povo nobre. Porém, ao contrário do que, teoricamente, estava-se imaginando, por trás de toda esta ideologia, a mistura das raças no Brasil não buscou esquecer suas origens e seu passado, e sim, a vontade de se conhecer por inteiro, para assim conquistar o seu espaço geográfico/social, dominado por influências estrangeiras e tão requisitado por invasões no período colonial - um espaço que seria disputado contra a burguesia e seu poder.

⁵³ Uma vez “libertos”, as manifestações africanas tomaram corpo, e com elas, explicitamente mostradas, os negros buscavam espaços na sociedade, abrindo portas e resistindo à destruição da sua cultura.

⁵⁴ As manifestações de heterogeneidade cultural não são simplesmente diferenças, mas são manifestações de oposições ou aceitações que implicam um constante reposicionamento dos grupos sociais na dinâmica das relações de classe. A dinâmica cultural das várias classes é processo permanente de reorganização.

1.2 A formação dos Quilombos – Uma nação negra

“Zumbi fugiu para os Quilombos em busca de liberdade [...]” (TROVÃO, 1998, CD).

A escravidão no Brasil existiu por mais de três séculos. A substituição da mão-de-obra indígena pela negra, com a finalidade de se ter escravos menos arredios nas áreas agro-exportadoras, não surtiu o efeito esperado. Apesar de não ser arredio como o índio, o negro não foi passivo enquanto escravo. Do seu jeito, ele sempre lutou pela sua liberdade. Onde a escravidão negra vigorou, a resistência a ela se fez presente. David Davidson diz que “a resistência do negro à escravidão foi característica marcante da história dos africanos nas colônias americanas, e os escravos responderam à exploração com má vontade, a sabotagem ao trabalho, a revolta ou a fuga para os quilombos”.

Para entendermos as questões históricas que retratam a formação dos quilombos, partiremos do pressuposto de que o negro, quando escravizado, desempenhava um papel dinâmico, atuando como sujeito coletivo no sistema escravista. Segundo Moura (1994, p. 8),

“... O escravo não era apenas coisa, de acordo com as leis do tempo. Se assim o fosse não haveria outra dinâmica social durante o regime escravista além daquela que as outras classes e camadas imprimiram. O escravo, no entanto, se, de um lado, era apenas coisa, do outro lado era ser”.

Por não aceitar esta condição de escravo, o negro tornou-se um constante instrumento de desgaste ao sistema através de diversas formas de atuação que operavam em vários níveis, haja vista as influências sociais, culturais e militares das quais participaram. Analisando o regime de escravidão, podemos claramente observar que os status de senhor e escravos são classes que podem nos fornecer, de forma direta, uma análise do processo escravagista no país.

Considerando este regime, o escravo, pela sua própria situação no espaço social, precisou negar esta sua situação no intento de dinamizar a sociedade escravista em favor da própria liberdade, uma vez que qualquer outra forma de ascensão não seria possível para modificar esta sociedade sofridora. Foi esta necessidade de mudança que levou os escravos a negar o sistema em que viviam, e a realizar movimentos em grupos organizados.

Iniciava-se assim, de forma bem discreta, a formação do negro para a autonomia e a cidadania através de lutas, de resistência e mudanças sociais, uma vez que:

A experiência histórica, política e social dos homens e das mulheres jamais pode se dar ‘virgem’ do conflito entre forças que obstaculizam a busca da assunção de si por parte dos indivíduos e dos grupos e das forças que trabalham em favor daquela assunção. (FREIRE, 1988, p. 49).

A capoeira usada em suas fugas e confrontos foi uma das “armas” que possibilitariam, então, um reencontro do negro com a sua identidade⁵⁵, e acompanharia seus passos no processo de libertação da escravidão.

Se de um lado o negro estava se organizando, do outro, a sociedade escravagista usava de diversos meios para se proteger, como legislações cruéis, criação de milícias, capitães do mato e diversos instrumentos de tortura usados contra os negros.

Quilombo era “toda habitação de negros fugitivos que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenha ranchos levantados nem se ache pilões neles”.⁵⁶ Acredita-se que no Brasil existiram vários quilombos, de diversos tamanhos, e seu crescimento foi considerado não como um processo esporádico, mas permanente, que nos demonstra a importância de sua existência na sociedade.

O *Dicionário do Brasil Colonial* informa-nos que a palavra “quilombo” é originária do banto “kilombo”, e significa “acampamento” ou “fortaleza”, e foi usada pelos portugueses para denominar as povoações construídas por escravos fugitivos. Essa forma de resistência foi muito comum no Brasil durante o período da escravidão, existindo quilombos no Amazonas, Maranhão, Pernambuco, Bahia, Sergipe, Mato Grosso, Minas Gerais, São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Em outras áreas da América, os quilombos também existiram. Na América Espanhola, foram chamados de *palenques* ou *cumes*; na América Inglesa, *maroons*; e na América Francesa, *grand marronage*. (VAINFAS et al. 2000)

Formados a partir da fuga de alguns escravos, poderiam abrigar uma dezena de pessoas (podendo chegar a alguns milhares de indivíduos), e funcionar como grupos armados de ataque, quando necessitavam de artigos e objetos - ou de defesa - possuindo uma estrutura complexa, como os quilombos de Palmares, Ambrósio e Campo Grande.

Convém notar, porém, que o quilombo, além de não ser completamente defensivo, nunca foi também uma organização isolada, pois, para o seu interior, iam fugitivos oprimidos pelo serviço militar, com problemas com a polícia, fugindo da marginalidade, e até mesmo criminosos, que uma vez dentro do quilombo, passavam a fazer parte de uma mesma comunidade. Os quilombos começaram a existir por uma série de motivos, muitas vezes favoráveis: o isolamento, o solo fértil e a facilidade de recrutamento de novos membros são alguns deles. Apesar da analogia feita até os dias de hoje, os quilombos não eram constituídos

⁵⁵ Concepção dialética: A identidade de um, se dá pela negação do outro. Dominação = ausência de liberdade. “Um nega o outro, mas não se exclui totalmente”.

⁵⁶ Carta do Rei de Portugal ao Conselho Ultramarino, apud Moura, 1998, p 17.

de bárbaros, muito pelo contrário, após ter passado a fase de seu tamanho inicial, o que os levava a situação de predadores, os quilombos procuravam se organizar de forma sistemática, no intuito de atender as populações ali formadas, levando, de forma natural, a se criar um governo, economia, famílias, religião e propriedades.

...os quilombos distinguiram-se de qualquer outra modalidade de resistência à escravidão por dois motivos: amplitude (tentativa de criar uma organização social diferente) e caráter coletivo (não foi apenas um gesto desesperado individual com as outras modalidades. (LOPES, 1988, p. 49).

O Estado de Alagoas, sede da maior resistência negra no Brasil, foi responsável pela maior e mais importante aldeia de resistência: o Quilombo dos Palmares. Neste quilombo, o negro vivia em uma sociedade alternativa, onde seus direitos e deveres eram cumpridos e cobrados. Lá, deu-se a resistência aos maiores ataques sofrido por fugitivos negros. Como relatam os historiadores, os Quilombos sempre foram locais muito mais humanos, saudáveis e democráticos que as cidades imperiais, baseando-se na liberdade do negro, em sua cultura e em uma forma diferenciada de produção.

... Lá pelos anos de 1590, alguns africanos escravizados no Brasil romperam os grilhões que os acorrentavam e fugiram para o seio das florestas situadas onde estão hoje os Estados de Pernambuco e Alagoas. Inicialmente foram uns poucos, pequeno bando de fugitivos. Porém o grupo cresceu pouco a pouco até se tornar uma comunidade de cerca de trinta mil rebeldes africanos, homens e mulheres. Estabeleceram o primeiro governo de africanos livres nas terras do Novo Mundo, indubitavelmente um verdadeiro estado africano – pela forma de sua organização sócio-econômica e poética – conhecido na história como República dos Palmares. (NASCIMENTO, 1980, p.46).

Palmares foi o maior exemplo de uma confederação de quilombos, pois era formado por outros como o de Acotirene, Dambrabaga e de Cerca de Subupira, Cerca Real dos Macacos, entre outros. Destes, destacava-se o da Cerca Real dos Macacos. A religião praticada era o Cristianismo, fruto da tentativa de se “catequizar” também os negros, porém, mesclada com muitos valores religiosos africano. A família era poligâmica, e não tinha alguém com responsabilidade de guardar ou divulgar o segredo religioso da comunidade. Nos mocambos, o chefe tinha poder absoluto, mas sempre em ocasiões de crises, reuniam-se para tomar as decisões. A economia era baseada na agricultura policultura, que servia para alimentar as pessoas que ali viviam.

A forma como estes quilombos se apresentavam, deixava clara a característica de sociedade diferenciada que o negro dos quilombos tinha escolhido, opondo-se contra o sistema-latifundiário escravista que existia na colônia. (RAMOS apud, MOURA,1994, p. 37), assim, posiciona- se:

Distinguido muitas das roças e plantações onde abundavam bananeiras e canaviais, o cronista Blaer, implicitamente, destacou como curiosidade específica dos

quilombolas, em oposição com o sistema de sesmaria que imperava nos engenhos sob exploração holandesa, uma forma diferente de cultura da terra, denunciadora de trabalho individual e não de trabalho por turmas, como se fazia nas terras dos engenhos[...].

Concluindo, o mesmo autor diz-nos que:

“...disso se deduz que os quilombolas, ao repudiar o sistema de latifúndio dos sesmeiros, adotam a forma do uso útil de pequenos tratos, roçados, base econômica da família livre; que o excedente de produção era dado ao estado, como contribuição para riqueza social e defesa do sistema; que a solidariedade e cooperação eram praticadas desde o início dos quilombos que deve remontar aos princípios do século XVII; que a sociedade livre era regida por leis consagradas pelos usos e costumes; que não existiam vadios nem exploradores nos quilombos, mas sim uma ativa fiscalização como só ia acontecer nas sociedades que se formam no meio de lutas, contra formas ultrapassadas de relações de produção; que, em 1697, já existiam, nascidos e crescidos, habituados àquele sistema, nos quilombos, três gerações de brasileiros natos, somando provavelmente a população de dezesseis aldeamentos para mais de vinte mil indivíduos.” (RAMOS apud MOURA, 1994, p. 37).

O relato acima, mostra que os comentários sobre a má produtividade do negro nas lavouras dos engenhos ocorriam por estar na condição de escravo, e não pelo fato de ser negro. Nos quilombos, até mesmo os próprios brancos reconheciam sua força de trabalho, como relatado em crônica da época: “são grandemente trabalhadores”.

Nesta vivência de regime comunitário, organizado a partir da agricultura e da criação de poucos animais para subsistência – não criavam gados⁵⁷ – Palmares foi um reduto em franco crescimento, mesmo com todas as ameaças pelas quais passava.

Os quilombos, na necessidade de proteger toda sua comunidade, valiam-se de um grande exército e de proteções arquitetônicas, que dificultavam o acesso das tropas escravagistas. Seus exércitos eram compostos com contingentes que chegavam a ter de 10.000 a 20.000 homens, como em Palmares e Ambrósio. As grandes cercas e fossos que rodeavam os quilombos eram construídos com pedras e estrepes, tornando quase impossível a passagem dos exércitos inimigos.

Além do exército, o sistema defensivo de Palmares formava o outro elo da sua segurança” e completa “Consistia em uma estaca de duas ordens de paus lavrados em quatro faces, dos mais rijos, incorruptíveis e grossos, a defesa principal da capitania era a famosa cerca que tinha 2470 braças, três portas guarnecidas por plataformas, além de fojos – enormes buracos contornado-a internamente – e estrepes de ferro que impediam a marcha dos exércitos atacantes. (PINTO apud MOURA, 1994, p. 45).

Tamanha era a importância e valor do exército dos quilombos que, após muitas guerras em 1678, uma delegação Palmarina foi recebida com honras de embaixada pelas autoridades portuguesas, e foram nestas circunstâncias, que veio a aceitação do acordo do Rei

⁵⁷ Id., 1994, p. 69.

Ganga-Zumba com a paz proposta pela coroa, motivo que levou, acredita-se, Zumbi e seus homens a matá-lo, assumindo, este, a continuidade da luta.

A república de Palmares resistiu às inúmeras expedições por mais de 35 anos, confirmando sua capacidade de resistência e poderio militar. Foi destruída por Domingos Jorge Velho, mas escreveu sua história nas palavras de Moura (1994, p.45) “como a maior resistência social, militar, econômica e cultural do sistema escravagista”.

Um dos representantes contra a escravidão foi Zumbi dos Palmares, um líder escravo alagoano. Símbolo da resistência negra contra a escravidão, foi o último chefe do Quilombo dos Palmares.



Figura 1 - Zumbi dos Palmares

Zumbi (1655-20/11/1695) nasceu na Comunidade de Macaco, na Serra da Barriga, capital de Palmares. Ainda criança, foi capturado por soldados e entregue ao padre Antônio Melo, que o batizou com o nome Francisco, e o tornou coroinha. Aos 15 anos, ele fugiu para Palmares e adotou o nome Zumbi (guerreiro). Ascendeu ao comando militar do quilombo, então governado pelo tio, o rei Ganga Zumba. Após uma investida dos portugueses, Ganga Zumba foi obrigado a aceitar a paz sob condições desfavoráveis. Em 1678, Zumbi renegou o acordo e provocou uma guerra civil no quilombo. Ganga Zumba saiu de Palmares e Zumbi assumiu seu lugar. Pouco tempo depois, Ganga Zumba morreu envenenado. Acredita-se que um partidário de Zumbi tenha sido responsável pelo ato. Zumbi liderou, então, a resistência contra os portugueses por 14 anos. Em 1692, derrotou a expedição comandada por Domingos Jorge Velho. Dois anos mais tarde, sucumbiu aos ataques e fugiu, continuando a resistência contra os brancos. Traído, teve o esconderijo descoberto, e acabou morrendo numa emboscada.

1.3 A libertação dos escravos – Processo necessário ou estratégico?

Leis que libertaram o trabalho escravo gradativamente antes da Lei Áurea da Princesa Isabel.

Dona Isabel, que historia é esta de ter feito abolição.
De ser princesa boazinha e acabar com a escravidão.
Estou cansado de conversa, cansado de ilusão.
Abolição se fez com sangue, que inundou este país.
Que o negro transformou em luta,
Cansado de ser infeliz.
Abolição se fez bem antes.
E ainda estar por se fazer agora;
Não com a mentira das favelas, mas com verdades na escola.
Viva Zumbi, nosso rei negro, e a liberdade verdadeira,
Que se fazia no quilombo e se jogava capoeira:
Camaradinha... (TONNY VARGAS – in Ensaio fonográfico CD – Capoeira
Senzala.1988, p.5).⁵⁸

Entre 1870 e 1888, surgiu um movimento social e político que defendia o fim da escravidão no Brasil, e que culminou com a promulgação da Lei Áurea, extinguindo o regime escravista originário da colonização do Brasil. A escravidão já havia começado a declinar com o fim do tráfico de escravos em 1850. Progressivamente, imigrantes europeus assalariados substituíam os escravos no mercado de trabalho. Mas é só a partir da Guerra do Paraguai (1865-1870), que o movimento abolicionista ganhou impulso.

Em 1865, com uma desculpa de um ataque a um trem pagador em Mato Grosso – Assalto este que até hoje não se sabe se foi feito por paraguaios ou pelos próprios ingleses, o Brasil entrou em conflito direto com o Paraguai, arrematando forças populares para formação de um exercito cujos principais quadros de infantaria eram negros vindos dos canaviais e cafezais em decadência: pagava-se ao proprietário uma indenização e ao escravo um soldo e a promessa de alforriamento no fim da guerra.” (CAPOEIRA, 1992, p.35).

Milhares de ex-escravos que retornavam da guerra vitoriosos, muitos até condecorados, recusavam-se a voltar à condição anterior de sofrimento e opressão dos antigos donos. O problema social tornou-se uma questão política para a elite dirigente do Segundo Reinado.

Vale a pena salientar que, quando falo no processo de libertação do negro, considero seu início desde as primeiras fugas, a formação dos quilombos, as insurreições, o banzo, o assassinio individual, o aborto, entre outros métodos usados pelo negro para resistir e dizer

⁵⁸ No Brasil colônia, a capoeira aparece de forma bruta e descaracterizada. Usada para fugas e confrontos dos negros com capitães do mato, serviu também para resistência nas tentativas de destruições dos Quilombos por diversas expedições montadas para este fim. Ainda não há provas que nos Quilombos havia a prática da capoeira como arma de guerra. “É comum imaginar-se a capoeira nascendo e crescendo em um ambiente rural, mas talvez tenha sido nas cidades, onde circulava livremente um grande número de libertos e “negros de ganho”... – Que esse processo de crescimento e transformação foi mais expressivo” (Capoeira, Nestor. Capoeira: fundamentos da malícia. Rio de Janeiro: Record, 1992, p. 20).

não às condições de escravos. Reconheço as intervenções abolicionistas, por isto as cito, mas ressalto que estas, dentro da realidade vivida pelo negro, foi a parte mais tímida deste processo, uma vez que os próprios abolicionistas nunca tiveram um plano para a pós-libertação, e ainda segundo Moura (1994), “tinham os escravos como selvagens incapazes de articular sua própria libertação”.

Por certo, houve pessoas que realmente, afora os escravos, brigaram pelo processo de libertação do negro por não aceitarem a condição de submissão humana na qual eles viviam. Mais o fato é que as leis que foram assinadas de forma gradual, tinham outras intenções no ato de libertar, além de serem em alguns casos, incoerentes com a realidade do negro neste período.



Figura 2 - Escravo sendo castigado

Lei do Ventre Livre – O Partido Liberal, de oposição, comprometeu-se publicamente com a causa, mas foi o gabinete do Visconde do Rio Branco, do Partido Conservador, que promulgou a primeira lei abolicionista, a Lei do Ventre Livre, em 28 de setembro de 1871. De poucos efeitos práticos, ela concedia liberdade aos filhos de escravos nascidos a partir dessa data, mas os mantinha sob a tutela de seus senhores até atingirem a idade de 21 anos. Em defesa da lei, o Visconde do Rio Branco apresentou a escravidão como uma "instituição injuriosa", que prejudicava, sobretudo, a imagem externa do país. Colocando um contraponto na questão de liberdade desta lei, vale ressaltar que o período até aos 20 anos era o

mais produtivo do negro escravo, que devido às péssimas condições de vida e exploração do trabalho, tinham vidas muito curtas. A questão humana foi menos importante que as relações diplomáticas com outros países.

Campanha abolicionista – Em 1880, políticos e intelectuais importantes como Joaquim Nabuco e José do Patrocínio, criaram, no Rio de Janeiro, a Sociedade Brasileira contra a Escravidão, que estimulou a formação de dezenas de agremiações semelhantes pelo país. Da mesma forma, o jornal “*O Abolicionista*”, o manifesto “*O Abolicionismo*”, de Nabuco e a “*Revista Ilustrada*”, de Angelo Agostini, serviram de modelo a outras publicações antiescravistas. Advogados, artistas, intelectuais, jornalistas e parlamentares engajaram-se no movimento, e arrecadaram fundos para pagamento de cartas de alforria, documento que concedia liberdade ao escravo. O país fora tomado pela causa abolicionista. Em 1884, o Ceará antecipou-se, e decretou o fim da escravidão em seu território.

A pressão estrangeira, no sentido de criar uma nova “fonte de alimento” ao capitalismo, estava constantemente atuando nos poderes brasileiros, tentando impulsionar a geração desta mão de obra que daria muito lucro à elite e aos países ricos, como continuidade do plano de acumulação de capital que, segundo Sodré (apud CAPOEIRA, 1992) diz-nos:

O capitalismo, o progresso, a civilização, a cultura ocidental se tornaram possíveis a partir do tráfico de escravos, da grande diáspora negra. Os vinte milhões de negros exilados da África para as Américas foram imprescindíveis à acumulação primitiva do capital europeu.

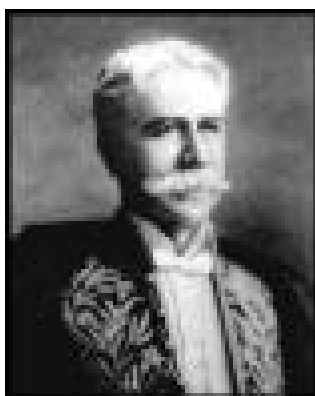


Figura 3 - Joaquim Nabuco

Lei dos Sexagenários – A decisão cearense aumentou a pressão da opinião pública sobre as autoridades federais. Em 1885, o governo cedeu mais um pouco e promulgou a Lei Saraiva Cotegipe. Conhecida como Lei dos Sexagenários, ela libertava os escravos com mais de 60 anos, mediante compensações a seus proprietários. A lei não apresentava resultados

significativos, já que poucos escravos atingiam essa idade, e os que sobreviviam, não tinham de onde tirar o sustento.

Os escravizados, que sempre resistiram ao cativeiro, passaram a participar ativamente do movimento, fugindo das fazendas e buscando a liberdade nas cidades. No interior de São Paulo, liderados pelo mulato Antônio Bento e seus caifazes (nome tirado de uma personalidade bíblica, o sumo-sacerdote judeu Caifaz), milhares deles escapavam das fazendas e instalavam-se no Quilombo do Jabaquara, em Santos. A esta altura, a campanha abolicionista misturou-se à republicana, e ganhou um reforço importante: o Exército. Descontentes com o Império, os militares pediram publicamente para não mais serem utilizados na captura dos fugitivos. Do exterior, sobretudo da Europa, chegavam apelos e manifestos favoráveis ao fim da escravidão.

Não é de se admirar que a Europa tivesse tanto interesse no fim da escravidão, levando em conta que, além da questão do capital, as intenções de “branqueamento” estavam ligadas a mão de obra remuneradas, vindas deste continente, que mais tarde seriam usadas aqui no Brasil. Nesse processo, o negro deixava de ser escravo de um senhor, para ser escravo de um sistema marginal e excludente.

Lei Áurea – Em 13 de maio de 1888, o governo imperial rendeu-se às pressões, e a Princesa Isabel assinou a Lei Áurea, que extinguiu a escravidão no Brasil. A decisão desagradou os fazendeiros, que exigiam indenizações pela perda de seus “bens”. Como não as conseguiam, aderiram ao movimento republicano como forma de pressão. Ao abandonar inicialmente o regime escravista, e logo depois ter os proprietários de escravos contra si, o Império perdeu sua última coluna de sustentação política.

O fim da escravatura, porém, não melhorou a condição social e econômica dos escravos. Sem formação escolar nem profissão definida, a maioria sabia que a simples emancipação jurídica não mudaria sua condição subalterna, muito menos ajudaria a promover sua cidadania ou ascensão social. Esta situação do negro “pós-libertação” perdura até os dias de hoje, levando a constantes questionamentos sobre a posição sócio-política-educacional dos afro-brasileiros, e quais processos serão necessários para reverter este quadro.

1.4 A situação do negro após a pseudolibertação – A luta que ainda não acabou

A história nos engana, escrito pelo contrário.
Até diz que a abolição aconteceu no mês de maio,
A prova desta mentira, é que da miséria eu não saio.
Zumbi é nosso herói.
Em Palmares se criou.
Pela causa do homem negro, foi ele que mais lutou,

Apesar de toda luta, colega velho,
 Negro não se libertou.
 Camaradinha...(MORAES, 2001, CD).

A Lei Áurea foi assinada em 13 de maio 1888, porém, em 14 de dezembro de 1890, em decreto assinado pelo então ministro Rui Barbosa, e em 13 de maio de 1891, pela circular nº 29, este documento, e todos os documentos relativos à escravidão no Brasil, foram destruídos, numa tentativa de apagar da história brasileira este passado sombrio, e propiciar uma harmonia entre brancos e negros. Assim também estava descrita a estratégia de preservação do governo contra possíveis ações criminais ou de indenização dos donos de engenhos e escravos, que poderiam sentir-se lesados por esta situação.

Ainda com relação à Lei Áurea, diante da nova realidade imposta por esta, o negro se viu livre, porém, sem nenhuma condição de vida, quer fosse na cidade, quer fosse no campo. A alternativa foi situar-se entre os executantes de empregos como sapateiros, carregadores, alfaiates, carroceiros, vendedores ou então guarda-costas de políticos, quando não arruaceiros e ladrões.⁵⁹

Afastados das atividades ligadas à agricultura e do campo, que o caracterizava mais facilmente como um animal, o escravo passa a desenvolver essas atividades, as quais permitem demonstrar a uma sociedade rigidamente conservadora, defensora de valores sócio-culturais insustentavelmente anacrônicos... (TAVARES, 2005, p. 81).

Muitos destes negros libertos pela Lei Áurea ainda continuavam escravos, senão dos seus antigos ou novos donos, de uma situação a qual eles não poderiam modificar. Dentro deste cenário, o negro continua a ser marginalizado, excluído e discriminado pela sociedade vigente. Muitos foram presos e perseguidos por serem praticantes e participantes de candomblés, rodas de samba e, principalmente, capoeira. Uma política de igualdade não aconteceu após a queima de arquivos ordenado por Rui Barbosa, e ao negro restou resistir e lutar por melhores condições na sociedade desigual em que se encontrava e enfrenta, até os dias atuais.

Hoje o Brasil é o país com a segunda maior população negra do mundo. Analisando o mercado de trabalho, percebe-se que a quantidade de negros em setores da “elite” é muito baixa. O mesmo problema ocorre no ingresso do negro nas universidades do Brasil, considerando esta como ponto focal, uma vez que nas escolas públicas e privadas também existem problemas com relação a vagas. De acordo com a pesquisa realizada pela FASE (Federação para Assistência Social e Educacional de São Paulo), a possibilidade de um negro ingressar na universidade é de 18%, enquanto esta possibilidade para os brancos é de 43%.

⁵⁹ Nesta época, a capoeira já começava a ser observada, pelos habitantes da vida urbana, como uma espécie de arte só praticada pelos marginais e arruaceiros.

Outro dado importante é que, segundo o IBGE, em relação à qualidade de vida da população, o Brasil ocupa a 63ª posição no mundo. Considerando-se a população negra, o Brasil fica na 120ª posição mundial, ressaltando com isso a diferença entre os níveis de vida da população branca e da população negra.

Com estes dados, confirma-se então que há uma dificuldade de inserção do negro e sua ascensão em áreas do mercado de trabalho de maior status social. Reserva-se a ele apenas a ocupação das áreas de menor remuneração e projeção social, ainda conseqüência de fatores como os problemas históricos, educacionais, governamentais e o racismo presente em nossa sociedade. Outras dificuldades encontradas pelos negros são os acessos negados aos espaços políticos, aos bens sociais, à produção do pensamento e à riqueza. A sociedade tem sido, apesar dos mais de 100 anos da Lei Áurea, regida por uma lógica escravocrata e machista.

Outro agravante é que, com o sistema capitalista, o negro, por não possuir qualificação, fica à margem do processo ou é utilizado em serviços pesados nas indústrias. A necessidade de colocação, no mercado de trabalho, do trabalhador livre, inicia-se com o novo modo de produção, que não condiz com o trabalho escravo e não especializado. Ao sistema capitalista, faz-se mister a conformação de sua produção à necessidade de lucro.

Essa situação refletiu-se tanto no nível econômico dos negros, quanto levou a um processo de marginalização social, uma vez que implicou na acumulação de riquezas e na elevação do nível de vida. O escravo passa de meio de produção para assalariado, porém, não participa da elevação social no mesmo nível que os senhores brancos.

A reprodução da deterioração do nível de vida do negro dá-se, então, a partir daí, sendo ele impedido de exercer plenamente as atividades de trabalhador livre, uma vez que não tem fácil acesso ao mercado de trabalho e à participação política.

Considerando a situação escrava, foi construída uma estrutura de privilégios a favor da população branca. Hoje, o negro ser um cidadão, significaria para esse contingente dominante a provável perda dos benefícios angariados ao longo da adoção do trabalho escravo. Preconceito e discriminação ganham, então, novos significados e espaços de atuação, voltados para a defesa desta estrutura de privilégios.

A discriminação, mesmo sendo considerada crime no Brasil, ainda está presente nas entranhas da nossa sociedade, e se apresenta como mostrado nos parágrafos anteriores, de diversas formas as quais, resumindo em conceitos, temos: 1- a *discriminação direta*, quando há adoção de regras gerais que estabelecem distinções através de proibições. É o preconceito expressado de maneira clara como, por exemplo, a proibição ou o tratamento desigual a um indivíduo ou grupo, que poderia ter os mesmos direitos e lhes são negados; e a *discriminação*

indireta, que está internamente relacionada com situações aparentemente neutras, mas que criam desigualdades em relação a outrem. Esta última, é a mais comum no Brasil.

Trabalhar na educação de nossos jovens, mostrando-os o processo histórico que norteou a criação e desenvolvimento do povo brasileiro, dignificando através da nossa cultura a identidade multicultural e pluriracial da nossa sociedade, é sem dúvidas a maneira mais eficaz de mudar o presente e futuro do negro no Brasil.

1.5 Educação e relações sociais – Um breve histórico

A princípio, no Brasil Colônia, a idéia formal que veio para adequar toda esta mistura de raças aos moldes da sociedade portuguesa, e que conduziria a esta etapa de formação do Brasil, foi a Educação. Os padres jesuítas foram os primeiros professores que, através de uma proposta de educação eclesiástica denominada catequese, tentaram retirar dos negros e índios a sua crença, cultura e costumes, aumentando, assim, o número de adeptos à religião cristã. E foi por este caminho que se consolidou, na história do povo brasileiro, não só a discriminação do negro e do índio como também o resultado das misturas destas duas raças na sociedade brasileira.

Neste momento, a Igreja tornava-se a principal responsável pelo ensino das classes pobres do Brasil (uma vez que a nobreza educava seus filhos na Europa, sem nenhuma pretensão de usar esta educação em prol da melhoria do povo brasileiro). É também neste contexto, que faremos algumas observações sobre a educação e sua evolução política como formadora do ideal de sociedade brasileira, onde o negro, a todo momento, foi discriminado e excluído do processo educativo e de socialização.

Nesta época, pouco se falava sobre educação como obrigação do estado, até que Marquês de Pombal liderou a Reforma Pombalina, tomando para o estado a obrigação pela educação. Politicamente, o país organizava-se. Pequenas revoluções, ideais de libertação escrava e interesses externos nortearam o processo. Após a independência, representada pelo partido liberal – este, composto por artesões, serviçais, intelectuais e realistas (renóis, militares, burocratas e comerciantes), foi convocada a primeira constituinte brasileira, da qual seus resultados representavam muito das influências de políticas estrangeiras. Desta maneira, as discussões surgiam em torno das questões das leis baseadas no regime inglês, americano e também no constitucionalismo francês de grande influência nos nortes da educação.

Nesta Constituinte, foram dadas as primeiras propostas para o desenvolvimento da educação: a promoção do ensino público (Colégio das Educandas), ainda entregue à igreja;

método lancasteriano de ensino (modelo europeu), por Andrada Machado; e a descentralização do poder e obrigações das províncias com o ensino médio. Contribuiu, também, o Conde de Barca, com a instrução pública em quatro graus: as pedagogias, os institutos, os liceus e as academias. Neste período, também foram propostos a criação das universidades e a instrução primária gratuita.

Apesar das tentativas políticas de aprovar propostas que elevassem a educação brasileira, a formação étnica brasileira continuava a incomodar os países europeus, que descartavam qualquer possibilidade diante do nosso povo em absorver a cultura européia. Para eles, implantar um modelo de educação nestes moldes carecia de melhoramento na questão racial do país.

O Ato Adicional de 1834 discutiu a descentralização da educação e criação de duas instituições universitárias, com discursos que deixavam claro a adoção do modelo de educação europeu. O projeto apresentado pela Câmara em 1834 (de modelo parlamentarista) dava responsabilidade aos Estados pela educação, e atribuía à comunidade local poderes para gerir suas escolas primárias e secundárias.

Havia uma intenção de universalizar a instrução primária, porém, nada foi feito no sentido de tornar real e efetiva a participação do governo central. Levemos em conta, ainda, a falta de ação provincial e omissão das classes dirigentes. Ficava claro que a maior preocupação ainda era com a educação da nobreza (Colégio D. Pedro II) e as Universidades.

No Brasil República, o apoio internacional, a separação entre a igreja e o estado (surgimento da educação particular), a criação da secretaria da instrução pública, os correios e os telégrafos ratificam algumas idéias do Brasil Império, ampliando algumas questões como o federalismo, o voto do analfabeto, o voto da mulher, dentre outros. Assim, daríamos continuidade ao desenho previamente definido do modelo educacional e diligência da nação que veríamos nos próximos anos. Até meados de 1890, o país vivia uma invasão de idéias e transformação literária. Iniciava-se a “Era da Ciência”, onde a pesquisa e intelectualidade faziam-se presentes no conceito social, segregando ainda mais o povo e privilegiando a nobreza.

Na política brasileira, os discursos em 1926 ainda estavam voltados para a descentralização, autonomia, responsabilidades e condições para que a educação pudesse ser encarada como algo importante para a nação. No exterior, a Alemanha buscava a escola única como equilíbrio e solidariedade, e a França, uma escola única para todas as classes sociais. Os Estados Unidos reformam seu ensino público, e a Itália nacionaliza suas escolas em nome do Estado, dando endereço religioso.

A educação do Brasil nada avançou. A diversidade racial brasileira era motivo de muitas preocupações. Suas disputas regionais também atrapalhavam o processo, e com Getúlio, o “ideal de nacionalidade” fez com que interesses estrangeiros influenciassem ainda mais o nosso desenvolvimento. A Educação, portanto, deveria atender aos conceitos de igualdade e de desenvolvimento do país, no que dizia respeito à industrialização.

A partir da década de 50, em que mudanças de governo, acordos com a burguesia e com políticas de países dominantes – onde se fizeram presentes na construção do estado nação e nas suas atuações na condução social do país - a educação tomava novo rumo, e adotava definitivamente o capitalismo como modelo econômico. Isto trouxe para o Brasil benefícios e mazelas, que foram retratados no fracionamento, muito maiores nas classes sociais, fazendo surgir pontos de tensão que apareceriam como forma de resistência nas décadas seguintes.

Do ponto de vista filosófico, a ideologia é um conjunto articulado de idéias, valores, opiniões, crenças, entre outros, que expressam e reforçam as relações que conferem unidade a determinado grupo social (classe, partido político, seita religiosa, etc.), seja qual for o grau de consciência que disso tenham seus portadores. A ela, atribuirei a reação social, da qual falarei em alguns dos próximos parágrafos.

Politicamente, a ideologia representa o sistema de idéias dogmaticamente organizadas, como um instrumento de luta política ou conjunto de idéias próprias de um grupo, de uma época, e que traduzem uma situação histórica. É desta que se trata na época do governo de Juscelino Kubistchek, com seus estudos econômicos feitos pelo CEPAL e BNDE, análise da conjuntura econômica, entre outras idéias, para a condução do Brasil. São estas ideologias denominadas e divididas em desenvolvimentista, que tinham como objetivo inicial a política do grupo que estudou todo o processo, a necessidade econômica e aumento da exportação e, em seguida, o dependentismo, devido à ingerência dos fatores externos nas questões sociais e econômicas do Brasil, que contarão a história do país até os dias de hoje.

A política desenvolvimentista de JK dar-se-á, principalmente, pelas dificuldades econômicas encontradas pela América Latina e atendimento a uma política econômica mundial. Estudos realizados por órgãos como CEPAL, BNDE e Fundação Getúlio Vargas foram os grandes nortes, seguidos pela gerência da nação. Com isto, a adoção por completo do sistema capitalista, como base para nosso desenvolvimento, a partir de acordos com países que já o tinham em pleno estado de funcionamento, foi a saída encontrada e ideologicamente difundida neste período. A entrada do capital estrangeiro no Brasil foi visto como solução de grande parte dos nossos problemas, porém, não foi percebido o calabouço em que nossa

economia estava sendo presa, e que seus resultados afetariam muitas outras questões brasileiras.

Grandes investimentos na agricultura e na industrialização (a indústria de automóveis torna-se a mais significativa, empurrando o processo de interesses do novo modelo proposto) renderam para o Brasil um crescimento nos seus primeiros anos de implantação desta política. A divisão do trabalho e o reconhecimento dos EUA como potência econômica, seria a síntese do divisor de águas pós-guerra nos dois grandes blocos políticos-sociais e econômico de organização mundial (o capitalismo e o comunismo). Porém, as forças que ajustariam todo este processo mostraram-se presentes logo depois de evidenciado o dependentismo em que se meteu o Brasil.

O crescimento aconteceu, mas a burguesia, como é proposta do capitalismo, cada dia ficava mais poderosa, e as mazelas do capitalismo iam tomando espaço na sociedade do povo brasileiro, que a depender da região, tinham menos ou mais oportunidades. As diferenças entre classes sociais e raças, ainda fortemente presentes, começaram a trazer, em paralelo, algumas respostas às ações destas forças na nossa sociedade. Parafraseado Nabuco (1983), “toda escravidão é a mesma, e quanto à bondade dos senhores, esta não passa da resignação dos escravos [...] Porém, ao menor momento de reflexão, desperta em toda sua ferocidade um monstro adormecido”.

Como a agricultura não estava em sua melhor fase, e não mais rendia ao Brasil o resultado esperado, o êxodo rural, em busca de empregos nas indústrias, formavam as novas metrópoles de pessoas não qualificadas para um setor industrial em crise.

Em resposta, a sociedade volta-se a uma forma mais organizada de representatividade. Os sindicatos e outros grupos iniciam movimentos, trazendo para o governo situações em que era necessário atenção diante das solicitações, visto que estas podiam interferir nas propostas daquele.

Para atender às solicitações sociais, algumas medidas paralelas foram tomadas, as quais visavam usar o “instrumento de formação social” como grande força ideológica. A Educação é proposta através de Constituições e Leis de Diretrizes e Bases da Educação, com uma roupagem ora inclusiva, ora excludente, sempre atendendo à classe burguesa nas suas necessidades, ou ao estado, como, por exemplo, quando propunha abandonar os princípios ideológicos de submissão da educação ao estado, no modelo reprodutivista e nacionalista da era Vargas, e implementar uma reorganização da economia nacional e internacional do pós-guerra na administração dos fundos destinados à assistência técnica, que passa a ser feito através da Agência de Desenvolvimento Internacional – USAID, criada pela Aliança para o

Progresso, destinada à promoção do desenvolvimento do terceiro mundo, quando ocorre a cooperação técnica à educação brasileira pelo Banco Mundial através de projetos de cofinanciamento junto ao Ministério da Educação, dentre os quais, dois se destinavam ao ensino técnico do ensino médio, e três ao ensino fundamental e ao desenvolvimento de sistema de planejamento no nível estadual de ensino. Com isso, percebe-se claramente o papel da educação brasileira no contexto internacional: formar mão-de-obra, preferencialmente não-especializada e barata, aumentando o exército de reserva, e incentivar a população das classes estratificadas a buscar a instrução elementar necessária à decodificação dos signos lingüísticos suficientes para atender ao desenvolvimento do mercado dos países desenvolvidos. O estado nacional implementou, assim, uma ampla reforma educacional em todos os níveis da educação, do ensino fundamental à educação superior, ajustando a ação educacional à política econômica, onde o “poder público no Brasil se preparou para submeter a iniciativa da educação e o esforço educacional da sociedade aos interesses dos setores que comandam os destinos da economia” (RODRIGUES, 1999, p.56).

Duas grandes forças atuaram nesta fase, representadas pelo “Substitutivo Lacerda” e o “Manifesto dos Professores”. Outra vertente que ajudou neste processo de formação, antagônica às saídas sugeridas e implantadas pelo governo, foram os estudos sobre lutas de classes, modo de produção, formação social, processo histórico e transformação social, que começaram a ter grande representatividade, os quais veremos como participantes de um grande processo de mudança nas comunidades, onde os valores morais e culturais estas serão resgatados, e a inserção social, com sua própria cultura, representará maior demanda para o governo.

No Brasil atual, ainda há de se contar com o processo de exclusão, ora suportado pelo próprio processo capitalista, ora pela cultura excludente devido a nossa mistura de raças. Alcançar o patamar da igualdade social torna-se um desafio maior quando percebemos o quanto é forte as políticas externas para com o nosso país. O controle é sugerido em todos os aspectos, encontrando na educação o seu ponto mais forte, por ser um dos fatores de diferenciação na constituição do Brasil nação.

Os acordos feitos para promover uma educação para o povo brasileiro apostam na educação da elite e na privatização das escolas e universidades, no financiamento das escolas particulares e distanciamento da tutela do estado no controle da educação, pois os próprios parâmetros curriculares mostram-nos, em sua realidade, a face oculta do poder. As Leis de Diretrizes e Bases da Educação, a Reforma Universitária, o Plano Nacional de Educação são exemplos de atuação do poder, e precisam ser analisados com bastante atenção, com intuito

de sabermos para quem são direcionados e a quem servirá. As propostas também contam com a participação de representantes civis do povo, mas mesmo assim, ainda se faz necessário agir em prol de fazer acontecer e cumprir as leis que foram aprovadas, mesmo que estas ainda estejam longe das atuais necessidades do povo brasileiro.

O que podemos perceber é que, apesar dos esforços, ainda continuamos com uma grande defasagem entre o que se tem e o que se precisa no contexto de igualdades para todos, principalmente se levarmos em consideração que, neste país, a pobreza tem cor, e que apesar do Brasil possuir um povo tão misturado, as diferentes raças são tratadas igualmente, sem respeito aos princípios culturais de cada uma destas.

O dispositivo ideológico da luta contra a desigualdade e a exclusão é o universalismo, uma forma de caracterização essencialista que paradoxalmente pode assumir duas formas na aparência contraditórias: o universalismo anti-diferencialista que opera pela negação das diferenças e o universalismo diferencialista, que opera pela absolutização das diferenças. (SANTOS, 1995.).

A nova LDB registra a abertura do tema Diversidade Cultural no artigo 26, que trata de “uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela”. Este acolhimento às diferenças culturais é uma situação inovadora, assim como os Parâmetros Curriculares, com seus temas transversais, que abrem as portas para o conhecimento da cultura regional, numa tentativa de alargar o leque da educação, e no intuito de reduzir as distâncias entre os Brasis existentes. Porém, ainda falta muito para que todos os pleitos, até mesmo legais, sejam atendidos pela elite social brasileira, uma vez que não faz parte da nossa cultura o respeito - e até a solidariedade - pela diferença aos anseios dos negros, mulatos e índios, que são a maioria no nosso país. Quanto ao cumprimento destas e outras leis, há de se considerar que, somente com acompanhamento, conhecimento e busca constante dos direitos, é que vamos fazê-las serem respeitadas e cumpridas, beneficiando, assim, o povo brasileiro.

CAPÍTULO 2 - A CAPOEIRA E SUA HISTÓRIA

Poderíamos dizer que “A capoeira foi inventada com a finalidade de divertimento, mas na realidade funcionava como faca de dois gumes, ao lado do normal e cotidiano era divertir, era luta também no momento oportuno” (REGO, 1968, p. 35).

O Brasil, na forma que hoje se constitui, é o resultado de manobras geográficas, ideológicas, étnicas, políticas e religiosas. Ao ser descoberto pelos Portugueses, as intenções que rodeavam este “novo mundo” eram as de explorá-lo para alimentar outras cadeias produtivas de um sistema ainda novo, mas com grandes pretensões para o futuro, onde a exploração do homem seria a base de sustento desta nova ordem. Em busca de iniciar este processo, foi definido que tipo de homem atenderia a esta necessidade. A partir daí, acredito que forças materiais e não-materiais começaram a agir, cada qual, em busca do seu equilíbrio, e não permitiriam jamais a igualdade ou a vontade própria de ação. Através de ideologias, o cenário estava montado: negros, brancos e índios seriam os principais atores desta cena, e seus artistas coadjuvantes, o resultado destas misturas de raças (mulatos, índios, cafuzos, pardos, sarará). Cada um com sua própria crença e hábitos; cada qual com sua história de vida foram regidos por um sistema alienador e dominante. Adaptando à tradução de Álvaro Pina, no sentido que retrata a condição imposta à alienação do homem: “Até aqui, os homens têm sempre criado representações falsas sobre si próprios, e daquilo que são ou que deve ser a partir de suas representações de Deus, do homem normal, dos seus anseios e do poder que lhes domina”.

2.1 A prática da capoeira – Alternativa para a liberdade

“Meu mestre me disse um dia:
Ô, menino, preste atenção.
Vou lhe ensinar a capoeira,
Tenha muita devoção.
Capoeira é uma arte,
É cultura popular.
Capoeira se faz com o tempo,
E este tempo vai demorar.
Vá aprendendo e treinando,
Pro seu corpo aprimorar.
Minha vida é capoeira,
Hoje eu sou capoeirá.
Viva meu Deus!” (KORVÃO, 1989, CD).

A capoeira, desde seu primeiro registro, apareceu no processo de formação social brasileira como uma luta utilizada por negros aqui escravizados para, em momento de fuga ou

resistência, fazer valer a sua liberdade⁶⁰. No Brasil Colônia, e ainda na República, teve seu apogeu e queda nos estados da Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro. Considerada uma arte marginal, chegou a ser proibida por lei e, após muito tempo, foi liberada para ensino em academias fechadas, onde pôde reiniciar seu desenvolvimento e história.

A origem histórica da Capoeira é contraditória devido à escassez de documentos existentes sobre este tema, e sobre a história do negro africano escravizado no Brasil Colônia. Rui Barbosa foi o maior responsável pela escassez de registro, pois, em 1890, mandou queimar todos os documentos referentes à escravidão brasileira, acabando com os retratos da "vergonha nacional" (AREIAS, 1983, p. 12). Como a Capoeira caracteriza-se pela oralidade, ou seja, os conhecimentos são repassados de geração em geração por meio oral e através de rituais. O que restou de registro encontra-se nas delegacias e nas cartas de contato com a coroa, onde eram somente narrados fatos intrigantes sobre os capoeiristas, mas mesmo estes, merecem desconfiança, pois são visto através da ótica do branco... e rico.

Há duas principais correntes sobre a origem da Capoeira entre seus praticantes: uma Africana, outra Afro-Brasileira.

Edison Carneiro supõe que "a Capoeira teria vindo de Angola..."; Lamartine P. da Costa "... acredita que sua forma primitiva chegou ao Brasil com os Bantos originários da África Ocidental" (COSTA apud MOURA, 1980, p.15). Moura ainda relata que a Capoeira pode ter se originado da *Dança do N'golo*⁶¹, através dos escravos das tribos do Sul, que levaram esta tradição para o Brasil, transformando numa luta de defesa e ataque.

O fato é que não se encontrou o jogo da capoeira em terras africanas, e mesmo se tivéssemos encontrado, não teríamos como saber se esta existência teria sido oriunda de escravos que, após a libertação, conseguiram voltar para a África, ou seria uma manifestação de uma capoeira africana. Nestor Capoeira diz-nos:

Após dez anos, os escravos que restituíssem a quantia pela qual fora adquirido, comprava sua liberdade (ao retornaram ao continente de seus antepassados, levaram consigo costumes e práticas criados ou assimilados no Brasil) - coisa que aconteceu com frequência (CAPOEIRA, 1992, p. 16).

Destas duas correntes, a mais coerente e supostamente verdadeira é que a Capoeira é Afro-Brasileira. Segundo Rego (1968, p. 31), "tudo leva a crer que a Capoeira é uma invenção dos africanos no Brasil, desenvolvida por seus descendentes".

⁶⁰ Cartas à coroa portuguesa pediam auxílio para as expedições contra negros fugitivos que, ao serem encontrados, entravam em mortais conflitos, usando coices e cabeçadas. Cartas das Escolas Militares, em 1821, reclamavam dos "negros capoeiras presos em desordem".

⁶¹ O N'golo era uma dança praticada em Angola, durante a festa da puberdade das raparigas, onde os rapazes competiam para a escolha da esposa entre as iniciadas. Caracteriza-se por uma luta de pés (MOURA, 1980).

Para Sodré (apud CAPOEIRA, 1992, p. 17)

[...] a questão do começo é um falso problema – na capoeira e em geral. O importante não é o começo – a data histórica não tem tanto interesse assim -, mas sim o princípio: quais as condições que a geraram e o que a mantém em expansão. Isto é: o conjunto de condições e circunstâncias históricas e culturais para que aquele jogo tenha se expandido.

Quanto à origem do nome, as dúvidas são maiores ainda. Rego conta-nos que o vocábulo foi registrado pela primeira vez em 1712 (no vocabulário Português e latino, de Rafael Bluteau) e em 1813 (dicionário da língua portuguesa), e que depois entrou na polêmica etimológica, envolvendo nomes como José de Alencar, Beaureoaire e Macedo Soares. Para Alencar, vinha do tupi Caa-apuam-era, que significava “ilha de mato cortado”; Para Beaureoaire, do tupi Co-puera, que significava “roça vermelha”; e para Marcelo, do tupi-guarani Caá-puera, que significava “mato miúdo, que nasceu no local do mato virgem que foi cortado” (REGO, 1968, p. 19).

A história da Capoeira é concomitante com a história do negro no Brasil: caçados como animais nas diversas tribos da África, trazidos pelos portugueses nos Navios Negreiros, os negros foram escravizados já nos primórdios da colonização e submetidos a um sistema de opressão muito intenso e duradouro.

Eram considerados uma valiosa mercadoria, trabalhando de sol a sol, comandados pelos chicotes dos feitores, derrubavam a mata, preparavam a terra, plantavam a cana e produziam o açúcar, doce riqueza de seus senhores (AREIAS, 1983, p. 9).

Antes de vir escravo para a América, o negro era um ser inteiro: *corpo e alma livres*⁶². No Brasil, não aceitava a condição de ser escravo, por isso, não era passivo e lutava pela liberdade. Eram constantes os suicídios e as fugas das fazendas. "A fuga era a única maneira de recuperarem a sua humanidade" (SANTOS, 1985, p. 8).

Nas fugas, escondiam-se na *Capoeira*, que em tupi-guarani, *Caá-puera* significa “mato virgem que foi derrubado, e em seu lugar, nasceu mato ralo e rasteiro” (REGO, 1968, p. 19). Escondidos na *Capoeira*, armavam emboscadas para os *Capitães do Mato* e, "movidos pelo instinto natural de preservação da vida, os escravos descobrem no seu corpo, a essência de sua arma" (AREIAS, 1983, p. 15). O escravo foragido não tinha armas de fogo para se defender. Através da observação dos movimentos dos animais, criou uma luta de revide, usando o corpo, o movimento e a malícia para a conquista da liberdade.

Os Capitães de Mato diziam: “Cuidado com os negros da *Capoeira!*”. De tanto dizerem isto, esta luta corporal ficou sendo conhecida como Capoeira.

⁶² Este "corpo e alma livres" não tem o sentido dualista da cultura ocidental.

Pelo fato do nome Capoeira ser de origem tupi-guarani, reafirmo ser esta de origem Afro-Brasileira.

Areias (1983, p. 2) ainda afirma:

[...] acredito ter a Capoeira surgido no Brasil como arma, em função da necessidade do escravo de se defender dos maus-tratos e castigos dos seus opressores e, ao mesmo tempo, como folguedo, para expressão e manifestação dos seus sentimentos.

Um outro aspecto a ser levantado sobre o surgimento da capoeira foi a formação dos Quilombos. Alguns pesquisadores consideram a hipótese da capoeira ter existido e sido praticada neste espaço, o que até o momento não foi comprovado, porém, a questão de luta está revelada através do espírito de rebeldia dos escravos e da convicção destes do direito de liberdade, que foram a força motriz para a formação dos quilombos. O mérito dos *quilombolas*⁶³ palmarinos foi a organização em grupos clandestinos, através do espírito de luta contra o opressor.

Desta maneira, acredito que a capoeira tornou-se um instrumento importante para o desgaste do sistema escravocrata. Com o advento da República, foi combatida mais intensamente. O Código Penal de 1890, em seu Decreto 487, proibia a Capoeira, sendo seus praticantes recolhidos em ilhas-prisões para trabalhos forçados.

Após a "Abolição da Escravatura", surgiram as maltas, "com integrantes hábeis e manhosos, extremamente traiçoeiros nos golpes exímios no jogo da capoeira" (AREIAS, 1983, p. 30). Os grupos de maltas roubavam e se empregavam como mercenários, a mando de políticos e "nobres" da época. Foram inclusive, utilizados para combater na injusta Guerra do Paraguai.

Tava lá em casa,
Sem pensá, nem imaginá.
Quando eu ouvi batê na porta:
Salomão mandô chamá
Pra ajudá a vencê
A batalha libera.
Eu que nunca viajei,
Nem pretendo viaja,
Dei meu nome, agora eu vô
Pro sorteio milita.
Quem não pode, não intima.
Deixe quem pode intimá.
Quem não pode com mandinga,
Não carrega patuá, Camaradim.”(DOCUMENTO, 1998, CD)

⁶³ Quilombolas eram as pessoas que viviam nos quilombos.

2.2 Mestre Pastinha e Mestre Bimba – A formação na visão destes Mestres

Os dois maiores expoentes desta arte são os Mestres Pastinha (Vicente Ferreira Pastinha – 1889-1981) e Mestre Bimba (Manuel dos Reis Machado – 1900 - 1974), representantes da capoeira de Angola e Regional, respectivamente. Ídolos de gerações, e referência quase única em tudo que se refere à capoeira e suas histórias. Ninguém foi mais mencionado nas “rodas” de capoeira do que eles.

Vicente Ferreira Pastinha não criou a Capoeira Angola⁶⁴, porém, como ninguém, soube usá-la de maneira a agregar valores sociais a esta arte. Considerada como a “capoeira mãe”, é traduzida por seus praticantes como uma filosofia de vida, de arte, jogo e luta, que mistura tradição à malícia. Podendo ser ora lúdica, ora perigosa, sua prática sempre abrangerá a conduta de vida dos seus praticantes (como aluno do Mestre Nô, dia desses ouvi do mesmo, em entrevista) – semelhante ao pensamento de Mestre Pastinha – que a roda de capoeira é igual à roda da vida: nela você encontra todas as situações do dia-a-dia, desde o abraço amigo, até a traição. Por esta razão, tenho certeza que é possível educar ou reeducar através da prática da capoeira.

A capoeira é ensinada nas academias, porém, será usada por toda a vida. Seus ritmos, seus movimentos, seus fundamentos disciplinam a conduta moral e social; ensinam a viver em harmonia consigo e com os outros; despertam valores, criatividade... a vontade de viver, conhecer e aprender.

A Capoeira Angola defendida e tão bem empregada por Mestre Pastinha é, e sempre será, uma espécie de argumento para a libertação, não só da escravidão racial, mas a libertação de todo o ser, que se sente constantemente ameaçado de escravidão por todos os processos que norteiam nossas vidas. (PASTINHA,1988, p. 5).

Mestre Pastinha nasceu no dia 05 de abril de mil oitocentos e oitenta e nove em Salvador/Bahia, aprendeu capoeira desde os 10 anos de idade. Seu mestre foi o Sr. Benedito, um negro angolano. Era filho de José Pastinha, um espanhol que era mascate e Raimunda dos Santos, uma mulher negra.

Sempre fez questão de dizer que esteve na escola de marinheiros, provável base de sua postura pessoal, mesmo quando metido em arruaças e barulhos.

Para Mestre Pastinha, a capoeira como luta teve que ser disfarçada em dança devido à grande repressão policial que vinha sofrendo. Isto atrasou o processo de crescimento e evolução cultural da capoeira.

⁶⁴ Mestre Pastinha é considerado como o representante maior da capoeira Angola, porém, mesmo antes ou durante sua trajetória como capoeirista, também existiram outros grandes mestres de capoeira, como Besouro Mangangá, Mestre Valdemar, Aberrê, Totonho de Maré, entre outros.

A capoeira que veio com os africanos, no tempo da colonização, não teve maior desenvolvimento por razões óbvias. Os negros africanos, no Brasil colônia, eram escravos e nessa condição tão desumana não lhes era permitido o uso de qualquer espécie de arma(...) viu-se nestas circunstâncias, a capoeira, tolhida em seu desenvolvimento sendo praticada às escondidas ou disfarçada cautelosamente com danças e músicas de sua terra natal. (REVISTA REALIDADE, 1967, p.9).

Ainda para o Mestre Pastinha, os grandes culpados por toda esta fase de repressão policial à capoeira tinham sido os próprios capoeiristas, em sua fase de ações anti-sociais e violentas.

A sabedoria do mestre relativa à prática da capoeira ultrapassava os limites sociais, e adentrava na formação do ser humano. No seu discurso acima, fica clara a idéia de que, mesmo sendo o capoeira de origem pobre, e até mesmo tendo sido excluído o seu lado homem, de ser humano, este poderia, e deveria, ter usado todo o seu potencial para o bem social. Com conhecimento de causa, Mestre Pastinha passou a defender um modo diferente de praticar a capoeira. Se no passado ela foi usada por desordeiros e bagunceiros – e ele também estava entre estes – agora ela deveria ser usada como uma prática cultural, deixando de lado a sua “fase ruim”. “Tudo isso é mancha suja na história da capoeira. Mas um revólver tem culpa dos crimes que prática? E a faca? E os canhões? As bombas?.

Não vai muito longe o tempo em que a capoeira sofria séria repressão por parte das autoridades policiais que não visavam, evidentemente, terminar com a capoeira mas, evitar que indivíduos de mau caráter dela se valessem para a prática de agressões e desordens, pois, o aprendizado da capoeira congregava as classes mais humildes do povo. (PASTINHA, 1964).

Mestre Pastinha afastou-se da prática da capoeira por 20 anos (de 1920 a 1940), e foi em seu retorno que ficou sendo considerado um grande líder da Capoeira Angola. Vemos este momento relatado nas palavras de Mestre Noronha: ABR apresentou Mestre Pastinha por motivo da morte de Amouzinho Guarda. Entregamos o centro ao Mestre Pastinha para tomar conta e cujo centro é registrado com os esforço do Mestre-Pastinha que sobe elevar este centro a frente.

Neste seu retorno, Mestre Pastinha introduziu várias transformações no contexto da capoeira. Resolveu e personificou a capoeira como esporte. Considerou esta como luta distinta de qualquer outra: deveria ser praticada para elevar o grau de equilíbrio físico e emocional dos seus praticantes, unindo a concepção esportiva à ludicidade.

Mestre Pastinha usou, como pano de fundo, os aspectos dos rituais religiosos dos caboclos e dos candoblés. “Nessas práticas estaria a essência da capoeira africana, parte do que ele desejava buscar para construir a capoeira Angola” (PIRES, 2002, p. 73).

A partir da década de quarenta, o mestre iniciava um trabalho do seu jeito. Criou uma estrutura de hierarquias para que a capoeira fosse praticada de forma desportiva. No Centro de Capoeira liderado pelo mestre, foram criados os *mestre de canto*, *mestre de bateria*, *fiscal*, *arquivista*, *contra-mestre*, entre outros, com a finalidade de fortalecer a entidade e organizar, de forma mais clara, os seus praticantes.

Ao meu ver, as iniciativas do mestre já denotavam uma vontade maior de introduzir, nos moldes sociais vigentes, a capoeira. “Vestir” a capoeira com outra cara, para melhor ser aceita pela sociedade.

Atualmente em conversas, seminários e palestras, os grandes e então considerados mestres de capoeira pregam esta forma de enxergar a prática da capoeira. Na visão do mundo de hoje, não cabe a violência desenfreada, as condutas política-socialmente incorretas. A capoeira é mencionada como instrumento agregador de paz e harmonia, seja ela Angola ou Regional. Considerando que este grande trabalho do Mestre Pastinha iniciou-se na década de 40, vale arriscar dizer que o mestre teve uma fabulosa visão de futuro quanto ao mundo, entendendo qual papel caberia à capoeira nos anos seguintes.

Mestre Pastinha enxergava o lado lúdico da capoeira como de fundamental importância. O canto e a instrumentação não podiam deixar de existir, sendo o berimbau o seu maior representante. Na sua nova concepção de ver a capoeira, esta não deveria ser usada para agressão, e sim, para a defesa da integridade física.

A capoeira deveria ser ensinada em suas dimensões teóricas e práticas, com suas regras e principalmente deveria ter uma ética própria. O capoeirista Angoleiro deveria ser calmo, calculista, exercitar-se mentalmente imaginando situações críticas. (PIRES, 2002, p. 76).

Dentro do universo-capoeira vivido pelo Mestre Pastinha, o ritual foi muito bem trabalhado e divulgado nas rodas de Capoeira Angola. As saídas de jogo, organização da roda, instrumentação, canto de entrada, as chamadas para o passo a dois são alguns destes exemplos. Com todos estes elementos, os aspectos de representação teatral apresentam-se de forma mais marcante na capoeira.

Na formação da capoeira Angola implementada na visão de Mestre Pastinha, a religiosidade tem papel por demais importante. É nela que está a essência filosófica da arte.

Apesar de ligar a Capoeira Angola fortemente ao Candomblé, o Mestre Pastinha não tinha religião definida. Ele assumira uma religião própria, porém, manteve uma posição de respeito a todas as outras. “Não sou católico, nem sou de candomblé. Eu creio em Deus, num só. Respeito gente de religião quando há respeito”.(REVISTA REALIDADE, 1967)

O ressurgimento do Centro Esportivo de Capoeira Angola, oficializado em 1952 sob o número de ordem 845, no livro Civil do Pessoal Judicial, foi uma iniciativa do mestre para demonstrar a intenção de organização política e social da capoeira. Era neste Centro que Pastinha dava aulas, onde a disciplina e conduções nas questões da capoeira eram praticadas, e onde também desenvolvia a idéia de reunir todos os capoeiristas para discutir o rumo da capoeira daquela época. A organização da capoeira e a idéia de unidade eram constantemente defendidas pelo mestre, que achava a capoeira muito dividida e desorganizada. Para ele, o capoeirista deveria pensar e atuar de acordo com sua própria necessidade, lembrando-se sempre da responsabilidade com a imagem da Capoeira Angola. Era ensinando e aprendendo a capoeira que o aluno poderia valorizar a arte, e daí, fazer bem às pessoas que também a praticava. “Disciplinar e executar uma série de obrigações faz parte integrante do regime da própria academia. Cumprir o dever é ser honesto de si mesmo, é respeitar a si próprio.” (DECANIO FILHO, 1997, p.1).

Apesar de logo cedo conseguir vaga na marinha, a vida do Mestre Pastinha foi difícil e dura de viver. Tempos após, com sua saída da marinha, teve que se juntar aos trabalhadores da cidade, desempenhando outros papéis de trabalhador. Terminou sua vida na miséria.

Longe de tudo e de todos. De repente, volta-se e rompe o silêncio, um silêncio feito de revolta e angústia. Nada vejo. Nada. Absolutamente nada. Trevas, trevas, sempre trevas [...] Estou na miséria, mas ainda não estou pendendo esmola. E ajuntando, levanto a vós – Jorge Amado não quer que eu mendigue o pão. Simplesmente porque ele não quer que eu peça esmolas. Mas – abre os braços e levanta-se: estou na miséria. (JORNAL IC, 1967, p. 3).

A renda da academia não dava para o sustento, e necessário foi recorrer aos amigos como Jorge Amado e Wilson Lins. O governo não ajudou Mestre Pastinha em seu papel de divulgador da capoeira, da Bahia, do Brasil. Divulgar da arte e da cultura afro-brasileira, praticada e vivenciada por tantos e tantos humildes e excluídos da comunidade negra do Brasil. Assim, Mestre Pastinha, cego, idoso e sem recurso material algum, sobreviveu a duras penas até sua morte, em 13 de novembro de 1981.

Em vídeo gravado pouco antes da sua morte, dona Nice pergunta-lhe: “Pastinha, o que está sentido?” No que ele respondeu: “Nada. Absolutamente nada, graças a Deus”.

“À capoeira mãe. Mandinga de escravo, em ânsia de liberdade. Seu princípio não tem método; seu fim, é inconcebível ao mais sábio capoeirista”.⁶⁵

Manuel dos Reis Machado criou a Capoeira Regional. Após longos anos de prática da capoeira Angola, “resolveu juntar uma antiga luta, o Batuque, aos movimentos da Capoeira Angola” (CAPOEIRA, 1992, p. 25), até então praticada com a intenção, segundo relatam seus

⁶⁵ Frase escrita na parede da academia de Mestre Pastinha.

mais antigos alunos, de tornar a capoeira mais forte, de dar um maior significado de luta, uma vez que, diante da situação vivida naquele momento no Brasil, a capoeira estava sendo vista muito mais como uma manifestação folclórica. Destes princípios, foi criada a Capoeira Regional, que abriria as portas para a liberação do ensino desta arte em recintos fechados (academias), e que, a partir de então, começou a agregar classes sociais distintas, iniciando um processo de desmistificação da capoeira como arte marginal. A criatividade de Bimba e sua liderança repercutiram muito na proliferação da Capoeira Regional nos meios sociais e políticos. Sem dúvida alguma, dava uma nova roupagem à arte da capoeira.

Mestre Bimba nasceu em 23 de novembro de 1899, no bairro de Brotas em Salvador/Bahia. Filho de Maria Martinha do Bomfim e Luiz Cândido Machado, iniciou a capoeira com 12 anos, e teve como mestre Bentinho, capitão da companhia de navegação baiana. Apesar de ter criado a Capoeira Regional, o mestre mantinha muitos dos contatos da Capoeira Angola, representando uma ligação entre o passado e aquele presente da capoeira. Na sua criação, Mestre Bimba teria iniciado a capoeira junto a uma parte mais nobre da cidade de Salvador, o que muitas vezes o distanciava dos mais humildes, conforme afirma mestre Noronha: “[...] porque os meios que ele estava era de rico, e depois ficou pobre” (COUTINHO, 1993, p. 52).

Assim como Mestre Pastinha, Mestre Bimba também defendia que a capoeira do passado esteve entre malandros e trabalhadores, o que naquela época era refletida na repressão policial e na maneira discriminatória de ver a capoeira. Pretendia ele que a capoeira fosse símbolo cultural e que significasse algo melhor aos olhos sociais. Criou a capoeira Regional tentando atrair para a sua prática estudantes e trabalhadores de classes sociais mais altas. Seus contatos políticos e com outros intelectuais o fez ser reconhecido em Salvador e no mundo da capoeira.

Bimba também queria ver a capoeira como esporte nacional, e para isto, colocou-a no ringue, e fez várias apresentações artística na divulgação da arte. Seus resultados no ringue, vencendo diversos adversários, consagraram-no um campeão, sendo destaque como lutador de artes marciais.

A prática da capoeira em academias foi alavancada pela repercussão criada por Mestre Bimba. Ele separou o lado lúdico da capoeira de seu lado de treino para combate. Dizia existir o momento certo para se fazer apresentações, e considerava a Capoeira Regional uma arte marcial pronta para entrar em combate com qualquer outro estilo.

Para evitar enganos e más interpretações, e no intuito de tornar os encontros de capoeiragem mais interessantes e mais violentos, todos os golpes e truques de capoeiragem entrarão em jogo. Os adversários poderão se apresentar com os golpes

que conhecerem. Fica, assim, lançado o desafio aos que praticam e conhecem a capoeiragem, como também a qualquer outro lutador (Jiu-Jitsu, etc.). Eu os enfrentarei com minha capoeira. (A TARDE, 1936, p. 12)

Desta forma, estava declarado, por Bimba, de uma vez por toda, a ruptura com a Capoeira Angola, denominando a capoeira como arte marcial de combate.

Se na década de 30 Mestre Bimba defendia a luta em ringue, na década de 40 ele já chegava à conclusão que a Capoeira Regional não devia fazer parte deste cenário, e em resposta a um desafio, ele diz:

A regional não é luta para ringue. Ela não obedece às regras convencionais nos encontros pugilísticos. É uma luta para situações decisivas e, na sua ação, vale tudo. Por isso, a sua exibição em público, nesse sentido, tornar-se-ia de uma ação bárbara que, provavelmente, provocaria a reação dos espectadores e a intervenção da polícia.... (Id., 1936, p. 17)

Em 1937, Mestre Bimba registrou a primeira academia de capoeira do Brasil. Líder comunitário por excelência, Bimba criou um verdadeiro potencial de negociação frente a outros grupos dominantes na Bahia, envolvendo-se em diversos níveis de mudanças. Assim, segundo Pires (2002, p.55), “As mudanças que Mestre Bimba efetivou na prática da capoeira podem ser demarcadas em pelo menos três níveis: as relacionadas a Educação Física, as relacionadas aos aspectos artísticos e as relacionadas à organização social e política”.

Mesmo com toda este reconhecimento, Mestre Bimba ainda não estava feliz na Bahia, e após convite de um aluno seu de Goiânia, mudou-se para lá.

Sua vida em Goiânia foi de trabalho, e de menos reconhecimento ainda do que na Bahia. Por se sentir enganado por seu aluno, o mestre não vivia feliz, mas por orgulho, não voltava para Salvador.

Mestre Bimba morreu em 05 de fevereiro de 1974, pobre, como todos os capoeirista daquela época. Ainda em Goiânia, passou necessidades, e deixou filhos e duas famílias. Foi enterrado em Goiânia, mas em julho de 1978, seus restos mortais foram recebidos na Bahia, consolidando a história de uma lenda da capoeira baiana.

Certa feita, um repórter entrevistando Mestre Bimba encostou-lhe a caneta no rosto e perguntou: “Mestre, se isso fosse uma arma, o que o senhor fazia?”, e Bimba respondeu: “Eu morria, meu filho.

A capoeira de hoje é representada por diversas associações, ligas e federações, que defendem a capoeira como um esporte, luta, arte, manifestação folclórica, etc. Já é ensinada em colégios, clubes, academias, condomínios, centros sociais, entre outros. Tamanha diversidade se explica por ser a capoeira um conjunto de argumentos formados a partir de vivências com o ser humano: cada mestre é uma história; cada ritmo, um jogo; cada momento

é único e rico de novidades e superações, cada local com sua realidade. E neste contexto, a capoeira apresenta-se como um fator indiscutível no sentido de suporte para adaptação às condições adversas.

Na formação dos grupos de capoeira (entendendo estes ligados a todas estas instituições que agregam pessoas), se por um lado traz para o praticante uma identidade, uma estrutura social definida, uma hierarquia e modo de enxergar a vida, por outro lado dividiu ainda mais os capoeiristas, e para este caso, coloco minha opinião sobre estas formações e seus papéis no âmbito da capoeiragem. Se Mestre Bimba e Mestre Pastinha foram responsáveis pela equivocada divisões da capoeira em Angola e Regional, a formação de grupos organizados e com suas lideranças foi o continuar desta divisão. Não que o passado tenha existido sem eles - maltas e grupos arruaceiros sempre foram comuns na capoeira, e por esta razão, existiram tanta repressão e perseguição policial nas décadas de 20 e 30. A situação agora se torna um pouco diferente, pois há diversidade de idéias geradas por todos estes grupo.

2.3 Fundamentos e filosofias na prática da capoeira – Um espaço de conhecimento

Se você faz um jogo ligeiro,
 Dá um pulo pra lá e pra cá.
 Não se iluda ser bom capoeira,
 Que a capoeira não é tão vulgar.
 Para ser um bom capoeirista,
 Pra ter muita gente que lhe dê valor,
 Você tem que ter muita humildade.
 Tocar instrumento. Ser bom professor.
 O capoeira faz chula bonita,
 Canta um lamento com muita emoção.
 Quando ver o seu mestre jogando,
 Sente alegria no seu coração.
 Ele joga angola miudinha. Se o jogo aperta, não corre do pau.
 Tem amigos por todos os lados.
 Um grande sorriso também não faz mal (FANHO, 1998, CD).

Neste breve histórico traçado até agora, acredito ter demonstrado a capoeira como fundamentada, principalmente, na história do negro e na própria formação da sociedade brasileira. A capoeira, antes “coisa de negro”, marginalizada e usada em confrontos com as forças vigentes, torna-se “moda”, transformando e se transformado à medida que dela é requerido um novo rumo. Dentro destes fatores, os fundamentos e filosofia da capoeira permanecem ainda sem serem tocados pelas mudanças sociais, por se tratarem de essência, e terem se firmado nas entranhas da história negra aqui no Brasil.⁶⁶

⁶⁶ Em depoimento, Mestre Nô disse-nos: “Capoeira tá no sangue do negro, é coisa de branco também, mas não tem história pra contar.

Um dos mais temidos e comentados fundamentos da capoeira é a malícia que, segundo o dicionário Aurélio Buarque, é sinônimo de tendência para o mal, esperteza, astúcia, manha, intenção satírica. Na capoeira, a malícia faz-se presente para garantir um caminhar seguro em diversas situações da vida. Assim, a malícia deixa de ser algo necessariamente ligado ao mal e se tornar um “argumento” de preservação e antecipação de ações que podem levar a desfechos mais previsíveis em diversas situações.

A filosofia, o fundamento da capoeira – a ótica do capoeirista, seu modo de encarar a vida, o mundo e os homens - é cínica e objetiva; crua, irônica e bem-humorada; vital, poética e intuitiva. Paradoxo? Não. No jogo da capoeira – Dança e luta, brincadeira e escola de sabedoria – os “opostos” se encontram e se mesclam, este tipo específico de visão das coisas, de percepção do universo – utilizado de forma espontânea dentro e fora da roda – é chamado carinhosamente de malícia pelos aficionados do jogo (CAPOEIRA, 1992, p. 121).

Todo o aprendizado do capoeira está na malícia, que já se apresenta no acontecer da própria ginga⁶⁷ com suas negaças⁶⁸ e mandingas⁶⁹; no canto, nos toques, nas músicas, no iniciar da roda, ao se cumprimentar, como também no final do jogo, quando não dão as costas para o outro jogador, antes de sair da roda.

Para falar sobre fundamentos da capoeira descrevo, mais adiante, parte da entrevista realizada com Mestre Nô e Mestre Cláudio que, com a sabedoria de Mestres na arte da capoeira, falam, na visão de cada um, sobre o entendimento deste conceito.

Quando ela se manifesta, traz consigo toda uma ancestralidade do negro trazido para cá como escravo. Isto não muda, porque ninguém pode mudar o que já aconteceu”.

⁶⁷ A ginga é a mola mestra da capoeira. Acontece durante todo o jogo. Neste, é um deslocar constante, onde o jogador improvisa movimentos balançando o corpo e observando o outro jogador, para no momento propício, como que por instinto - que às vezes o é - apresentar ou se esquivar de golpes.

⁶⁸ Este termo, na capoeira, significa a união de negaças e mandigas, o atrair através de encanto, movimentos que disfarçam a intenção de um jogador para poder pegar o outro de surpresa.

⁶⁹ Geralmente os capoeiristas se benzem antes de entrarem na roda, como pedindo proteção para aquele jogo.

CAPÍTULO 3 - A CAPOEIRA COMO ESPAÇO DE FORMAÇÃO

Nasceu no sofrimento.
 Se escondeu dentro do mato.
 Berimbau faz harmonia,
 O atabaque o seu compasso.
 Sua origem é africana,
 Mas nasceu foi no Brasil.
 Mais ligeira do que ela, até hoje ninguém viu.
 Foi criada isolada, para os senhores não perceber.
 Ela foi marginalizada, não podia morrer.
 O seu nome capoeira,
 Vem de lá do matagal.
 Hoje em dia no Brasil, é cultura nacional.
 Iêê! Viva ao meu mestre... (TUNICO, 2000, CD).

3.1 A capoeira e sua participação no processo de formação

A capoeira é início, meio e fim de uma ação, de todas as ações, pedaços que formam um inteiro que, por condição natural/cultural, já é parte de um outro inteiro. Nesta ordem, tudo se entrelaça, formando verdadeira teia, em que nossas ações conflitam ou não com a nossa existência, com o nosso conhecimento, ora dando-nos experiência, ora fazendo com que passemos experiência. A capoeira é ação e, portanto, também reação. Neste sentido, pequenas partes traçam o caminho a ser seguido pelo seu praticante, caminho que não é tão somente escolhido por ele, mas também pelo contexto vivido, pela situação que o cerca. A capoeira sempre será, antes de tudo, um caminho que levará ao praticante a liberdade.

Fundamentalmente, a capoeira busca a liberdade através das dissimulações, da ginga, desconcertando o pronto, modificando o já acabado, transformando senzalas em Quilombos, escravidão em luta, sistema opressor em resistência, dor do chicote em gritos de liberdade “Não há opressor sem oprimido” (FREIRE, 2005, p. 39).

A capoeira é um “tudo” na imensidão das relações sociais, e isto se aprende no dia-a-dia de sua prática, como no simples movimento: parte de evoluções mais completas; nas músicas de entrada no jogo: parte da história daquele momento; no toque do berimbau: parte de uma grande orquestra; no apertar das mãos antes de sair para o jogo: parte de intenções guardadas no planejamento de jogo; no decorrer de todo treino: parte de uma vida na prática da capoeira; desenvolve-se como história: parte de uma vida social; treino: a parte; história: o todo de parte da vida humana. Ainda dentro desta perspectiva, cada parte pensante do ser humano (o jogador ou praticante), torna-se responsável pelo início, meio e fim desta parte, e para isto, é preciso estar em sintonia com as partes que integram a prática da capoeira, ou seja, com os cantos, toques, instrumentos, movimentos, jogo e história (não só a sua, mas também

a do outro jogador).⁷⁰ Para tal, faz-se necessário se ter conhecimento, experiência, intenções, uso dos sentidos, disponibilidade para mudança e adequação ao momento, e isso não significa moldar-se, e sim, inserir-se de forma adequada para fortalecer as mudanças.

Pode-se dizer que o jogo de capoeira é uma verdadeira representação do cotidiano humano, que através de seus movimentos, história e vivências, o praticante tenta se encontrar, juntar suas partes para formar o seu todo e compor o início de uma nova história. O resultado deste jogo sempre vai depender do teatro montado: jogo de cenas, dissimulações, intenções, ganhos e perdas. Este momento é parte da vida do praticante, mescla do teatro dentro e fora da roda. Roda de capoeira, roda da vida. Segundo Mestre Nô em entrevista verbal:

A roda de capoeira ensina a participar da roda da vida, referindo-se às semelhanças das situações que acontecem na roda de capoeira e na vida. Por exemplo: se no trabalho você chega sempre sorrindo e agradando todo mundo, você terá muito mais receptividade do que se chegar de cara feia, maltratando. Assim também é na roda. Muito melhor jogar com um outro que esteja sorrindo e agradando, do que um de cara feia e cheio de problemas (neste momento, Mestre Nô não considerou as dissimulações). É aí que a capoeira imita a vida de forma sutil, mas bem clara.

Neste momento, estas ações não representam o que pode se identificar como início, meio ou fim das situações vividas pelo praticante. O continuar do jogo – a própria vida - dir-lhes-á, e é neste processo que o autoconhecimento faz-se presente, como oportunidade ímpar para o praticante reconhecer suas limitações, falhas e medos, bem como suas capacidades, coragem, qualidades, papel social e identidade (Quem sou? Quais as minhas origens? O que quero? Qual o meu caminho?...). Praticar capoeira não é apenas ter um lugar na sociedade, é também a diferença que isto vai fazer na nossa vida, na vida do outro, descobrindo-se um ser participante de eterna luta, um ser humano social por natureza, de guerra ou de paz. “A capoeira é luta, e luta forte, na hora da dor” (PASTINHA, 1998, CD).

Assim é que, na prática da capoeira, o ser humano educa-se⁷¹ e se descobre. É neste diálogo de corpos e de intenções, movimentos pensantes, negação do próprio corpo, entrelaçar de partes, dependência de ações e gestos, partes de um todo, que somos levados a perceber quem somos e o que podemos fazer para mudar ou deixar continuar o processo já instalado na vida humana.

O praticante de capoeira aprende, no início da sua vivência, a se esquivar – e não se defender (parte); a dissimular – e não ser previsível nas suas ações (parte); a entender o contexto antes das suas ações – não agir por impulso (parte); a conhecer o outro jogador e o

⁷⁰ Com o tempo, o praticante começa a perceber sua história e se localizar no contexto social em que vive. Não raro é se descobrir discriminado e discriminador de cor e raça. Isto lhe traz um momento ímpar de reflexão, onde o resultado final, conseqüentemente, é a mudança de atitude.

⁷¹ “A educação deve ser preparação, ao mesmo tempo, para a cooperação e para a luta. O conflito deve ser social e pedagogicamente codificado, e não desembocar na violência e na lei da selva” Bernard Charlot (1987).

que dele esperar – não tratar com o desconhecido (parte). Também deve aprender a encontrar, em meio à ginga, uma alternativa para mudar ou levar o resultado final do jogo para o melhor resultado, que neste momento, dependerá do contexto (todo).

Ao chegar em uma roda - roda de capoeira, roda da vida - não vá logo para o jogo. Cumprimente antes os participantes, toque alguns instrumentos, responda o coro, observe quem esta presente, quem chega, quem sai, quem viu você chegar e quem não viu. Ouça a música, sem pressa. Insira-se no contexto, faça você mesmo o início, meio e fim daquele momento. Aí então, entre no jogo. Faça parte, e dê a sua ajuda para o caminhar e resultado da roda.⁷²

Permitir-se compreender a capoeira por este viés, é descobrir e valorizar um dos seus aspectos mais importantes: o de contribuir com a formação do social, do humano; com a descoberta dos verdadeiros valores; com o reconhecimento da identidade histórica; e com a promoção da contínua busca de espaço e de liberdade para exercer um bem maior: o respeito de si e do outro na interação humana.

3.2 Os instrumentos e musicalidade na prática formativa da capoeira

Berimbau já fez chamada.
Tá na hora de lutar.
Posso chegar em uma roda e ouvir o berimbau tocar;
Posso chegar em uma roda e ouvir o pandeiro tocar;
Posso chegar em uma roda e ouvir o atabaque tocar;
Posso chegar em uma roda e ouvir o capoeira cantar;
.....
Isto sim é capoeira, ô sinhá!
É de matar... (AUTOR DESCONHECIDO)

A roda de capoeira é um espaço democrático no qual todos são tratados como iguais, respeitando-se as diferenças, não importando a formação, a origem, a idade ou o sexo. A hierarquia dá-se apenas de acordo com a experiência no jogo: professor, contramestre, Mestre, a história de vida, trabalhos realizados, habilidades e conhecimento da arte ou, até mesmo, por números de alunos.

Dentro deste espaço, tudo pode ocorrer, porém, há uma lógica, um desencadear de ações e comportamentos, uma certa espiritualidade⁷³. Mas é muito mais que isso, é um conjunto em cada parte da roda: o conjunto dos instrumentos, dos alunos sentados em forma de círculo, das palmas, do coro para a louvação⁷⁴, das chulas⁷⁵, dos corridos⁷⁶ e das

⁷² Fundamentos da Capoeira Angola passados pelo Mestre Nô durante suas aulas na academia de Salvador.

⁷³ Às vezes, quando termino um jogo e saio da roda, alguém me diz: “Hoje você jogou muito, fez coisas que eu nunca vi fazer, estava endiabrado” E eu respondo: “na verdade, eu nem me lembro que fiz isto, muito provavelmente eu não estava sozinho” (Mestre Conde Lack, em depoimento).

⁷⁴ Momento após o canto da ladainha, onde os presentes, em coro, respondem louvando a Deus, Mestres e outros.

⁷⁵ Músicas que contam uma história e que terminam com pequenos corridos, acompanhadas com coro dos participantes

quadras⁷⁷... o conjunto da capoeira. O desafio faz-se através das habilidades corporais de cada jogador. “É um jogo e, como todo jogo, tem que ter um ganhador” (Mestre Nô. 2205 – informação verbal). E é dentro deste conceito que acontece todo desenrolar criado neste momento.

3.2.1 A instrumentação na Capoeira Angola

A formação da instrumentação da Capoeira Angola é composta por três berimbaus (01 berra-boi, 01 médio e 01 viola⁷⁸, instrumentos formados por uma parte de madeira flexível, tencionada por um fio de aço - normalmente retirado de pneus de carro - em umas das extremidades da verga fixa e uma cabaça, cortada na parte superior, que será a responsável pelo som do berimbau. A variação do som da cabaça é dada pelo encostar da “boca” desta na barriga do tocador), por dois pandeiros (instrumento de origem portuguesa), um agogô (formado por duas campanas de ferro, e percutido por uma vareta), um reco-reco (formado por um pedaço grosso de bambu, com sulcos, onde se esfrega uma vareta com movimentos de vai e vem) e, por fim, um atabaque (tambor afunilado em que, na extremidade de maior diâmetro, está fixa uma pele de animal distendida e percutida pelas mãos do tocador). A afinação e harmonia destes instrumentos influenciam diretamente no resultado da roda.⁷⁹ O berimbau berra-boi é o instrumento responsável pela maestria, passando para o aluno o sentido de liderança, o trabalho em equipe, a cumplicidade e a responsabilidade sobre os resultados, além do valor musical e criativo do momento.

Na roda, todos os alunos revezam os instrumentos, tendo a responsabilidade, cada um, de contribuir, da melhor maneira possível, para o resultado da roda. Contudo, há uma tendência a se deixar o “berra-boi” nas mãos do capoeirista mais antigo, o que mais sabe tocar dentro dos fundamentos, reafirmando assim, o respeito pela experiência. O berimbau é quem comanda a roda, mais precisamente o berra-boi, sendo responsável pelo ritmo, entrada e saída dos capoeiristas na roda e pelo desenvolvimento do jogo.

⁷⁶ Música caracterizada por pequenas “perguntas” feitas pelo cantador, e “respondidas” pelo coro dos presentes.

⁷⁷ Músicas com 4 estrofe, que são cantadas e repetidas pelo coro.

⁷⁸ Berimbau Berra-boi é o instrumento com tom mais grave; o viola tem um tom mais agudo, e o médio deve estar afinado entre os dois primeiros, dando harmonia ao trio.

⁷⁹ Na opinião do Mestre Nô, a instrumentação é a responsável pelo bom ou mal andamento do jogo. Se todos estão afinados, o axé (energia) é maior, e os capoeiristas transcendem o real e, assim, podemos ver como ocorre a magia da capoeira.

3.2.2 A música na Capoeira Angola

O mesmo grupo que toca é também o que canta. Na roda de capoeira Angola, só canta quem estiver com instrumento na mão, salvo no início, quando os alunos que estão acorados no pé do berimbau têm a sua vez.⁸⁰ A musicalidade na capoeira tem um papel muito importante, desde o momento da sua composição até o significado que ela tem para a história da capoeira. É neste contato, que o aluno vai aos poucos conhecendo o que foi ou é a sua própria história, a sua verdadeira identidade.

Há, nas músicas de capoeira, um verdadeiro relato de passagens que nos conta como foi a criação desta arte, das transformações que sofreu, seus principais personagens, além de histórias pessoais, narradas com muita poesia⁸¹. A prática da capoeira tem mostrado que, quando um praticante começa a cantar⁸², inicia-se uma verdadeira transformação interior e exterior na sua vida, pois, a partir desse momento, ele começa a relacionar-se com o mundo de maneira diferente e, em um processo de constante crescimento, o aluno deixa transparecer sua opinião com relação aos acontecimentos ao seu redor e, algumas vezes, intervém com críticas severas ao sistema sócio-político-econômico do qual participa, em chulas, ladainhas, corrido, integrando-se ao grupo, participando ativamente. A escolha destas músicas começa sempre pelas mais simples e fáceis, de acordo com a própria estória de vida do capoeirista, explorando-se assim o desenvolvimento da inteligência musical e interpessoal (GARDNER. 2005).⁸³

Esse envolvimento facilita a criatividade e a consonância de ritmos. Uma vez que o praticante desperta para os ritmos e, dentro de seus limites, cria rimas e tons, faz movimentar a roda a seu critério, através de músicas de desafios, insinuações e elogios, fazendo da roda um palco de oportunidades e revelações, na qual os jogadores despertam para a importância de ouvir e refletir, desenvolvendo novas idéias.

Analisando o retorno pessoal dessa situação de roda, o momento que recortei para facilitar um melhor entendimento foi o do *coro* – respostas à chamada do cantador por todos os praticantes que formam a roda, e dependendo do público, por parte deste também. O *Corrido* é a música mais usada na Capoeira Angola, pois o ensino desta prática faz com que o aluno que esteja “puxando” a roda, sinta como vai a participação e o entusiasmo dos

⁸⁰ Mestre Nô, no curso de musicalidade e capoeira em nov/2001.

⁸¹ Em pesquisa realizada em 1996 pelo contra-mestre Marco Baiano, foram catalogadas mais de três mil títulos de músicas de capoeira, onde é possível, em estudo mais crítico, perceber o papel histórico destas músicas relativo à capoeira, sua relação com a sociedade e seus rumos.

⁸² O canto é considerado um dos principais fundamentos da capoeira. Nele está também contida a malícia nas mensagens enviadas aos presentes, no agrado, nas críticas severas ao sistema, no disfarçar de uma ideologia. Todo bom capoeirista canta, e muitos cantam tão bem que são destaques nas rodas, mesmo não sendo o melhor no contexto geral: toque, jogo, fundamentos, etc.

⁸³ A teoria das inteligências múltiplas, desenvolvida e caracterizada por Gardner, professor de educação, psicologia e neurologia, trouxe uma nova visão sobre o que conhecemos como inteligência. Ela questiona o processo que explica o funcionamento do cérebro humano, envolvendo a memória, a aprendizagem, a consciência, as emoções, que podem formar um conjunto de sete inteligências: Linguística, lógico-matemática, espacial, musical, sinestésico-corporal, intrapessoal e interpessoal.

componentes do evento, fazendo de imediato esta avaliação através da resposta, em forma de coro, das pessoas presentes. Isto o motiva a avançar no que está fazendo, mudando de estratégia (normalmente de música), se considerar necessário, ou até mesmo cobrando do pessoal o retorno esperado, ou seja, de muita satisfação. “O axé⁸⁴ da roda estava muito bom. Todos respondiam ao coro, e eu me senti muito feliz com esta energia” (Instrutora Jô, da Associação de Capoeira Angola Palmares, em depoimento sobre sua participação na roda de capoeira, no mercado em Florianópolis/SC).

Tendo a roda de capoeira como um sistema completo de participação e interação entre os envolvidos, dependendo de todos para chegar ao seu melhor resultado, posso dizer que muito do sucesso da roda está nas músicas e na instrumentação. Sem música, não se aprende capoeira, pois ninguém aprende capoeira sem sentir e viver os seus ritmos e, dentro deles, os seus significados, que elevarão seus praticantes a um patamar tal de inclusão no contexto afro-brasileiro, que trarão o resgate da identidade, observando os valores morais e éticos que a luta do negro representa.

3.2.3 A capoeira e a vida – Filosofando com a capoeira

Avançando um pouco mais no entendimento da musicalidade na capoeira e em seus aspectos formativos, a instrumentação, o ritmo e a música têm, no seu contexto, a intenção de fazer com que a comunicação aconteça de forma constante e clara para todos na roda: “cada ritmo um jogo, cada jogo uma intenção, uma maneira diferente de se encarar o desencadear daquela situação, e direcionar suas energias de forma a se ganhar o jogo”⁸⁵. Assim, o praticante desenvolve a percepção de que cada situação de vida é diferente, e de que os meios para resolver determinados conflitos não podem ser os mesmos, sendo necessário estratégias diferentes para o trânsito nas rodas da vida⁸⁶. As mensagens passadas através das músicas também falam do desenrolar na roda: “Toma cuidado, menino traquino, que calça de velho não dá em menino⁸⁷”. Daí, a importância de se ouvir sempre, durante o jogo, o que se canta e para quem é o recado, sendo que este é, normalmente, para todos, pois exalta a capoeira, a situação do negro e o capoeirista. Ainda, neste processo, posso perceber que as sensibilidades

⁸⁴ Energia circulada entre as pessoas com o cantar e responder do coro, que eleva a roda a uma condição transcendental.

⁸⁵ CD Capoeira, Nestor. Fundamentos da Malícia. Rio de Janeiro: Sono Press-Rimo, 1999.

⁸⁶ A principal fundamentação de Mestre Nô, a partir de sua prática na capoeira, é a de que a roda de capoeira é um palco de ensaio dos comportamentos da vida social, no qual se “treina” aquilo que deve ou não ser feito, que é ou não adequado. É “a roda da vida”.

⁸⁷ Música de capoeira que avisa ser o outro jogador muito mais velho e experiente, e que não vale a pena querer ganhar aquele jogo.

dos nossos sentidos são aguçadas, uma vez que se torna necessário seguir ou mudar determinado ritmo de jogo, ouvir o que se canta, dar atenção aos movimentos do outro jogador e “responder às perguntas” feitas durante este momento, que Silva comenta:

Refletir e definir quais os significados das relações, reações e expressões do corpo no dia-a-dia parecem um processo infinito, e talvez seja mesmo, porém se formos analisar bem, tudo se manifesta por uma linguagem e, concordamos que a maioria das nossas relações se dão pela linguagem corporal. Observando um pouco mais a atitude humana no dia-a-dia, entenderemos melhor todo este comunicar-se corporalmente. (SILVA, 2003, p. 55)

O ritmo do jogo⁸⁸ também diz respeito às limitações do capoeirista, pois há uma estreita ligação entre o que se pode fazer e até onde podemos ir fisicamente. É verdade, porém, que além da lição do que podemos ou não fazer, há a proposta do desafio de se tentar dar um passo adiante dos nossos limites, responsabilizando-nos pelos resultados que neste momento cabem aos dois jogadores.

3.3 A capoeira como influenciadora de outras práticas de trabalho – Capoeira e Somaterapia

Senti como importante mencionar, nesta minha dissertação, o trabalho realizado pela Somaterapia, a qual usa a Capoeira Angola como base de suas atividades.

A Somaterapia foi criada pelo escritor Roberto Freire no início dos anos 70. Fundamentado nas pesquisas do austríaco Wilhelm Reich, Freire desenvolveu uma terapia corporal e de grupo. Visando o desbloqueio da criatividade, seus exercícios tanto se utilizam da *relação corpo e emoções* presentes na obra de Reich, como dos conceitos de *Organização Vital* da Gestalterapia, dos estudos sobre a *comunicação humana* da Antipsiquiatria e da concepção de *arte-luta* da Capoeira Angola. Os grupos de Somaterapia duram um ano e meio, com encontros periódicos de quatro vivências por mês. Esta convivência vem possibilitar a construção de uma dinâmica de grupo de cooperação, de igual para igual, tendo, portanto, como referencial ético, o Anarquismo. De tal modo, a maior originalidade da Somaterapia é a terapia como pedagogia política, onde o prazer e a liberdade são a saúde que combate a neurose capitalista da sociedade globalizada.

Ao descobrir a Capoeira Angola, o que levou Roberto Freire a usá-la na somaterapia foi o potencial bioenergético dos movimentos de ataque e defesa desta arte-luta, como também a capacidade desta de despertar, em seu praticante, o potencial de enfrentamento

⁸⁸ Em uma roda de capoeira, podemos ter desde ritmos muito lentos, onde o capoeirista precisa mostrar força, flexibilidade, paciência e conhecimento dos fundamentos, até ritmos acelerados, onde a velocidade dos movimentos, reflexos, leveza do corpo e coragem ditam o jogo.

necessário à luta contra as neuroses que se instalam em cada momento histórico da nossa sociedade. Mistura de dança, luta, teatro e brincadeira, o universo da capoeira é muito amplo e diversificado. A influência étnica, cultural e religiosa dos africanos também são fatores determinantes no desenvolvimento desta. Há dez anos pesquisando sua utilidade terapêutica, a somaterapia destaca o papel social e político que a capoeira desempenhou no processo de luta antiescravocrata: caracterizou-se por uma revolta, por uma reação que se colocou como alternativa à escravidão e à conseqüente conquista da liberdade.

Um ponto fundamental e em comum entre a Somaterapia e a Capoeira é a grande atenção dada ao corpo. O negro – mera mercadoria, bem de propriedade de um senhor ou dono, a ser usado até a morte ou a velhice – transformou seu sofrimento em potencial criativo, fazendo surgir a capoeira, e por meio dela, utilizou seu corpo como arma de luta para reagir à opressão. O resgate da identidade corporal foi um fator determinante para o negro utilizar o corpo como instrumento de reação e defesa. Valorizando e se utilizando desta ferramenta, este mesmo resultado é o que a Somaterapia procura promover nos corpos e nas pessoas, para que elas também possam se defender e lutar - inclusive com a prática da capoeira - contra a escravidão branca do autoritarismo capitalista neoliberal. A criação da Somaterapia representou uma possibilidade, no campo terapêutico, para o processo de libertação ante uma situação opressiva e reacionária, como o da escravidão. A capoeira serve pra muita coisa. Hoje se pode fazer tudo com a capoeira. Tem gente fazendo apresentação, teatro, meio de vida, brincadeira, show. Cada um usa a capoeira como quer [...].⁸⁹

Como exemplo do citado acima, em recente presença em um colóquio organizado pela UFBA, observei que a musicalidade na capoeira foi citada como uma forma de designar um status na comunidade capoeirística. Isto é comprovado quando conhecemos os trabalhos dos Mestres Virgílio, Valdemar da Liberdade, Bigodinho, entre outros, considerados ícones da capoeira por sua forma de compor e cantar músicas, que são excelentes cantadores - normalmente citados como expoentes da capoeira - independente de outros valores capoeirísticos. Atualmente, podemos observar que muitos praticantes de capoeira aproveitam o aprendizado dos toques de instrumentos de capoeira e formam grupos musicais de MPB e pagodes, lançando-se, assim, no mercado de trabalho, e divulgando seus nomes nas rodas da vida, que entendemos ser, conforme já mencionado anteriormente, um reflexo da roda da

⁸⁹ Mestre João Pequeno, em encontro de capoeira em Santa Catarina.

capoeira. Desta forma, aprendendo de maneira lúdica⁹⁰, consegue-se avançar no produzir, que neste caso específico, foi levá-lo ao mercado de trabalho através do resultado da sua produção.

3.4 As contribuições da prática da capoeira nos trabalhos sociais do Mestre Nô e Mestre Cláudio – Análise das entrevistas

Os aspectos pedagógicos formadores que perpassam as práticas da capoeira serão abordados neste momento com trechos das entrevistas por mim feitas junto aos mestres e alunos das associações. É neste momento também que pontuarei as questões de educação e cultura nestas práticas, tendo Paulo Freire como principal norteador.

A palavra *formar*, no contexto da capoeira exige, antes de qualquer outra coisa, atitude e reconhecimento de quem somos, e por sermos pessoas, é que agimos desta ou daquela forma, passando a assumir nossa realidade, para poder modificá-la. É em Freire que encontraremos a importância da assunção quando ele nos diz:

Uma das tarefas mais importantes da prática educativa - crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva, porque capaz de amar. (FREIRE, 2005, p. 46)

Para o Mestre Cláudio, a formação se dá pelas experiências passadas dentro de um fluxo de fundamentos que estão no espaço da capoeira, buscando a assunção no interior do eu do sujeito envolvido. Segundo ele,

[...] No dia-a-dia da vida, costumamos a colocar nossos fracassos no outro. Mas responsáveis somos nós mesmos. Os vacilos quem dá somos nós. Então, eu vejo a capoeira como uma luta, mais uma luta interna, do que a luta contra o outro. O escravo, ele levou décadas e décadas antes de se rebelar. Ele sofreu anos e anos, dezenas de anos para depois ele poder ter tido segurança de ser a hora certa de fugir do cativo. E a luta que ele usou não foi com o intuito de matar o feitor, ele usou a luta de libertação, ele criou a luta para fugir do cativo, porque se ele tivesse a consciência do poder que ele tinha de mil homens, dentro de uma senzala, acaba com três feitores, mesmo que eles tivessem armados. Ele nunca teria sido escravo.

Na opinião do mestre Nô,

Esta assunção vai dar ao capoeirista um espaço a mais na sociedade, pois uma vez se assumido, ele será reconhecido por suas relações culturais com a história do seu país, do seu povo [...] Há muitos capoeiristas que, após forma-se professor, e começa a dar aula, começa a ser respeitado, e se for realmente bom, é convidado para fazer

⁹⁰ “O lúdico é momento de plenitude: trabalho com prazer. O tempo total, integral do lúdico, não pode ser jamais o da produção capitalista. Aqui interessa o tempo fragmentado, mercantilizável. O lúdico implica criação contínua intrínseca à produção” (PEROTTI, 1982, p.20).

shows e viajar para outros países, e conhecer outras culturas. Aí, neste caso, ele está representando seu país, sua cultura, sua identidade [...].

Um outro fator importante neste processo de assumir-se, é o senso crítico despertado, que permite aos seus praticantes ir além do seu eu, e se transportar para uma análise crítica dos outros. A praticante Sandra, de 18 anos, há cinco treinando capoeira, falou-nos:

[...] A capoeira me faz ser mais firme diante das minhas relações com as pessoas. Fez com que eu entendesse mais as pessoas. Quando saio de abada, sou olhada de forma diferente. As pessoas ainda não entendem que sou praticante. Mas sou igual a todo mundo. Talvez por pensarem ainda como na época da escravidão.

Paulo Freire ensina-nos que a questão ética esta nas entranhas do ser humano, é nata. Por sofrer tensões constantes, é preciso ser crítico quanto às tentações que o caminho fácil tende a levar.

Mulheres e homens, seres histórico-sociais, nos tornamos capazes de comparar, de valorar, de intervir, de escolher, de decidir, de romper, por tudo isso, nos fizemos seres éticos. Só somos porque estamos sendo. Estar sendo é a condição, entre nós para ser. Não é possível pensar os seres humanos longe, sequer, da ética, quanto mais fora dela. Estar longe ou pior, fora de ética, entre nós, mulheres e homens, é uma transgressão [...] Educar é substantivamente formar (FREIRE, 2005, p. 37).

A respeito desta condição, Mestre Cláudio diz- nos:

[...] A capoeira ela é um meio de formação, educação, disciplina, ética, de enriquecimento do conhecimento histórico, da própria história do Brasil. Ela tem esse canal muito amplo, porque ela tem regras⁹¹, ela tem seus fundamentos, alguns momentos que você tem de respeitar seu companheiro. Você tem que respeitar a hora de entrar no jogo, saber a hora de sair da roda. Você deve partir para o confronto, fugir do confronto. Todo ritual daquele momento, o berimbau ensina. A espiritualidade fica presente, aguçadíssima, naquele momento do jogo, e você pode jogar contra o outro, e pode jogar com o outro. Acredito que a capoeira tem esse caminho, essa amplitude de caminhos, e que eu sigo mais para essa área da educação[...].

Na capoeira, o Mestre é o professor e também o exemplo, considerando a pedagogia do exemplo como forte ponto de influência na formação do aluno, entendo que os resultados inerentes ao espaço de formação dependem muito das intervenções dos professores. Em conversa com o Mestre René, o mesmo me disse que, certa feita, ele resolveu trançar os seus cabelos, e na semana seguinte, a maioria de seus alunos já estavam com cabelos trançados, e foi neste momento que ele percebeu como seus exemplos eram importantes para os seus alunos, o que vem ratificar as palavras de Freire, quando prega que ensinar exige a corporeificação das palavras pelo exemplo. Decerto que, ao mesmo tempo em que isto se comprova, apontando para um futuro promissor deste espaço pela capoeira, também se deve tomar cuidado com quem ensina e para quem se ensina. A formação do Mestre professor,

⁹¹ Regras, no sentido de condução da situação, baseada nos fundamentos da capoeira. Nada estático, engessado, mas conciso na sua essência.

neste caso, é ponto crítico deste processo. Quanto a este ponto, temos três depoimentos que podem nos dar idéia de como isto é tratado nas associações pesquisadas.

Segundo Mestre Nô, a formação do aluno está diretamente ligada ao que o professor passa. Podemos ter aluno totalmente envolvido pelo pensamento crítico, como também pela displicência eterna em relação ao mundo que o rodeia:

[...] Mas é claro, professor passa a ser o livro do aluno. O professor passa a ser o espelho e o aluno o reflexo. Então, ele vai observando muitas coisas positivas, mas também vai observando muitas coisas negativas. Então, precisa separar uma coisa da outra, não negativamente [...].

É fato, porém, que existe, como pontua Freire, uma troca de “imagens”. Nestes momentos, alunos aprendem com o professor, mas também professor aprende com alunos. Um exemplo que podemos citar é que, com todas as burocracias atuais permeando os projetos culturais financiados pelo governo, o que normalmente acontece é que, os alunos com formação acadêmica diferenciada, ajudam ao mestre na aprovação destes projetos. Neste momento, o aluno “ensina”, e seus conhecimentos são exemplos para o mestre.

Mestre Cláudio destaca o norte tomado por diversos professores no intuito de gerar caminhos e seguidores para determinados fins, apontando também para a pedagogia do exemplo, quando diz:

[...] Porque nós sabemos que tem gente ensinando capoeira com fins diferente daquele que a gente entende que deveria ser, por isso, eu disse que é individual você definir o que é a capoeira, o que é a capoeira para você, e também como é que você pode utilizar essa capoeira. Nós sabemos que tem muita gente que utiliza a capoeira para satisfazer sua necessidade de auto-afirmação, para mostrar que é superior, ou mais forte, ou atlético, ou pancadeiro, ou que é mais Yang do que o outro [...].

O processo de educar exige do educador premissas básicas para a formação do seu aluno e da sua própria formação. Na escola, tratamos de ter professores globalizados e alinhados com as tendências tecnológicas acessíveis. A busca desta atualização também acontece com o professor de capoeira, e como as influências capitalistas são fortes, os cuidados a serem tomados por estes deverão ser muitos, pois a questão da ideologia preocupa-nos, e com toda certeza, direcionam-nos para caminhos ou tendências globalizantes.

As seguintes observações são feitas por Freire no sentido de nos advertir quanto às questões ideológicas:

[...] Saber igualmente fundamental á prática educativa do professor ou da professora é o que diz respeito à força, às vezes maior do que pensamos, da ideologia. É o que nos adverte de suas manhas, das armadilhas em que nos faz cair. É que a ideologia tem que ver diretamente com a ocultação dos fatos, com o uso da linguagem para penumbrar ou opacizar a realidade ao mesmo tempo que nos torna míopes[...].

Na prática da capoeira destas associações, percebemos um ponto de extrema importância relativo ao trabalho, no sentido de se perceber as questões ideológicas. Trata-se do conhecimento histórico do praticante sobre a sua realidade e a de seu “povo”. Os pontos mencionados neste momento cabe aos questionamentos sobre a origem da capoeira e do seu papel nas diversas fases da política e educação brasileira, além do que, durante todo seu período de aprendizagem, o aluno é levado a perceber, nas dissimulações do outro jogador, as verdadeiras intenções deste ou daquele movimento, ao tempo que também tenta, a todo momento na sua ginga, negaça, sorriso e “desequilíbrio”... enganar seu oponente. Aliás, o fato de “fingir” no intuito de conseguir seus objetivos, foi a maior arma do negro para combater a escravidão e seus perseguidores.

Diz-nos mestre Cláudio:

[...] Um movimento desequilibrante para muitas pessoas, é um ato de humilhação. Você se desequilibra em uma roda. Mas você pode perceber o seguinte: quando você leva uma rasteira, ou seja, quando você dá uma rasteira no seu concorrente, na roda, você sabe que, conseqüentemente, ele vai querer revidar. E o que acontece nesse momento? Você fica mais atento. Você fita mais do que joga, do que solta os movimentos. Aí, eu pergunto: então, porque antes de você receber as rasteiras, você já não jogou dessa posição de defesa, malandragem e dissimulação? Aquele que levou a rasteira, não tem que culpar quem deu a rasteira, tem que entender que vacilou [...].

Aí está, na formação, o alerta para as questões ideológicas: saber como se “defender”, entendendo que toda ação leva a uma reação, e que precisamos estar preparados para as coisas ocultas, que estão por trás de um movimento, de um canto, de uma situação qualquer envolvendo o outro.

No Brasil atual, as oportunidades de emprego, de se ganhar o salário para se manter, tem apresentado poucas melhoras no sentido de atender a grande massa trabalhadora que precisa desta oportunidade. Tratando-se do negro, esta condição ainda fica mais crítica, devido aos resultados conseguidos pós-período da libertação, como mencionado anteriormente. A importância de termos outros espaços de formação que permitam o acesso de pessoas ao mercado de trabalho, tem uma grande importância. Nestas Associações, as questões ligadas a estes problemas tem dado alguns resultados importantes de serem notificados. Muitos dos alunos que passaram, e os que ainda estão nelas, conseguiram empregos e oportunidades com o que se aprendeu nestes espaços. Seguem os comentários dos mestres e alunos sobre estas questões.

Relata Mestre Nô:

[...] O nível da população subiu muito, inclusive na Bahia e no Brasil. Com isso, veio também a competitividade muito grande de emprego, a falta de emprego, a desigualdade social. Com isso, deu espaço para a capoeira, para os praticantes de

capoeira mostrarem sua performance e passar seus conhecimentos para outros, que viviam além do conhecimento dessa prática. Com isso, abriu oportunidade para a educação de formação, ao passo que obteriam uma condição de vida, com uma remuneração, especificada simbolicamente, mas em troca, ele estava passando seus conhecimentos e dando mais segurança, ele estava passando mais uma condição de vida, uma atividade física, uma higiene mental. Todo um lado positivo que a capoeira tem [...].

Mestre Cláudio diz:

[...] Agora, quando você fala em formação, eu penso: hoje, se eu criar um grupo de capoeira, e quiser formar artistas culturais? Esses artistas podem inserir-se no mercado de trabalho no futuro e viver disso, fazendo apresentações em hotéis, show's em teatro e show's no exterior, conforme vários capoeiristas, que estão praticando a capoeira só como luta, arte marcial, a partir do momento que encontra uma fatia do mercado aberto para a cultura da capoeira, o folclore da capoeira. Como ele teve uma formação coreografada para fazer show's, ele está apto a trabalhar nesta área. Eu já tive a oportunidade de formar alguns grupos, um grupo de maculelê só de mulheres de São Luiz do Quitunde/AL. Então, quando você fala em formação, eles estão se formando pra vida, porque eles estão acreditando nessa possibilidade de ter uma profissão no futuro, para a capoeira, uma forma de ganhar pão [...].

Para a monitora Sandra, o espaço de formação, além de lhe dar oportunidades, abre as portas para outras pessoas desfrutarem das benéficas da arte:

Hoje eu faço recreação com algumas crianças. É bom saber que estamos ajudando a alguém a aprender algo, passando para eles uma arte que já é dela, e mostrando o que realmente são, porque a vida é dura, e é preciso de muita luta para conseguir algo, e se as pessoas se conhecem, conhece a si mesmo, fica mais fácil de até entender as dificuldades.

A oportunidade de trabalho, de estar contido no espaço social de maior importância - que é os de quem tem emprego, de quem consegue se manter - tem um outro lado: o de manter a auto-estima do cidadão. É preciso que se tenha credibilidade, respeito, dignidade, para assim alimentar sonhos, esperanças e verdadeiras condições de vida social. A capoeira, de uma maneira geral, trouxe para o negro escravo esta condição, a de lhe dar respeito e dignidade para ir à luta, na busca de sua liberdade.

Falo também, ainda inerente a estes espaços, do como a prática de seus fundamentos e filosofia podem ajudar no processo formativo que acontece dentro das escolas. Para Mestre Cláudio, isto seria de suma importância, uma vez que hoje já existe uma interação desta arte com o espaço escola¹⁰⁰, embora de uma forma não sistematizada.

Mestre Cláudio diz-nos:

O ideal seria que a capoeira fosse um processo de reprodução do ensinamento, não só da arte, através da educação, através da escola, que essa é realmente a principal fonte do saber, e que se ela não abrir as portas para a capoeira, a capoeira ficará a margem, ficará fora da escola, ficará lutando numa academia, ficará lutando para ser ensinada em uma praça pública, ou em um centro comunitário que seja, que nos abra

as portas. Então ela vai ser marginal na escola, mesmo que nós ensinemos através dela [...].⁹²

Para o Mestre Nô, quando questionado sobre esta possibilidade, o mesmo teve a seguinte opinião:

É uma boa, porque pelo menos a escola é a segunda casa do ser humano, de qualquer ser humano, pois é ali que ele vai se informar e, posteriormente informar. O jovem, a criança e o adolescente, que são as camadas que estão na escola. Seria mais uma atividade para eles terem fora da escola, para que não haja tempo deles partirem para outras atividades às margens da lei, ou seja, para o roubo, para o furto, para as drogas. Enfim, a ocupação da prática da capoeira não abriria espaço de tempo para eles partirem para esse lado. É como a orientação que é dada nas academias de capoeira servem como reforço escolar, pois na escola se tem um tipo de informação e nas academias outros tipos de informações, reforçando a escola [...].

O que Mestre Nô disse-nos é confirmado ao observarmos as palavras destes dois alunos seus da Palmares, A.R.Jr. (menor) e J.M. (menor), respectivamente:

Na escola, a capoeira me ajudou a aprender história, e me despertou a vontade de ler, conhecer mais e mais as questões do negro”. “Antigamente ia pra escola só para ficar com meus amigos e fazer confusão. Já “apronei” muito, e depois que comecei a aprender capoeira, fiquei mais tranqüilo, comportado, julgando quais das minhas atitudes valia a pena. Já faz um tempão que não estou envolvida em brigas. A capoeira me mostrou que tem coisas maiores a ser conquistada. Estudar, não perder tempo com briguinhas, conquistar espaço social, trabalhar - não muito (risos), e até treinar, praticar capoeira.

A constituição de 1998 reconhece a pluralidade cultural brasileira, e em vários de seus artigos, trata deste assunto, sobre a questão da inserção da capoeira na escola. Sugere uma sinergia de ações em busca de um resultado educacional mais próximo da realidade que nos cerca, de etnias diferentes, culturas diversas e identidades distintas. Vejo, portanto, neste campo, a necessidade de educar baseada nas questões multireferenciais e multiculturais. Apoiaremos-nos no artigo escrito por CORTES (2003, p. 114), que nos diz:

Nos diferentes cenários, a partir de múltiplas linguagens, a educação institui processos sócio-culturais e historicamente é instituída por esses processos, em um movimento incessante de ressignificações. Nesse movimento, os referenciais dos diversos atores sociais constituídos no interior desses espaços de aprendizagem, mesmo no interior de uma mesma sociedade, são plurais. Buscar compreender a complexidade que envolve processos educativos nesses espaços ‘requer um olhar por diversas óticas, a leitura através de diferentes sistemas de referenciais’ (BURNHAM, 1994) sem submissão entre os mesmos[...].

As palavras de A.B. (menor), Tiago (18) e Werusca (22), alunos da Palmares, também nos traduzem, respectivamente, como no posicionamento de Cortes, a necessidade de enxergar estes espaços por ângulos diversos:

⁹² O mestre refere-se a vários espaços físicos das escolas disponibilizados para a prática da capoeira, de forma marginal, ou seja, como opção esportiva, como alternativa artística, mas fora do processo curricular da escola como parte formadora.

Na aula, a gente tem a oportunidade de se dar com as pessoas, conhecer o outro, de dar um conjunto a tudo”. “A capoeira é um conjunto, um monte de sim e de não. Um pergunta e outro responde. Tem o axé, e a capoeira angola dá oportunidade de conversar no jogo, e isto é uma coisa que não tem fim”. “As amizades na capoeira são diferentes da escola e outros lugares, pois lá nós falamos a mesma língua, mesmo que seja de outro grupo, fica mais fácil, porque você já conhece, e aí, tem a parte do entender, conhecer e conversar. Mas, às vezes, não se entende nada, e a gente até sai abusada.

Eis aqui um fator diferencial: pensar a educação de forma a considerar a complexidade dos processos sócio-culturais, não os deixando serem reduzidos apenas a um modo de entendimento. Cortes (2003, p.116) ainda diz-nos:

[...] Faz-se necessário afirmar que a história do conhecimento que fundamenta predominantemente a construção curricular é a história do ‘significado autoritário’, isto é, da imposição muitas vezes colonialista de conhecimentos preconceituosos e etnocêntricos. Num sentido inverso, a luta democrática por um currículo diferenciado aponta para uma pedagogia sensível às diferenças e as articulações críticas entre as diversas referências. Faz-se necessário abordar a discussão dos saberes e práticas nos cenários formativos, [...] o currículo terá de assegurar um processo de articulação de saberes, onde se valorize os saberes tanto na perspectivas da cultura construída historicamente[...].

Pensar a aprendizagem na capoeira inserida nas práticas escolares, requer um estudo muito mais criterioso e fundamentado, mas fica esta provocação, no intuito de deixar caminhos a serem trilhados.

Muitas são as associações de capoeira espalhadas pelo Brasil. Nestas, os trabalhos realizados, com toda certeza, não têm a intenção de substituir a escola, mas têm importâncias fundamentais no processo de formação. Segundo Guará (2006, 40):

[...] Há uma especificidade educativa que compete a escola[...] As ONGs podem oferecer muitas oportunidades para que a criança desenvolva sua percepção do mundo, sua auto-confiança e sua competência comunicativa por meio de atividades culturais, esportivas, artísticas, que se refletirão em melhora importantes em sua performance escolar[...]

Destaco pontos da entrevista que vem mostrar como acontecem de fato as questões destas oportunidades na prática da capoeira, e a visão dos mestres, considerando que a prática desta arte envolve as três opções citadas por Guará.

Para o Mestre Nô, os trabalhos sociais feitos pela Palmares têm como norte a devoção do professor ao seu trabalho. Por acreditar que este é um ótimo caminho, entrega-se a sua missão:

[...] Então é uma preocupação muito grande. Primeiro tem que gostar, tem que amar, tem que respeitar aquele para quem esta trabalhando, tem que sentir um voluntário, tem que sentir que estar fazendo um trabalho social e não um trabalho industrial, e sim social, ele tem que dá tudo que ele tem se entregar de corpo e alma, não ficar olhando o relógio [...].

Quanto à disponibilidade para dividir, diz-nos ele:

[...] Eu tirei um garoto da rua, trouxe na minha casa para criar, para ensinar, sem querer nada. Pelo contrario, pagando pela formação dele, com amor, carinho, respeito. Hoje em dia ele está legal, está fazendo um trabalho com os irmãos dele, ajudando a família[...] Então esse foi o primeiro social, foi um trabalho sem projeto, sem ser pago por ninguém, pelo contrário pagando. Nunca eu chamei, selecionei alguns garotos para treinarem comigo, aqui, quando tinha uma academia há dois anos. Selecionei cinco deles pra treinarem comigo, só queria ensinar a eles, esse era o “Projeto do NÔ”. Não era feito por ninguém pra me pagar. Eu tirava dinheiro do meu bolso. Eu corri atrás do povo para que eles tivessem um curso de informática e eles aprenderam. E hoje dois dele estão trabalhando.[...].

Na associação Pôr do Sol de Palmares, fica claro o processo de formação ocasionado pela capoeira, que nas palavras do Mestre Cláudio, tem-se:

[...] a parte histórica da capoeira já mostra para o capoeirista, para o iniciante da capoeira, que a capoeira está fazendo parte da vida dele e da história do Brasil, e que ele é um cidadão inserido neste país, e que ele tem uma história para contar. Então, no momento que você está em um grupo de crianças - eu falo crianças, porque a criança, ela é hoje a faixa etária que tem mais sentido, a co-receptividade para o aprendizado de capoeira [...]”. “[...] Então, a partir do momento que ela já começa a conhecer o histórico dela, de vida, sua origem, que somos afro-descendentes em sua maioria, quando não somos afro-descendentes diretos, somos mestiços de índios, brancos e negros. Então, a história da sua origem já é um fato de prender a atenção, de começar a orientá-los que ele é fruto de um processo histórico de muito, muito tempo atrás; que a capoeira tem regras; que ela possa se enquadrar a uma disciplina, e que ela não é rígida, porque a capoeira é flexível, não só nos seus movimentos, mas também na sua maneira de se apresentar e se proceder [...].

3.5 A formação da pessoa na prática da capoeira – Noções de limites e cidadania; Reconhecimento de uma identidade; Reconhecimento da sua cultura; Ética; Disciplina

Ninguém é cidadão sozinho. Da mesma forma, não se aprende capoeira sozinho. Aprendemos a ser cidadãos no coletivo. Nesse sentido, a capoeira, enquanto espaço intercultural, esportivo-formativo, desenvolve-se através de seus fundamentos:

- O respeito a quem tem mais conhecimento;
- A disponibilidade em dar e receber;
- A ajuda mútua para que algo aconteça, para que o jogo aconteça (da roda e da vida);
- O respeito ao outro;
- A noção de (e o aceitar) seus limites;
- A busca constante por melhores resultados coletivos;
- A idéia de liberdade;
- A responsabilidade;
- O conhecimento, a partir de conceitos e experiências, do que se faz;
- A necessidade de conhecer as etapas de seu crescimento pessoal;

- O conhecimento de sua história, suas origens;
- A aprender a se relacionar com pessoas diferentes;
- A respeito à diferença.

Os princípios de formação cidadã baseiam-se no bem-estar geral e no conhecimento dos nossos direitos e deveres. “Os meus direitos terminam onde o dos outros começam”⁹³. A educação formal baseia-se na moral e na ética cívica para formar os componentes da nossa sociedade. Nessa educação, também está contida a cultura que no nosso caso, mexe com as nossas raízes e identidade. Tendo a cultura como elemento catalisador da educação⁹⁴, encontramos a capoeira como arte e cultura, de formação educacional própria, favorecendo, como espaço alternativo, através dos seus fundamentos, a formação do cidadão, contribuindo para o bem-estar social. Estou, neste caso, falando basicamente da formação do capoeirista, desde seus primeiros passos, até sua formação aprofundada, a partir da qual ele será responsável pelo efeito multiplicador desta arte.

A capoeira, historicamente, é o resultado da busca por liberdade e igualdade entre os negros aqui escravizados. Sua expressão foi codificada no corpo do homem; suas palavras, através de cantos e ladainhas; seu ritual, na mistura de vontades, conceitos e devoção religiosa. Daí, vieram os seus fundamentos. Na busca incessante de uma maior organização, a capoeira fez-se valer em suas rodas e lições.

O capoeirista lança mão de inúmeros artifícios para enganar e distrair o adversário. Finge que se retira e volta rapidamente. Pula para um lado e para o outro. Deita-se e levanta-se. Avança e recua. Gira para todos os lados e se contorce numa ginga maliciosa e desconcertante (PASTINHA, 1988)

Por isso a capoeira é um espaço de formação por excelência. Nela aprendemos, de forma vívida, nos treinos e na roda, a complexidade da vida.

Trata-se de um jogo, portanto espaço do lúdico, em que a inteligência e o raciocínio são exigidos e trabalhados o tempo todo. O outro é parceiro e, ao mesmo tempo, adversário. Eu jogo meu jogo e o outro busca desjogar, com artes e manhas, aquilo que estou jogando, e isso dentro de uma ética do respeito à integridade própria e do outro. Aqui temos, no dizer de Edgar Morin, a vida enquanto espaço de astúcia, de inteligência e de complexidade (MORIN, 2000); e, no dizer de Jacques Ardoino, “a vida enquanto negatricidade”. O prefixo ‘nega’, de negar, e a raiz ‘trici’ de, por exemplo, motricidade, significam ‘negar em movimento’, e a isto chamamos de negatricidade (ARDOINO, 1971). Dessa forma, negando em movimentos

⁹³ Citação popular. Frase de efeito positivista, com o intuito de limitar as ações do cidadão.

⁹⁴ O professor de capoeira Denis disse-nos: “Comecei a treinar capoeira aos 18 anos, quando comecei a trabalhar e pude pagar a academia. Tenho certeza que se treinasse capoeira na infância, seria mais centrado”.

descompassados, porém, voluntários, a capoeira exercita nossos neurônios, nosso corpo e dá um sentido mais arguto⁹⁵, mais humano à vida.

Ocupando cada vez mais espaço dentro da nossa sociedade, a capoeira reúne adeptos em formações associativas, grupos e Federação, educando, desenvolvendo habilidades, ensinando arte, cultura e resgatando identidades. Os espaços físicos ocupados resumem-se a escolas, centros sociais, clubes e outros ligados à cultura afro-brasileira, e são nestes que vamos encontrar o desportista, o ator, o músico, o atleta, o compositor, o povo que forma a nossa sociedade, identificado através da capoeira.

Vejamos a visão e concepção de alguns capoeiristas de Maceió. Segundo o professor de capoeira Denis (Entrevista, 2005):

A capoeira é um ponto de encontro, de confraternização entre pessoas, onde há uma clara oportunidade de aprendizado. Aprender como ser aceito, como entender as pessoas, ser respeitado e considerado como parte de um movimento social qualquer, que prega algo muito valioso: a oportunidade de participação e contribuição.

Para o professor de capoeira Devagar (Entrevista, 2005), “O desenvolvimento da cultura é um resgate de algo esquecido, modificado, e pouco valorizado pelas instituições responsáveis por este trabalho”. A cultura é algo reconhecido como necessário para que não sejam esquecidas as nossas raízes e o saber quem somos, de onde viemos, para daí ficarem claros nossos direitos e deveres. A capoeira, vista como parte da nossa cultura, resgata, sim, toda a história de uma das raças formadoras da nossa sociedade. Mestre Diamante disse-nos os motivos que o levam a fazer capoeira:

Para que as pessoas saibam que existe capoeira em Maceió. Aprender a malandragem, não a má malandragem, mas aquela que aguça seus instintos, e faz da observação, o ponto forte para se perceber as coisas antes de acontecer. Sentir o perigo antes, perceber os movimentos.

A capoeira, da forma como ocorre, parece trazer em suas bases filosóficas o poder de transcendência⁹⁶, uma vez que os sentidos são desenvolvidos e fica possível transformar o “mal” em “bem”, desenvolvendo a tolerância, uma das molas mestra para o bem-estar do convívio social.

“A capoeira serve até para teimar, criar uma bandeira de resistência” (DEVAGAR, 2005, Entrevista). Uma identificação e uma crença, uma marca ideológica pura, algo para defender, brigar contra um poder já instituído que, incapaz, mostra-se na irreverência das

⁹⁵ O professor de capoeira Devagar, assim se expressou: “Meu pai, inicialmente, não queria que eu fizesse capoeira. Mas eu fazia capoeira, estudava, trabalhava, constituí família. E, finalmente, meu pai, dizia com orgulho, aos amigos” Esse é meu filho, professor de capoeira!”

⁹⁶ ver, a esse propósito, CAPOEIRA, Nestor: O pequeno manual do jogador de capoeira. São Paulo, Ed. Ground 1981.

autoridades com os menos favorecidos socialmente. A defesa pelo que se acredita também é um alicerce de formação da identidade do capoeirista.

“Eu era menino de rua. Com a capoeira fui transformado. A capoeira me ensinou a usar a minha energia de outra forma. Você não precisa ser mau para todo mundo” (DIAMANTE, 2005, Entrevista).

A dimensão do comportamento humano ainda não foi totalmente decifrada, mas há na prática da capoeira uma possibilidade de transformação, que parece se encaixar, de forma lúdica e educativa, em lacunas deixadas por traumas ocorridos na vida, onde a reparação, a re-educação, mostram-se através da conduta pacífica deste no meio social.

“A capoeira no mundo de hoje, em que tudo acontece, é diversão por diversão. Não gosto da capoeira como esporte: dá medo, parece que alguém quer colocar regra. A regra quem dá é o momento” (DENIS, 2005, Entrevista). Vimos, desta forma, apresentada pelo professor Denis, a expressão maior da liberdade, porém com responsabilidade. As ações humanas são algumas vezes instintivas, mas mesmo estas, aprende-se com a capoeira, têm o seu lugar.

“Eu não conheço a capoeira como esporte: não tem regra, é um meio de vida, no que diz respeito a viver” (DENIS, 2005, Entrevista). Educar para o trabalho: uma proposta que abrange a formação e o despertar de talentos de capoeiristas para música, instrumentos, formação artística, condução social que, após sua formação, servirá de fonte de renda para o praticante, mesmo que não seja diretamente ligada à capoeira.

“Usar a capoeira na periferia, com os meninos de rua, educando, disciplinando e, neste tempo, ocupando o tempo deles, evitando que fiquem na rua e terminem sendo marginalizados e marginal” (DEVAGAR, 2005, Entrevista). O disciplinar, na capoeira, surge muito da compreensão do novo universo de oportunidades que se lhe é mostrado. O professor é o espelho do que pode ser feito, de “quem poderei ser ou fazer”, e a capoeira é um espaço alternativo de formação para enriquecer o tempo disponível dos indivíduos que vivem à margem da sociedade.

“Ser conhecido é uma maneira de abrir portas. A capoeira é aditivo a uma iniciação social” (DIAMANTE, 2005, Entrevista). Neste aspecto, fazer parte da capoeira, praticá-la, torna-se uma “entidade” (instituição) não instituída, que dá imunidade ao cidadão para transitar em diversos meios, sem ser incomodado, sendo respeitado, e até mesmo, protegido, garantindo a liberdade, que no contexto social, deveria ser direito de todos. Então, nesta lógica, também na capoeira, forma-se uma sociedade alternativa, não visível, onde há uma garantia do direito de “ir e vir”, e a segurança que imaginamos ter no nosso meio social.

“Quem entra na capoeira não esquece, ela marca” (DENIS, 2005. Entrevista). Como é inevitável, há uma mudança comportamental e profunda em quem se habilita à prática da capoeira. Isso acontece através dos fatores transcendentais que esta arte revela-nos, a partir do ato de se implicar, promovido ela. Na capoeira, a elaboração das *implicações* ocorre nos seus três níveis: “psico-afetivos, estrutural-profissionais e histórico-existenciais” (BORBA, 2003). A implicação é aquilo que nos envolve, nos seduz. No percurso da formação de um capoeirista, esses níveis vão sendo trabalhados, elaborados e o indivíduo aos poucos aprende a se auto-observar no jogo das interações.

“A capoeira também aliena, mas traz a oportunidade de conhecer as pessoas. O crescimento junto a elas, muitas vezes, como exemplo, pode nos fazer mudar de vida” (DENIS, 2005, Entrevista). O espaço coletivo é visto como local de troca de conhecimento e ajuda mútua para os seus participantes. “A vida de capoeirista abria portas para um outro mundo” (DIAMANTE, 2005, Entrevista), ou seja, a capoeira como somaterapia: viver o estado físico e espiritual em movimentos, ações e reações.

O professor de capoeira Russo (Adail Alves Saldanha) falou-nos que a capoeira, na sua vida, foi uma luz. Através dela, ele ampliou seu círculo de amizades. Disse ao Marco Baiano:⁹⁷

...se a capoeira fosse comparada ao ensino regular, equivaleria ao ensino fundamental, médio e graduação. A capoeira interfere, enquanto educação, na vida do praticante em casa, na escola e no meio social, servindo como intermediária entre as relações, completando o que falta, dando oportunidade de sabermos que todos nós somos responsáveis pelos outros, e que o resultado maior depende do desenvolvimento de todos. Quando fazemos apresentações, espetáculos de capoeira, isso nos traz uma alegria muito grande, e é uma bandeira para mostrarmos ao mundo que temos orgulho de nossas raízes.

Mexer positivamente com as emoções dos outros é muito bom. A capoeira oportuniza uma viagem para dentro de si, para as descobertas de coisas boas em nós mesmos, para podermos entender por que somos humanos. Para se praticar a capoeira, primeiro é necessário entendê-la, para depois usá-la, deixando-a fazer parte dos seus sentimentos, do seu ser. Para o professor, é importante dar atenção a este detalhe: intervir a cada momento do processo de aprendizagem. A capoeira ajuda a quem sabe e a quem não sabe. Até onde sei, a capoeira ensina todo dia e toda hora.

“A prática da capoeira ensina-nos que ela traz e leva. O resultado das nossas ações já é esperado, mas nem sempre vem como imaginado. Durante toda prática, há uma montagem de um teatro, na qual a peça é montada e desmontada passo a passo” (BAIANO, 2005,

⁹⁷ Marco Baiano é contra-mestre da Associação Brasileira e Cultural de Capoeira Angola Palmares. Autor desta dissertação.

Entrevista). A vida não é estável, os imprevistos acontecem, ninguém quer errar. Mas não dependem de nós todos os resultados. Nosso comportamento e o dos outros podem ser previstos, pois vivemos em um meio social com uma série de regras.

A capoeira é o teatro da vida em um jogo, simulações, tentativas, acertos e erros, mil e uma maneiras de aprender a levantar-se e aceitar ou não a ‘queda’. Tudo isto serve para nos ensinar uma maneira melhor de viver (BAIANO, 2005, Entrevista).

O resgate da cultura é fundamental em qualquer lugar. Resgatar e valorizar. Reconhecer o valor da sua cultura, das suas origens é, sobretudo no Brasil atual, uma necessidade premente. Ao resgatarmos, através da capoeira, nossas origens, povo mestiço⁹⁸ que somos por excelência, valoramos a nós mesmos (criamos um sentido de ser) e, nesse valorar, passamos a significar de forma admirativa.

Admirar também significa “olhar de uma certa distância” Assim, ao admirar o outro, questionamo-nos: o que é isso que eu olho ou quem é esse que eu olho? E o que é olhar? Como o olhar de alguém está trabalhado, elaborado, construído? A capoeira auxilia na construção desse olhar complexo através da música, da dança, da ética criativa, da solidariedade e do estudo das nossas raízes.

Na sua prática filosófica⁹⁹, a capoeira identifica e forma o cidadão através dos seus princípios. A roda é um local democrático. “A democracia não tem verdade, ela respeita as verdades que se opõem” (MORIN, 2003, p. 32), no qual se destacam o cantor, o público em geral, os jogadores. Não é necessário ser bom de capoeira para participar da roda. Nem tampouco se discrimina gênero, classe social, raça ou religiosidade. Isso afirma, neste espaço, a igualdade entre as pessoas. Basta ser capoeirista, sentir correr no sangue a expressão da arte afro-brasileira. “Capoeira é para homem, menino e mulher” (PASTINHA, 1988).

O praticante de capoeira encanta-se com tantas possibilidades ao seu alcance, de crescimento individual e coletivo. Para que se mantenha o axé (energia positiva que envolve a dinâmica da roda), todos precisam participar respondendo em coro, batendo palmas, tocando instrumentos (Berimbau, pandeiro, reco-reco, atabaque e agogô), relacionando-se constantemente uns com os outros.

Em Maceió, a capoeira já descobriu sua maior utilidade, que é a de participar no processo de “formação” na nossa sociedade, trabalhando com pessoas de todas as classes sociais: pessoas de todas as idades, estudantes brasileiros e estrangeiros, menores de rua,

⁹⁸ RIBEIRO, Darcy (1922-1997), participam, NIEMEYER Oscar. “Mestiço é que é Bom”. Rio de Janeiro: Revan, 1997.

⁹⁹ ver CARNEIRO, Édison. “Capoeira”. Rio de Janeiro: Departamento de Assuntos Culturais, MEC, 1977. (Col. Folclore).

portadores de necessidades especiais, dentre outros. Todos eles aprendem um pouco da história da nossa terra, nossas raízes, a geografia do nosso estado.

E isso ocorre aos poucos, num espaço e temporalidade lúdicos. Numa formação em que se joga, diverte-se e se aprende cidadania e orgulho da nossa terra, das nossas origens, raízes multiculturais, sobretudo afro-brasileiras, através dos cantos, da música e da nossa história.

Na capoeira, temos uma ética, que é a ética mestiça, ética de uma criatividade promotora do humano. Ética que, vindo do passado, faz-se valer no presente, e num processo de alteridade, traça o perfil de um futuro em que, não mais o homem “faber”, mas o humano “lúdico, lúcido e responsável” - promotor de uma “vida libertadora e criativa” - marcará o ser, o existir.

CONCLUSÃO

Em toda sua forma de apresentação, a prática da capoeira mostra-nos inesgotáveis possibilidades de educação, formação e cidadania, onde, com seus fundamentos, auxilia no resgate da identidade étnica e social do praticante.

Não se trata de apresentar a capoeira como uma varinha mágica, e acreditar que a sua participação no contexto de formação, no sentido de educar, resolverão todos os problemas, e sim, de aproveitar o espaço por ela disponibilizado. Nesta pesquisa, foram identificadas várias oportunidades e formas que a capoeira apresenta para contribuir na construção de uma sociedade mais humana, menos agressiva, orgulhosa de seus valores, respeitando seus semelhantes, vivendo em comunidade, porém, sem deixar de estar atenta às forças que tendem a dominar e oprimir o homem, para quando necessário, e no momento oportuno, posicionar-se diante dos fatores de dominação. Assim, ante as experiências apresentadas, tem-se a capoeira como um espaço de formação e contribuição para a vida do indivíduo, tornando-o mais crítico, flexível, estruturado e conhecedor do seu papel social. Pode-se concluir também que: a capoeira reproduz nas suas práticas os conceitos de comunidade; permite o conhecer da diferença sem discriminação; educa a partir do conhecimento histórico de sua origem e desenvolvimento; leva ao praticante a entender sua história; auxilia na busca do equilíbrio em situações adversas; abre um espaço no campo de trabalho através das habilidades desenvolvidas no decorrer da sua formação.

Espero que este trabalho de pesquisa seja motivador para outras pesquisas em busca de conhecimento e aplicação das oportunidades que a capoeira vem oferecer.

Como sugestões, cito:

- Que seja aprofundado seu estudo na área da educação, para maiores descobertas de suas aplicações;
- Que seja estudado a possibilidade de ser incluída nos currículos escolares;
- Que se realize uma pesquisa dos resultados alcançados com os Agentes Culturais do CORAC, que hoje ensinam capoeira nas escolas de Maceió;
- Que seja elaborado um projeto para participação do estado e do município na disseminação da capoeira como espaço de formação.

Capoeira me chama,
E eu vou atender,
Entro na roda sem medo,
Com malícia e segredo,
Pronto pra me defender,
Iê ah, Iê ô, capoeira me chama

Dá licença meu senhor,
Iê ah, Iê ôôô...
Capoeira aprendi,
Foi meu mestre que ensinou...(1987, CD.).

REFERÊNCIAS

- ABIB, Pedro Rodolfo Jungers. **Capoeira Angola: cultura popular e o jogo dos saberes na roda**. Salvador: EDUFBA, 2004.
- ARANHA, M. L. A. **Filosofia da educação**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1989.
- ARAÚJO, Clébio Correia de. **Educação como ação cultural para auto-determinação**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2005.
- ARDOINO, Jacques. **Psicologia da educação: na universidade e na empresa**. São Paulo: EDUSP, 1971.
- AREIAS, Almirdas. **O que é a capoeira**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- BARBIERI, C. **Capoeira: um jeito brasileiro de aprender a ser**. Brasília, DF: Centro de Documentação e Informação sobre a Capoeira Cidoca, 1993.
- BORBA, Sérgio da Costa. **A complexa arte da avaliação**. Maceió: EDUFAL, 2003.
- BORBA, Sérgio da Costa. **Multirreferencialidade na formação do "professor-pesquisador"**: da conformidade à complexidade 2. ed. Alagoas: EDUFAL, 2001.
- BORUCHOVITCH, Evely. **Estratégias de aprendizagem e desempenho escolar: considerações para a prática educacional**. Campinas, 1999
- BRASIL. **Decreto-lei nº 487, de 11 de outubro de 1890**. Pribe a capoeira.
- BRASIL. **Lei das diretrizes e bases da educação nacional**. 1961.
- CANJIQUINHA, Mestre. **Canjiquinha a alegria da capoeira**. Salvador: Rasteira, 1989.
- CAPOEIRA, Nestor. **Os fundamentos da malícia**. Rio de Janeiro: Sono Press-Rimo, 1999. 1 CD-ROM.

CAPOEIRA, Nestor. **Galo já cantou**: capoeira para iniciantes. Rio de Janeiro: Arte Hoje, 1985.

CAPOEIRA, Nestor. **O pequeno manual do jogador de capoeira**. 14. ed. São Paulo: Record, 1998.

CARNEIRO, Edison **Capoeira**: Rio de Janeiro: Record, 1992.

CARVALHO, Marco. **Feijoada no paraíso**: a saga de Besouro, o capoeira. Rio de Janeiro: Record, 2002.

CHAUÍ, Marilena. **Compromisso e resistência**: aspectos da cultura popular no Brasil. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

CORTES, Clélia. **Terra, vento, folhas, fogo**: por uma abordagem multirreferencial dos aspectos pedagógicos-curriculares para formação dos professores indígenas na Bahia: currículo e docência. Salvador: UNEB, 2003.

COSTA, Lamartine. P. **Capoeira sem mestre**. 15. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

COSTA, R. S. **Capoeira**: o caminho do berimbau. São Paulo: Thisaurus, 1993.

COUTINHO, Daniel. **ABC da capoeira Angola**: os manuscritos do Mestre Noronha. Brasília, DF: CIDOCA, 1993.

DECANIO FILHO, A. **Falando de capoeira**. Salvador: Ed Do Autor, 1997.

DOCUMENTO sonoro do folclore brasileiro v. 5: berimbau e capoeira. São Paulo: Atração Fonografia, FUNARTE, Fundação Itaú Cultural, 1998. 1 CD. (Col. Itaú Cultural).

ERGON. Disponível no site: <http://www.ergon.com.br>. Acesso em: ago. 2006.

FALCÃO, José Luiz Cerqueira. **A escolarização da capoeira**. Brasília: ASEFE, 1997.

FANHO, Mestre. **Tem raiz, tem dendê**. São Paulo, 1998. 1CD.

FLEURI, Reinaldo Matias. **Intercultura, educação e movimentos sociais no Brasil**. Conferência proferida no V Colóquio Internacional Paulo Freire: desafios à sociedade multicultural, Recife, 19 a 22 de setembro de 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 41. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREITAS, Décio. **República de Palmares**. Alagoas: EDUFAL, 2004.

GARDNER, Howard. **Teoria das inteligências múltiplas**. São Paulo, Grupo Imagine, 2005. Disponível em: < <http://www.inteligenciasmultiplas.e7.com.br> > Acesso em: ago. 2006.

GUARÁ, Isa Maria Ferreira da Rosa. **Educação, proteção social e muitos lugares para aprender: muitos lugares para aprender**. Educação e Participação. CEPEC. 2006.

JORNAL IC. [S.l: s.n], p. 3, 1967.

KORVÃO, Professor. Fita cassete. Gravação amadora. 1989. SC.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública: a pedagogia crítica social dos conteúdos**. São Paulo: Loyola, 1985.

LINS, Audemário. **Zumbi o rebelde herói negro**. Maceió: Edições Cata-vento, 2001.

LOPES, Edward. **Fundamentos da lingüística contemporânea**. São Paulo: Cultrix. 1993.

MACEDO, R. S. A. ; CORTES, Clélia . Terra, vento, folhas, fogo: por uma abordagem multirreferencial dos aspectos pedagógico-curriculares para formação dos professores indígenas da Bahia. In: MACEDO, R. S.; SILVA, Gelsivânia; TORRES, M.M. (Org.). **Currículo e docência**. tensões contemporâneas, interfaces pós-formais. Salvador: UNEB, 2003, v. 500, p. 113-131.

MACEDO, Roberto Sidnei. SILVA, Gelcivânia Mota. TORRES, Mônica Moreira. **Currículo e docência: tensões contemporâneas, interfaces pós-formais**. Salvador: UNEB, 2003.

- MACEDO, Roberto Sidnei, **Currículo e complexidade**. Bahia: EDUFBA, 2002.
- MACEDO, Roberto Sidnei. **A Etnopesquisa crítica e multireferencial nas ciências humanas e na educação**. Salvador: EDUFBA, 2004.
- MORAES, Capoeira Angola. São Paulo, 2001. 1 CD.
- MORIN, Edgar. **Ética, cultura e educação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes a educação do futuro**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- MOURA, Clóvis. **Os quilombos e a rebelião negra**. tudo é história. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994.
- MOURA, Clóvis. **Quilombos resistência ao escravismo**. São Paulo: Ática, 1993.
- MUNANGA, K. **Diversidade, identidade, etnicidade e cidadania**. Conferência proferida no 1º Seminário do III concurso Negro e Educação. São Paulo, 2003
- OLIVEIRA, P. **Cultura negra na escola**. 1992 Disponível em: <http://www.mundonegro.com.br/noticias/index>.> Acesso em: agosto de 2006.
- ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade Nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- PASTINHA, Mestre. **Capoeira de angola**. 3. ed. Salvador: UFBA, 1988.
- PFROMM, NETTO S. Aprendizagem como processamento da informação. In: **Psicologia da aprendizagem e do ensino**. São Paulo: EPU, 1987.
- PIRES, Antônio Liberac Cardoso Simões. **Bimba, Pastinha e Besouro de Mangangá**: três personagens da capoeira baiana. Goiânia: Grafset, 2002.
- REGO, Waldeloir. **Ensaio sócio-etnográfico**: capoeira Angola. Salvador: Itapuã, 1968. (Coleção Baiana)

REVISTA REALIDADE. Rio de Janeiro, ano 2, n. 19, out. 1967. p. 9

RIBEIRO, Darcy. **Mestiço é que é bom**. Rio de Janeiro: REVAN, 1997.

RODRIGUES, Luiz Dias. **Educação popular**: temas convergentes. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 1999.

SANTOS, Boaventura Souza. **A construção multicultural da igualdade e da diferença**. Palestra proferida no VII Congresso Brasileiro de Sociologia. Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, de 4 a 6 de setembro de 1995.

SANTOS, Esdras Magalhães dos. A verdadeira história da criação da luta regional bahiana do mestre Bimba. **A Tarde**, Salvador, 12 a 16 de março de 1936.

SANTOS, M. A. B. Capoeira: Um esporte que educa. In: **Revista Artus**. Rio de Janeiro, ano 8, n. 16. 1985.

SOARES, Dulce Consuelo. **A importância do corpo no processo ensino – aprendizagem**. Disponível em: <http://hpp.ajato.com.br/dconsuelo/artigo2.html>. Acesso em: ago. 2006

TUNICOTRAVASSOS, Cristina C. **A memória como ferramenta para a aprendizagem**. Disponível em: <http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp/entrID=346>. Acesso em: ago. 2006.

TROVÃO. Registro fonográfico em fita cassete. 1998. Alagoas.

TUNICO, Mestre - Fita cassete. Gravação Amadora. 2000. Alagoas.

VAINFAS, Ronaldo et al. **Dicionário do Brasil Colonial (1500-1808)**. Rio de Janeiro: Objetivo, 2006.

WEIL, Pierre; TOMPAKOW, Roland. **O corpo fala**: a linguagem silenciosa da comunicação não verbal. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ALMEIDA, Luiz Sávio de (Org.). **O negro no Brasil**: estudos em homenagem a Clóvis Moura. Maceió: EDUFAL, 2003.

ALMEIDA, Raimundo Cesar Alves de. **A saga do Mestre Bimba**. Salvador: Ginga, 1994.

ANDRÉ, Marli Eliza D. A. de. **Etnografia da prática escolar**. 3. ed. São Paulo: Papirus, 1999.

AZCONA, Jesus. **Antropologia II**: a cultura. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

BORBA, Sérgio da Costa. **Espaço de formação**. Maceió: Catavento, 2000.

BAGÉ, Fábio. **Mando e desmando do poder**: regulamentar o irregulamentável. Florianópolis. Material didático pedagógico apresentado no Congresso Estadual de Capoeira em Santa Catarina, 2003.

CAMPOS, Hélio. **Capoeira na escola**. Salvador: Presscolor, 1990.

CAMPOS, Hélio. **Capoeira na universidade**: uma trajetória de resistência. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo da Bahia; EDUFBA, 2001.

CANCLINI, Nestor Garcia Canclini. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. 4. ed. São Paulo: Ed. USP, [200?]. (Coleção Ensaios Latino-Americano).

CAPOEIRA. Disponível em: <<http://www.capoeirado brasil.com.br/historia4.htm> > Acesso em: ago. 2006.

ERGON. Disponível no site: <http://www.ergon.com.br>. Acesso em: ago. 2006.

FONSECA JUNIOR, Eduardo. **Zumbi dos Palmares**. a história que não foi contada. Rio de Janeiro: Yorubana do Brasil, 2000.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia**: dialogo e conflito. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

GADOTTI. **Pensamento pedagógico brasileiro**. 7. ed. São Paulo: Ártica, 2003.

GRYZINSKI, Vilma. O mais novo herói. **Revista Veja**, Rio de Janeiro: p. 64-80. 1995.

HAGUETTE, Tereza Maria Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1992.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

INTELIGÊNCIAS múltiplas. Disponível em: <http://www.inteligenciasmultiplas.e7.com.br>. Acesso em: ago. 2006.

MAESTRI, M. Filhos de cam, filhos do cão: o trabalhador escravizado na historiografia brasileira. In: Almeida, Luiz Sávio (Org.). **O negro no Brasil: estudos em homenagem a Clovis Moura**. Maceió: Edufal, 2003.

MEÍJIA, Marco Raúl. **Paulo Freire: ética, utopia e educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

MUITOS lugares para aprender: educação e participação. São Paulo: CENPEC, Fundação Itaú Social, UNICEF, 2003. (Projeto: Educação & Participação).

MUNANGA, K. **Negritude: o uso dos sentidos**. São Paulo: Ática. 1986.

MUNANGA, K. **Política de ação afirmativa em benefício da população negra no Brasil**. Disponível em: <http://www.espaçoadêmico.com.br/022/22cmunanga.htm>. Acesso em: set. 2006.

NOVA ESCOLA. **Descobrir a própria história: remanescentes de Quilombos**. Disponível em: http://novaescola.abril.com.br/ed/165_set03/.html/div_quilombos.htm. Acesso em: ago. 2006

PEIXOTO, Adão José. **Filosofia, educação e cidadania**. São Paulo: Alínea, 2001.

PINHO, J. **Iê a Capoeira...Iê tem fundamento, camará!**. 1993. Monografia (Especialização em Educação Física Escolar)- Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1993.

PRATICANDO CAPOEIRA. Os ensinamentos, São Paulo, ano 2. n. 18, p. 18, 2002.

SENNA, Carlos. **Capoeira Percurso**. Salvador:[s.n.], 1990.

SILVA, José Milton. **A linguagem do corpo na capoeira**. Rio de Janeiro: Sprint, 2003.

SILVA, Marco Antonio Santos da. Capoeira: cidadania e educação. In: BRITO, Ângela B. de; SANTANA, Moisés de Melo; CORREIA, Rosa Lúcia. **Kulé Kulé: educação e identidade negra**. Maceió: EDUFAL, 2005.

TAFFAREU, Cely Zuke. **Capoeira e projeto histórico**. In: SIMPÓSIO NACIONAL UNIVERSITÁRIO DE CAPOEIRA, 6, 2004.

ZULU. **Idiopráxis de capoeira**. Brasília: [s. n.], 1995.

ANEXO

MOMENTOS RELEVANTES DAS ENTREVISTAS

ENTREVISTA 01 – RESUMO

Entrevistado: Norival Moreira de Oliveira

1- Qual o seu nome completo?

Resp.: Norival Moreira de Oliveira

2- Qual a sua idade?

Resp: 60 anos. Nasci em 22/06/1945.

3- Qual seu tempo de Capoeira?

Resp.: 56 anos que pratico capoeira. Comecei aos 4 anos de idade e comecei a ensinar desde 1964.

4- Quais os trabalhos desenvolvidos com a capoeira até a data de hoje?

Resp: Fundei a Academia de Capoeira Angola Palmares e, em seqüência, a Associação Brasileira e Cultural de Capoeira Angola Palmares.

5- Quais os fundamentos da Capoeira Angola?

Resp.: Ao meu ver, fundamentos são todos os costumes, tradições e uso de estilo da capoeira angola. Porque são as situações que ficam ocultas na prática da arte. Ela não fica transparente, clara para o praticante ou para as pessoas, o significado daquele tipo de coisa. É dessas tradições, por exemplo, as chamadas, a volta ao mundo. Então ela não deixa claro para os praticantes iniciantes, nem muito menos para os leigos. As pessoas não conseguem entender ou enxergar o que está sendo feita ali, muita pessoa pesam que é uma dança. Muitos praticantes iniciantes, e até mesmo muitos capoeiristas antigos, pensam que está descansando, que é para descansar. Então, desconhece o seu lado fundamental da realidade: é daí que é determinado o fundamento. Mas também, outros tipos de fundamentos, a linguagem do instrumento, que é tido por nós como sagrado, que é o berimbau, a linguagem do berimbau como o praticante, a linguagem do berimbau para com as pessoas que compõe a bateria (toda parte instrumental). Então o comando do berimbau chefe, tudo isso são fundamentos, como o berimbau se comporta, no momento em que o jogo dos capoeiristas não está agradando, no momento que querem tirar... São comportamentos que se tornam fundamento para a prática da

capoeira angola. Isso é o que eu entendo por fundamento, e tem outros tipos de fundamentos que deixam de ser fundamento, e passam a ser comportamento do próprio indivíduo que pratica, de tomar os cuidados quando do ciclo da vida, se espelha, ter a própria prática, como uma direção para vida, um coisa fundamental na vida dele, em termos de comportamento na vida. Enfim, eu entendo como fundamentos esses itens.

6- Qual a importância do fundamento na prática da capoeira?

Resp.: Para mim é importante, pois não vai se perder tempo fazendo uma atividade, durante vários anos, sem ter um objetivo. Pelo menos comigo foi assim. Ter um objetivo na vida, uma segurança, durante o ciclo e período da minha vida.

7- Como você enxerga a capoeira no contexto social? Como a capoeira pode contribuir para a sociedade?

Resp.: Ela já vem contribuindo há muitos anos, praticamente desde da sua formação, porque é quando os praticantes desta arte, quando eles praticavam como lazer, eles estavam buscando uma ocupação nos seus dias de domingo, utilizando como terapia, com relatos para enfrentar a semana dura de trabalho. Isso já há anos atrás. Com o passar dos anos, a vida se tornou boa por um lado, e ruim por outro lado. O nível da população subiu muito, inclusive na Bahia e no Brasil. Com isso, veio também a competitividade muito grande de emprego, a falta de emprego, a desigualdade social. Com isso, deu espaço para a capoeira, para os praticantes de capoeira mostrar sua performance e passar seus conhecimentos para outros, que viviam além do conhecimento dessa prática. Com isso, abriu oportunidade para a educação de formação, ao passo que obteriam uma condição de vida, com uma remuneração, especificada simbolicamente, mas em troca, ele estava passando seus conhecimentos e dando mais segurança, ele estava passando mais uma condição de vida, uma atividade física, uma higiene mental. Todo um lado positivo que a capoeira tem. Então, a capoeira contribuiu para com a sociedade justamente por todos esses anos, haja vista que ela já se encontra no âmago das camadas mais altas da sociedade. Então, se ela já se encontra no âmago das camadas da sociedade, é porque ela tem uma importância grande. Senão, ela não estaria. Mas os benefícios que ela tem, levaram ela a penetrar na sociedade e contribuir.

8- Como a capoeira é vista pela sociedade em geral e pela sociedade marginalizada?

Resp.: Em primeiro lugar, ela já é marginalizada desde da sua formação, e continua sendo marginalizada mesmo estando no âmago da sociedade mais alta, e nas camadas mais altas ela não deixou, e não vai deixar de ser discriminada e marginalizada. Porque veio de um povo pobre, veio do negro, do negro para um favelado. Por isso que jamais ela deixará de ser discriminada, e até mesmo marginalizada. E não apenas pelas camadas mais alta da

sociedade, mas também pelas pessoas de cor, o próprio negro discriminando também, pois ele não tem consciência do que é a própria cultura. Agora, quando os membros da alta sociedade praticam a capoeira, essa prática é mais por modismo, estética, pela beleza que é a ginga da capoeira, pela moldura do corpo, pelo porte físico e atlético do capoeirista, e que eles não conseguirão jamais ter essa beleza que o capoeirista tem no coração, que é a bondade, a simplicidade e a malícia. E é a malícia, um dos fatores da arte capoeira. Isso eles jamais conseguirão.

9- Como a prática da capoeira na escola pode ajudar?

Resp.: É uma boa, porque pelo menos a escola é a segunda casa do ser humano, de qualquer ser humano, pois é ali que ele vai se informar e, posteriormente, informar. O jovem, a criança e o adolescente, que são as camadas que estão na escola. Seria mais uma atividade para eles terem fora da escola, para que não haja tempo deles partirem para outras atividades às margens da lei, ou seja, para o roubo, para o furto, para as drogas. Enfim, a ocupação da prática da capoeira não abriria espaço de tempo para eles partirem para esse lado. E como a orientação que é dada nas academias de capoeira servem como reforço escolar, pois na escola se tem um tipo de informação e nas academias outros tipos de informações, reforçando a escola. Então, a escola é uma segunda casa para o jovem e para o adolescente, e a capoeira, nesse caso, entra como o reforço, como uma devoção. “Primeiro a obrigação, que é a escola e, segundo, a devoção, que é a prática da capoeira”.

10- A capoeira ajuda a diminuir o racismo, ou a discriminação racial?

Resp.: Não. Ajuda a haver mais integração entre os povos. Isso ajuda bastante.

A discriminação é muito difícil de ser combatida, porque a discriminação não vem só no tratamento, mas muitas vezes vem até no olhar. No meu ver, a capoeira contribui com a integração dos povos e, daí, é que vai se ver a beleza da capoeira ou da beleza de cor da pessoa que pratica a capoeira, e só depois dessa integração, vem a compreensão que a cor da pele não quer dizer nada, nem a prática da arte quer dizer nada.

11- Como o senhor vê a possibilidade da capoeira servir como resgate da identidade cultural?

Resp.: Infelizmente, muitos praticantes ainda não estão preparados para isso. Nós estamos correndo atrás do resgate cultural, inclusive estamos muito preocupados em que haja esse resgate cultural, e a capoeira é um veículo justamente próprio para esse tipo de coisa, para resgatar a nossa cultura. Por exemplo: há algum tempo atrás, uma pessoa mais nova não chamava uma outra pessoa mais idosa de *você*. Chama de senhor. E hoje em dia não se chama mais. Há alguns anos, quando tinha dois adultos conversando, um outro mais novo não se

metia na conversa. Aguardava ou pediria licença para poder falar. Então, nós estamos resgatando esse lado. Comigo já aconteceu. Um aluno falou: “Quando você vai?”. “Você não. Senhor... Senhor... Por favor, me trate como senhor, que lhe tratarei também, mesmo sendo mais jovem”. Isso é o resgate da nossa cultura, a educação, pois a educação não se faz somente na escola como eu falei, a capoeira é o reforço para a escola. A cobrança nossa vem a ajudar a escola a formar o cidadão social.

ENTREVISTA 02 – RESUMO

Entrevistado: Severino Cláudio Figueredo Leite

1- Qual o seu nome completo?

Resp.: Severino Cláudio Figueredo Leite.

2- Qual seu tempo de Capoeira?

Resp.: 38 anos.

3- Quais os trabalhos desenvolvidos com a capoeira até a data de hoje?

Resp.: Já desenvolvi trabalhos em escolas particulares, estaduais, municipais, centro de formação de cabos da polícia militar, BOPE, centro de ressocialização de menores infratores, em clínicas, com a terapia corporal através da capoeira, com portadores de síndrome de Down, menores de rua em situação de risco social, grupos de comerciante – SESC, centros comunitários e academias.

4- O que significa a capoeira para o senhor?

Resp.: O significado da capoeira é muito amplo. Acho muito individual. Pode significar para mim uma coisa, e para outro capoeirista, significar outra coisa. Mas para mim, eu acho que é saber viver melhor, saber equilibrar os problemas com mais fluidez, com mais sapiência, mais tolerância. Acho que para mim, na minha vida, a capoeira significa isso. Ter um pouco mais de equilíbrio, para resolver as coisas que aparecem diariamente na minha vida.

5- Esse significado de capoeira gerar tranquilidade vem a partir de que ensinamento?

Resp.: A partir do momento que eu pratico capoeira, me tranquilizo diante dos problemas diários que enfrento, me dando uma paz interior. Se na época em que ela foi criada, o negro escravo teve que ter aquela paciência para esperar o momento certo para ele poder ganhar a liberdade dele. Desde do primeiro rabo de aranha que deu no feitor para poder fugir, ela ensinou, a pesar de ser um momento de luta, de guerra, de desespero diante da injustiça feita contra o escravo, ela serviu de equilíbrio no momento certo, para poder ganhar a liberdade, fugir, e não

fez as coisas sem pensar, sem, talvez, dissimular uma dança, para poder transformar uma luta de transformação.

6- Dentro desse contexto, o que seria a capoeira para Mestre Cláudio?

Resp.: A capoeira ela pode ser praticada como dança, ela pode ser praticada como luta de libertação ou luta como esporte de competição. Ela pode ser praticada simplesmente como folclore de uma história de uma cultura de um povo, como de ser, também, pode ser praticada como terapia corporal, pode ser uma forma de sair do seu estado neurológico para sanidade mental. Então, a capoeira tem um leque muito grande de possibilidades a ser encaradas e praticadas.

7- Qual seria o princípio que nós adotaríamos para a capoeira ser espaço de formação?

Resp.: Com certeza, se ela for direcionada para isso. Porque nós sabemos que tem gente ensinando capoeira com fins diferente daquele que a gente entende que deveria ser, por isso, eu disse que é individual você definir o que é a capoeira, o que é a capoeira para você, e também como é que você pode utilizar essa capoeira. Nós sabemos que tem muita gente que utiliza a capoeira para satisfazer sua necessidade de auto-afirmação, para mostrar que é superior, ou mais forte, ou atlético, ou pancadeiro, ou que é mais Yang do que o outro. Então, sabemos que tem gente que pratica capoeira, que utiliza e divulga a capoeira com essa finalidade. Quando você me pergunta se ela tem um espaço dentro da educação, evidentemente que sim. Assim como o judô, o karatê, o Taekwondo, que nós sabemos que educa, que pega as crianças que estão rebeldes, mal-educadas, ou deseducadas. Nós sabemos que várias artes marciais tiram as pessoas das drogas, da marginalidade. A capoeira ela é um meio de formação, educação, disciplina, de enriquecimento do conhecimento histórico, da própria história do Brasil. Ela tem esse canal muito amplo, porque ela tem regras, ela tem seus fundamentos, alguns momentos que você tem de respeitar seu companheiro. Você tem que respeitar a hora de entrar no jogo, saber a hora de sair da roda. Você deve partir para o confronto, fugir do confronto. Todo ritual daquele momento, o berimbau ensina. A espiritualidade fica presente, aguçadíssima, naquele momento do jogo, e você pode jogar contra o outro, e pode jogar com o outro. Acredito que a capoeira tem esse caminho, essa amplitude de caminhos, e que eu sigo mais para essa área da educação, uma vez que eu sou formado em educação física, e vejo a capoeira como forma de educar melhor do que qualquer outro esporte.

8- Como funciona a capoeira no processo de formação?

Resp.: O ideal seria que a capoeira fosse um processo de reprodução do ensinamento, não só da arte, através da educação, através da escola, que essa é realmente a principal fonte do

saber, e que se ela não abrir as portas para a capoeira, a capoeira ficará a margem, ficará fora da escola, ficará lutando numa academia, ficará lutando para ser ensinada em uma praça pública, ou em um centro comunitário que seja, que nos abra as portas. Então ela vai ser marginal na escola, mesmo que nós ensinemos através dela. Agora, quando você fala em formação, eu penso: hoje, se eu criar um grupo de capoeira, e quiser formar artistas culturais? Esses artistas podem inserir-se no mercado de trabalho no futuro e viver disso, fazendo apresentações em hotéis, show's em teatro e shows no exterior, conforme vários capoeiristas, que estão praticando a capoeira só como luta, arte marcial, a partir do momento que encontra uma fatia do mercado aberto para a cultura da capoeira, o folclore da capoeira. Como ele teve uma formação coreografada para fazer show's, ele está apto a trabalhar nesta área. Eu já tive a oportunidade de formar alguns grupos, um grupo de maculelê só de mulheres de São Luiz do Quintunde/AL. Então, quando você falar em formação, eles estão se formando para vida, porque eles estão acreditando nessa possibilidade de ter uma profissão no futuro, para a capoeira, uma forma de ganha-pão. Eles não têm outras opções de vida no interior onde eles vivem, que só você é funcionário público municipal, usineiro, não? Cortador de cana? Se você for do partido político da situação, você está empregado como faxineiro, você trabalha na COBEL limpando ruas e avenidas da cidade, pode tá no próprio posto de saúde como faxineiro, como vigia. E se ele tiver um grau de instrução maior, também terá emprego. Mas, na formação da capoeira, nós temos essa função: usá-la como educação para a vida, como existem casos de médicos capoeiristas, que a formação de capoeira veio ajudar tanto, que ele viaja pelas cidades do interior dos estados brasileiros. Pedindo para ser transferido como médico, recebendo como médico, porém, fazendo trabalho social através da capoeira naquele povoado. Depois que ele forma os capoeiristas, que ele forma o professor, ele pede transferência para outra cidade, como médico. É lotado lá, ele tem a situação financeira dele baseada no salário de médico. Porém, chegando naquele outro povoado, ele forma outro grupo de capoeira. Você deve conhecer o Mestre... ele começou assim. Ele trabalha formando capoeiristas. Educando, através, claro, da capoeira. Para a vida, e nem sempre o cara vem a ter um professor de capoeira, mas a capoeira ajudou na formação dele, que seja outro de medicina, de advogado, como tem o Tabosa, o Adilson.

9- Quais as “ferramentas” que a capoeira utiliza na educação?

Resp.: Primeiramente, a parte histórica da capoeira já mostra para o capoeirista, para o iniciante da capoeira, que a capoeira está fazendo parte da vida dele e da história do Brasil, e que ele é um cidadão inserido neste país, e que ele tem uma história para contar. Então, no momento que você está em um grupo de crianças - eu falo crianças, porque a criança, ela é

hoje a faixa etária que tem mais sentido, a co-receptividade para o aprendizado de capoeira. Porque o adolescente tem mais de uma opção: ele tem boate, ele tem discoteca, ele tem praia, ele tem o surf, ele tem várias outras opções. Já as crianças, não têm ainda essas opções dos adolescentes, então, ela fica mais propensa a receber a informação que você tem para dar. Então, a partir do momento que ela já começa a conhecer o histórico dela, de vida, sua origem, que somos afro-descendentes em sua maioria, quando não somos afro-descendentes diretos, somos mestiços de índios, brancos e negros. Então, a história da sua origem já é um fato de prender a atenção, de começar a orientá-los que ele é fruto de um processo histórico de muito, muito tempo atrás; que a capoeira tem regras; que ela possa se enquadrar a uma disciplina, e que ela não é rígida, porque a capoeira é flexível, não só nos seus movimentos, mas também na sua maneira de se apresentar e se proceder. Algumas coisas podem, outras não podem, e outras podem e não podem ao mesmo tempo. Há de depender da situação do momento do jogo.

10- Dê exemplos de coisas que podem e não podem dentro dessas regras, que levaria ao praticante a transitar pela sociedade, usando essas mesmas regras.

Resp.: Durante o jogo, no diálogo corporal, há um momento que não se deve comprar o jogo, não se deve interromper o diálogo, mas, há momentos desse mesmo diálogo quando os dois competidores, vamos dizer assim, os dois adversários não estão se entendendo bem, não estão jogando a capoeira harmonicamente, quando você intervir nesse diálogo, para que não tenha uma consequência mais grave de uma desavença, de uma violência. Então, nesse momento, você tem que ter discernimento para saber se pode comprar o jogo. Ou eu não posso? Eu devo, ou não devo? Então, você começa a ficar atento a quando que acontece na roda. Há um momento que você entende, porque dever ser 3 berimbaus tocando em uma roda de angola e, de repente, uma corda arrebenta. Se o regulamento da sua associação tiver que: “não se deve jogar capoeira angola se não tiver os três berimbaus armados”. Você pára aquele jogo. Mas, vamos dizer que você esteja fazendo uma apresentação pública para autoridades, ou mesmo um show em um hotel, e que naquele momento, arrebentasse mais uma corda. E aí, você vai parar? Essa mesma roda naquele momento? Está certo! Você deveria levar um berimbau sobressalente. Mas, digamos que o berimbau sobressalente, na hora em que você foi armar, também quebrou o arame, e você não tem mais como repor. Aí, eu pergunto: “será que você não quebraria?”. Toda a regra tem exceção. E a capoeira é sensível a esse ponto. Tem muitas coisas que não pode e, no entanto, dependendo do caso, pode. Então, esse discernimento também é ensinado para o capoeirista. E isso, o que é que tem haver com a vida dele lá fora? Há momentos que ele está para ser entrevistado para um emprego, e naquele momento ele não

pode ser atendido. O que é que ele vai fazer? Desistir? Vai jogar tudo para o alto? Ele vai suicidar-se? Ou ele vai ter o discernimento de saber que não deu hoje, porque o cara teve um telefonema e não deu para atender hoje. “Mas quando é que o Sr. Pode? O Sr. Quer que eu volte?”. Essa flexibilidade, essa paciência, essa tolerância é aprendida durante a capoeira.

11- Essa flexibilidade de intervir ou não intervir, pode ser vista em outro momento da prática da capoeira?

Resp: Pode, pode... Quando você fala que a capoeira é luta, ela é uma luta de libertação interna também. Eu tenho alguns medos dentro de mim que, durante a roda, eu tenho que entrar em confronto com meu companheiro. E esse medo interno, ele é trabalhado, e é diluído de acordo com o meu confronto. Quando eu falo confronto, necessariamente não tem que ter desrespeito a integridade física do meu companheiro. O problema é que as pessoas não entendem quando eu digo que vou trabalhar a minha agressividade. Eu dou um passo para trás e solto uma meia lua a 150 km/h. Eu trabalhei a minha agressividade, mas não desrespeitei a integridade física do outro. Eu não te levei ao óbito. Então, a capoeira trabalha essa agressividade? Sim. Ela trabalha com luta? Sim. Agora, é uma coisa interior minha, e não, nada contra o meu oponente, que está jogando capoeira comigo. Um movimento desequilibrante, para muitas pessoas, é um ato de humilhação. Você se desequilibrar em uma roda. Mas você pode perceber o seguinte: quando você leva uma rasteira, ou seja, quando você dá uma rasteira no seu concorrente, na roda, você sabe que, conseqüentemente, ele vai querer revidar. E o que acontece nesse momento? Você fica mais atento. Você fita mais do que joga, do que solta os movimentos. Aí, eu pergunto: então, porque antes de você receber as rasteiras, você já não jogou dessa posição de defesa, malandragem e dissimulação? Aquele que levou a rasteira, não tem que culpar quem deu a rasteira, tem que entender que vacilou. No dia-a-dia da vida, costumamos a colocar nossos fracassos no outro. Mas os responsáveis somos nós mesmos. Os vacilos que dá somos nós. Então, eu vejo a capoeira como uma luta, mais uma luta interna, do que a luta contra o outro. O escravo, ele levou décadas e décadas antes de se rebelar. Ele sofreu anos e anos, dezenas de anos para depois ele poder ter tido segurança de ser a hora certa de fugir do cativo. E a luta que ele usou não foi com o intuito de matar o feitor, ele usou a luta de libertação, ele criou a luta para fugir do cativo, porque se ele tivesse a consciência do poder que ele tinha de mil homens, dentro de uma senzala, acaba com três feitores, mesmo que eles tivessem armados. Ele nunca teria sido escravo. E nós estamos falando de milhões que tiveram no Brasil, e não era nem cem feitores para tomar conta de um carregamento de 300 (trezentos) escravos, que chegavam no navio negreiro. Então, quando você fala em luta, eu entendo que a capoeira é uma luta constante, mas não

contra o outro. Eu não vejo a capoeira como uma forma de agredir o outro, por ela ser uma luta. Exemplo: Eu vou lutar com Marco. Vou sair na porrada com Marco? Eu não tenho essa visão. Mas sei que fez parte da índole de cada um. Se quiser usar a capoeira como arma para matar, ele mata.

12- Quais os conceitos da capoeira que podemos utilizar no dia-a-dia?

Resp.: Tem vários. Quando eu dei aula de capoeira-terapia, e a terapeuta corporal, a Geana, ela nos dava um questionário para distribuímos com os alunos depois da aula, com três perguntas apenas: “Como foi a aula para você? Qual foi o momento que você sentiu mais dificuldade? O que você gostou mais?” Então, os alunos preenchiam, e depois eu recolhia e passava para a terapeuta, porque eles estavam em processo de terapia com essa terapeuta. E dentro dos conceitos da capoeira que era passada, por exemplo, seria a tolerância. Você tem que tolerar seu amigo de roda, se não você perde a cabeça e dá uma porrada nele. Você tem que ser tolerante com ele, porque ele, às vezes, tem uma visão destorcida ou diferente da sua, e aí você entra para brincar, e ele quer arrancar sua cabeça, ou mesmo descontar. A tolerância, o entendimento, a paciência, tem algumas músicas que ensinam: “Ô, dona Alice, não me pegue, não agarre, não me pegue não...”. Por exemplo: você sabe que é bicho solto? É sinal de liberdade, e você que ser liberto. O escravo fugiu do cativo. Ele criou uma luta para ser liberto. Aí, você joga com alguém, e o cara vem com jiu-jitsu, que agarrar sua perna, quer segurar teu braço, quer dar uma gravata em você, e um dos conceitos da capoeira é que não pode agarrar. E o que isso tem haver no relacionamento e na vida da gente aqui fora? Quando fica obcecado por uma mulher que não nos ama, e você quer agarrá-la a todo custo. Que você quer conquistá-la, e quer que ela te ame à força, por que você também a ama. O que isso tem haver com a tolerância? O que isso tem haver com não me agarrar? O que isso tem haver com liberdade, que você deve ter, e deve dar ao outro? Não tem graça você jogar capoeira, e ir para cima do cara, e vuk, vuk, vuk, vuk... e não deixar ele fazer um movimento sequer. Assim, como não tem graça você sair do pé do berimbau, cumprimentar seu companheiro, e você vai dar um *Aú*, o cara corre e lhe dá uma cabeçada, então, puxa seus dois braços, puxa seu pescoço e você cai no chão, e já sai com a cadeira de roda. O que é o limite? O respeito? Então, vários contextos de capoeira, ele faz parte da nossa vida, do nosso cotidiano. É só você prestar atenção no que diz as músicas, no que diz os fundamentos da capoeira, que você vai ver que isso tem reflexão, tem uma reflexão direta no seu dia-a-dia.

DEPOIMENTOS DOS ALUNOS DA PESQUISA:

- “A capoeira é boa. Bem, eu acho que ela ajuda, me completa. Quando eu vou a uma aula, não é só bom para o corpo, ele relaxa. Se faz como se estivesse em família. Fico bem à vontade” (Werusca. 22).

- “A capoeira me faz ser mais firme diante das minhas relações com as pessoas. Fez com que eu entendesse mais as pessoas” (Sandra. 19).

- “A gente consegue ver, através da história, que a capoeira pode até ser discriminada, mas porque só conhecem o lado mal da história, aí, eu entendo mais porque discrimina” (Josian. 23).

- “Quando saio de abadá, sou olhada de forma diferente. As pessoas ainda não entende que sou praticante. Mas sou igual a todo mundo. Talvez por pensar ainda como na época da escravidão” (Sandra 19).

- “Acho que minha presença até ajuda a desmistificar a capoeira, devido as minhas características físicas” (G.L.B. - menor).

- “A firmeza que tenho com a capoeira está toda baseada na realidade histórica dela, quando conheci, vi e fiquei sabendo o que as pessoas passam por ser negro e capoeirista” (Josivaldo. 32).

- “Na aula, a gente tem a oportunidade de se dar com as pessoas, conhecer o outro, de dar um conjunto a tudo” (A.B. - menor).

- “A capoeira é um conjunto, um monte de sim e de não. Um pergunta e outro responde. Tem o axé, e a capoeira angola dá oportunidade de conversa no jogo, e isto é uma coisa que não tem fim” (Tiago. 18).

- “As amizades na capoeira são diferentes da escola e outros lugares, pois lá nós falamos a mesma língua, mesmo que seja de outro grupo, fica mais fácil, porque você já conhece, e aí,

tem a parte do entender, conhecer e conversar. Mas, às vezes, não entende nada, e a gente até sai abusada” (Werusca. 22).

- “Quando em apresentações eu tento mostrar o que é a capoeira, tento fazer um jogo bonito, envolvendo eu e meu colega. Receio até de atacá-lo. Claro que isto existe na capoeira, mas não era hora pra isto” (Adailto. 28).

- “Quanto a gostar de ser capoeira, toda vez que me olham de jeito estranho, alguém vira a cara pra mim, eu também viro, e lamento por esta pessoa não ser capoeirista, e não desfrutar de ser capoeirista, e não conhecer nossa arte e cultura. Acho que ela é quem está perdendo” (Ariana. 18).

- “Quando comecei a treinar capoeira, eu não ligava muito. Mas depois ela foi me envolvendo, e eu conheci cada vez mais, e ela ficou fazendo parte da minha vida, algo que encaixa com as pendências das pessoas, e diminui com tudo que é dificuldade, fazendo as coisas mais fácil de resolver” (Werusca. 22).

- “Já passei muita coisa para não deixar a capoeira. Em minha casa, fui discriminado e, quanto mais aprendia, mais a minha madrinha me proibia de praticar capoeira. Era porque eu começava a acordar para a vida, para a realidade das pessoas, e começava a questionar o porquê da discriminação, de não gostar de negro, de pobre, do controlar das pessoas. Eu mentia muito para ir treinar, para continuar na capoeira. Nem quando eu era descoberto, só dava confusão, e aí, voltava tudo de novo. Tava difícil agüentar tanta ignorância e falta de respeito, de ver as pessoas virar a cara como se fosse superior” (T.S.L. - menor).

- “Acho que a capoeira traz conhecimento da razão, e de certa forma, autoridade, e quem está no comando, não aceita isto” (Josivaldo. 32).

- “Reconheço, em todo lugar, tem uma regra que domina o pedaço, que tem uma cabeça, mas isto não quer dizer que quem recebe ordens, tem que ser burro” (J.M. - menor).

- “Hoje eu faço recreação com algumas crianças. É bom saber que estamos ajudando a alguém a aprender algo, passando para eles uma arte que já é dela, e mostrando o que realmente são,

porque a vida é dura, e é preciso de muita luta para conseguir algo, e se as pessoas se conhece, conhece a si mesmo, fica mais fácil de até entender as dificuldades” (Sandra. 19 - Monitora).

- “Capoeira para crianças é bom, porque elas gostam de folia, de brincadeira e até aprende rápido” (Sandra. 19 - Monitora).

- “[...] Deve ser pela ligação que tem com a religião, digo, sempre acham que a capoeira é macumba, xangô, é a mesma coisa” (E.F.B. - menor).

- “Na escola, a capoeira me ajudou a aprender história, e me despertou a vontade de ler, conhecer mais e mais as questões do negro” (A.R.Jr. - menor).

- “Antigamente ia pra escola só para ficar com meus amigos e fazer confusão. Já “aprontei” muito, e depois comecei a aprender capoeira, fiquei mais tranqüilo, comportado, julgando quais das minhas atitudes valia a pena. Já faz um tempão que não estou envolvido em brigas. A capoeira me mostrou que tem coisas maiores a ser conquistada. Estudar, não perder tempo com briguinhas, conquistar espaço social, trabalhar - não muito (risos), e até treinar, praticar capoeira” (J.M. - menor).

- “Como a sociedade pode ser ajudada pela capoeira? Só participando, treinando. Acho que nós precisamos divulgar, trazer as pessoas pra roda, para conhecer a história. Acho que se minha madrinha fosse treinar capoeira, ela seria bem diferente” (S.M.S. - menor).